

UMA PROPOSTA PARA RECONCEPTUALIZAR A MATERIALIDADE ARQUEOLÓGICA: O CAMPANIFORME NO NORTE DE PORTUGAL E REGIÕES CONTÍGUAS*

por

João R. P. Rebuge**

Resumo: O trabalho que de seguida se apresenta foi desenvolvido com o objectivo principal de analisar e rever as propostas metodológicas e interpretativas que têm sustentado o discurso arqueológico sobre as cerâmicas campaniformes. A temática do *Campaniforme* surge assim, antes de mais, como forma de ilustrar aquilo que julgo tratar-se de uma prática arqueológica “desumanizada”, i.e. que se tem progressivamente afastado do que deveria ser o seu centro de análise enquanto ciência social: as “pessoas”.

Tenta-se assim demonstrar que o conjunto de metodologias e modelizações recorrentemente utilizadas para caracterizar e conceptualizar estas cerâmicas, têm contribuído, exclusivamente, para a perpetuação de um modelo interpretativo (ponto 1) – ao qual se vão acrescentando ligeiras variantes em função das especificidades formais dos registos arqueológicos locais (ponto 2) – para a objectivação extrema de uma materialidade e para uma homogeneização contínua do discurso arqueológico sobre as sociedades do passado (ponto 3).

Assim, após uma breve exposição dos discursos interpretativos que têm sustentado a problematização desta materialidade – ponto 1 – apresentam-se quatro sínteses regionais que pretendem demonstrar como estes discursos têm sido aplicados de forma quase acrítica a contextos e registos variados, dando-se especial destaque à análise da problematização desta temática desenvolvida no Norte de Portugal – ponto 2.4.

Estes discursos são posteriormente criticados no ponto 3, onde se pretende demonstrar como alguns princípios conceptuais que os sustentam (a forma como concebem a materialidade do “registo” arqueológico e como essa materialidade tem sido objectificada e modelizada segundo um processo analítico-interpretativo circular que sustenta a sua própria continuidade) têm limitado a possibilidade de desenvolver outras formas de “fazer arqueologia” e de pensar a materialidade que façam mais sentido no contexto de uma ciência historiográfica.

Finalmente, no ponto 4 procurou-se expor uma forma diferente de conceptualizar a materialidade e as sociedades – baseada em contributos de outras áreas das ciências sociais e humanas (como a Filosofia ou a Sociologia) e em trabalhos de análise arqueológica centrados noutras materialidades – com o objectivo de delinear princípios interpretativos e perspectivas analíticas diferentes para o estudo das cerâmicas campaniformes, que considero poderem contribuir para abrir um novo leque de possibilidades interpretativas para estes materiais.

Palavras-chave: Campaniforme; Norte de Portugal; arqueo-historiografia.

* Relatório de Seminário de licenciatura em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Departamento de Ciências e Técnicas do Património – F.L.U.P / D.C.T.P. (Rebuge 2003), orientado pela Professora Doutora Susana Oliveira Jorge.

A opção pela publicação integral deste Seminário (possível pela disponibilidade dos T.A.E., na pessoa do Professor Vítor Oliveira Jorge) deve-se à opção de manter a coerência dos aspectos caracterizadores da “construção” deste trabalho na sua vertente académica e *narrativa*.

** Licenciado em Arqueologia pela F.L.U.P / D.C.T.P.

1. INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA DO CAMPANIFORME

A história da Arqueologia tem sido fortemente marcada pela corrente histórico-culturalista, em alguns casos (não raros) até aos nossos dias. Esta “corrente” surge em meados do século XIX influenciada principalmente por dois movimentos de pensamento: o *evolucionismo cultural* e o *nacionalismo* (Trigger 1992: 144-146). A adopção do método taxonómico na classificação de materiais arqueológicos e a concepção de *cultura* fortemente associada ao conceito de estado-nação (Thomas 1999: 20) são marcas da influência destes dois movimentos no discurso e prática arqueológica. É neste contexto que surge o conceito de *área cultural* que agrega as concepções de *cultura*, territorialidade de grupos e cultura material e que V. Gordon Childe (1929: v-vi, citado em Johnson 2000: 33) define da seguinte forma: “Encontramos cierto tipo de restos – vasijas, implementos, ornamentos, ritos de enterramiento y formas de habitación – muy recurrentes. A este complejo de rasgos asociados lo podríamos denominar «grupo cultural». Suponemos que cada uno de esos complejos es la expresión material de lo hoy llamaríamos un «pueblo».”

Esta concepção de *cultura* é ao mesmo tempo *materialista*, *normativa* e *metafísica*: entende-se que os *objectos* são reflexo de *normas culturais* que apenas se podem encontrar na *mente dos indivíduos* (Thomas 1999: 25; Johnson 2000: 34) e que por isso se encontram perdidas no passado, ou seja inacessíveis à análise do arqueólogo. Consequentemente, enquanto arqueólogos e segundo esta posição, poderemos apenas ter acesso aos restos materiais destas normas culturais, não às normas em si. Desta forma, enquanto a *materialidade* é assumida como a base do trabalho e análise arqueológica o indivíduo é, necessariamente, anulado do discurso arqueológico, restando somente a possibilidade de referência a colectividades abstractas identificadas por um conjunto homogéneo de vestígios arqueológicos (Thomas 1999: 25). Tal como Johnson (2000) evidencia, “las tipologías de la cerámica parecía que funcionaban solas, ajenas a los seres humanos que las produjeron. (...) Las tipologías cerámicas y las clases de vivienda parecía que desarrollaban unas pequeñas piernas y empezaban a funcionar solas” (*idem*: 39-40).

Na última afirmação encontra-se implícita a noção de *migração* que juntamente com a noção de *difusão* se constituem como os modelos interpretativos essenciais ao discurso arqueo-históriográfico histórico-culturalista. Ambos os modelos implicam “movimento”, mas enquanto o primeiro pressupõe necessariamente a deslocação de populações para áreas diferentes, o segundo permite assumir somente o movimento de ideias e materialidades entre áreas geográficas. Uma vez que a pressuposição de uma normatividade cultural e a definição de uma *cultura* através da homogeneidade da sua materialidade implica que uma ideia/materialidade só poderia ser “inventada” uma vez e posteriormente difundida, estes modelos permitiam justificar

a identificação de materialidades iguais ou semelhantes do ponto de vista formal em áreas geográficas distintas (Thomas 1999: 23-24).

No âmbito da “corrente” histórico-culturalista a análise do *Campaniforme* centra-se na definição da sua área de origem, da cronologia da migração ou da difusão deste e quais as razões destas (Garrido Pena 2000: 6).

Relativamente à discussão sobre a origem do *Campaniforme* o discurso arqueo-historiográfico desta “corrente” vai-se alterando ao longo do tempo: se no princípio do século o Egipto e a Ásia Menor eram vistos como possíveis pontos de origem, rapidamente a análise do ponto de origem se centrou no continente europeu (Garrido Pena 2000: 3), surgindo assim teses que divergem quanto à localização geográfica da génese do *Campaniforme* – entre outras desenvolve-se uma tese pangermanista defendendo uma origem setentrional para o *Campaniforme* e associando-o aos povos indo-germanos (*ibidem*). No entanto, é a proposta de Alberto del Castillo Yurrita (1928) – seguidor das ideias de Schmidt e Bosh Gimpera (Garrido Pena 2000: 3) – que encontra maior aceitação num primeiro momento (*ibidem*).

A tese de Castillo (1928: 34) propõe a Península Ibérica (mais precisamente o vale do Guadalquivir e a “cultura de las cuevas”) como área de origem e cultura precursora desta cerâmica, i.e., da “cultura campaniforme”. Pensava-se, na altura, que os recipientes campaniformes decorados com *estilo inciso* seriam anteriores àqueles decorados com *estilo pontilhado*, pelo que faria sentido aceitar as cerâmicas neolíticas da “cultura de las cuevas” (decoradas por incisão) como precursoras das cerâmicas campaniformes decoradas com *estilo inciso*. Esta posição baseava-se não só numa análise formal das cerâmicas, que determinava uma relação de continuidade entre os dois tipos cerâmicos – e logo entre as duas “culturas” – mas também na análise estratigráfica da estação arqueológica de *Somaén* (Garrido Pena 2000: 7).

Castillo estabelece o conjunto material que corresponderia à “cultura campaniforme”¹, define os diferentes tipos cerâmicos campaniformes² e divide cronologicamente esta “cultura” em duas fases: a primeira que decorre de 2400 a 2200 a.C. e a segunda estabelecida entre 2200 e 2000 a.C. (Garrido Pena 2000: 6) – correspondendo estas a fases distintas do “pleno eneolítico de la Península Ibérica” (Castillo Yurrita 1928: 197). Relativamente à migração/difusão da “cultura campaniforme”, Castillo

¹ “a) pontas de flecha pedunculadas ou de base côncava, de sílex, b) punhais de lâmina triangular e espigão de encaixe (cobre ou bronze), c) punções de secção quadrangular (cobre), d) machados trapezoidais de gume encurvado (cobre?), e) pontas de flecha amigdalóides, generosamente pedunculadas (cobre ou bronze), f) lâminas ou espirais (ouro), g) braços de arqueiro, h) botões de osso com perfuração em V, redondos, quadrangulares, em forma de tartaruga, i) contas de colar (geralmente de calaíte)” (Gonçalves 1971: 94).

² “I Vaso Campaniforme Marítimo: a) Atlântico, b) Mediterrâneo; II Vaso Campaniforme Almeriense; III Vaso Campaniforme Continental ou da Meseta; IV Tipos Secundários: a) piriformes, b) tulipiformes; V Tipos Híbridos; VI Tipos Ultra-Pirenaicos” (Gonçalves 1971: 95).

(*idem*: 201) propõe como justificação do despoletar das movimentações de grupos humanos (documentadas através da análise da dispersão do *Campaniforme*) a busca do cobre. No entanto, este autor não assume para a Península Ibérica a associação grupos culturais/grupos étnicos, afirmando que os “restos antropológicos no respondem aquí a una unidad étnica” ao contrário do que defendia para as regiões além Alpes (*idem*: 202); ainda assim considerava os grupos campaniformes da França, das Ilhas do Mediterrâneo ocidental e da Itália como derivados directos dos peninsulares (*ibidem*).

A tese proposta por Castillo (1928), a primeira obra de fundo a nível peninsular para explicar o *Campaniforme*, constitui-se como exemplo do quadro geral da problematização histórico-culturalistas desta temática. Esta teoria³ acabou por ser refutada por alguns investigadores que abandonaram, ainda que parcialmente, a tese da origem peninsular do *Campaniforme* (Garrido Pena 2000: 7-8).

As teorias histórico-culturalistas⁴ que se vão definindo posteriormente, apesar de variadas e matizadas, revêem-se nas problemáticas teóricas e nos critérios metodológicos utilizados por este autor em 1928 (Garrido Pena 2000: 12). Pode aliás afirmar-se que, no caso da Península Ibérica, a transposição de um ambiente conceptual histórico-culturalista para a “corrente” processual ainda decorre de um modo lento e incompleto (*idem*: 10). De uma forma geral, denota-se ainda na abordagem desta temática uma preocupação constante com a definição dos *tipos* campaniformes identificados, com a discussão da sua cronologia e com a definição de paralelos formais para estes materiais, sem que a aplicação destas metodologias de trabalho sejam conceptualizadas de forma a permitirem a definição de novas linhas de investigação e problematização sobre o tema (*ibidem*). Em última análise poderá falar-se numa prática arqueológica de adopção acrítica de modelos metodológicos e explicativos (Valera *no prelo*).

Nas décadas de 60 e 70, a “corrente” processual nasce da reacção de um grupo de novos arqueólogos que espera conseguir ultrapassar as deficiências que atribui ao discurso e à prática arqueológica histórico-culturalista. Lewis Binford e David. L. Clarke são dois dos mais importantes investigadores que desenvolveram o programa teórico-prático processualista: o primeiro no continente americano com estudos etno-arqueológicos (Binford 1991), o segundo no Reino Unido desenvolvendo modelos analíticos (Clarke 1968).

Estes autores acusam a Arqueologia tradicional de ser acientífica e de não comportar preocupações antropológicas (Johnson 2000: 38). A primeira destas críticas relacionava-se com o facto da Arqueologia tradicional ser essencialmente

³ Embora tenha apresentado a primeira tese sobre a origem do *Campaniforme* com maior aceitação geral, Castillo encontrara desde o início algumas vozes mais cépticas, como Childe (1950: 76, citado em Garrido Pena 2000: 3) que chegara a afirmar: “(...) increíble no teniendo nada mejor que ofrecer la accepto”.

⁴ Exemplos desta “corrente” são as obras de: Savory 1968; Sangmeister 1963; Ferreira 1966; Gonçalves 1971; Harrison 1974, 1977a; Delibes de Castro 1977; Bernabeu 1984; Suárez Otero 1997a, 1997b.

recolectora e sequenciadora de materiais arqueológicos e de não ambicionar colocar hipóteses interpretativas, confrontá-las com os dados e daí extrair generalizações (*ibidem*); algo que apenas seria possível se a investigação fosse conduzida por problemáticas e modelos definidos *a priori* (*idem*: 45). O carácter não antropológico da Arqueologia histórico-culturalista prende-se com o que se procurou afirmar na sua caracterização: confundindo-se materiais com pessoas criaram-se entidades culturais que se caracterizavam por normas sociais rígidas que, por sua vez, se reflectiriam na cultura material documentada (*idem*: 38-39). No decorrer destas críticas a Arqueologia Processual procurou desenvolver caminhos para constituir uma Arqueologia mais científica e um discurso com maiores preocupações antropológicas que procurasse a explicação de “fenómenos” ao invés da descrição de materialidades e de acontecimentos.

A procura de uma maior cientificidade passou pela reflexão epistemológica (Thomas 1999: 25), que implicou uma explicitação e objectivação dos conceitos e métodos utilizados, numa tentativa de anular a “subjectividade” inerente ao discurso histórico-culturalista (Johnson 2000: 43). Este caminho para a cientificidade levou à adopção do método das “ciências naturais” – “hipotético-dedutivo-nomológico” (*idem*: 60) – que “permitiria” à Arqueologia formular *leis* gerais do comportamento humano (Thomas 1999: 26) e, por conseguinte, à adopção de métodos das “ciências exactas”³ (Johnson 2000: 43-45).

A Arqueologia Processual atribui particular ênfase à análise, discussão e explicação do *processo cultural* (Johnson 2000: 43) no contexto de uma abordagem em que as sociedades humanas são compreendidas e conceptualizadas seguindo a *Teoria de Sistemas* (*idem*: 41). Ou seja, as sociedades humanas são compreendidas e analisadas como um ecossistema, um todo composto por diferentes subsistemas interactuantes, cada um com uma *função* particular (económica, cultural, religiosa, social), que no conjunto das suas relações de *feedback* tendem para a homeostase (*idem*: 96).

Neste contexto, a *cultura* constitui-se como um subsistema, sendo definida por Binford (1964, citado em Johnson 2000: 42) como “la forma extrasomática de adaptación al medio de los seres humanos”. Uma definição que se pode considerar algo ambígua: por um lado, *cultura* não é considerada simplesmente como equivalente do comportamento humano documentado pelo registo arqueológico, por outro lado não é também assumida como algo localizado simplesmente no limiar das ideias. Assim sendo, resta situar esta noção de *cultura* num “limiar metafísico/operatório”, ou seja

³ Tais como os estudos de fauna, a paleontologia, as datações por C₁₄, a dendrocronologia e os métodos estatísticos para análise da variabilidade que levaram às simulações computadorizadas de modelos (Johnson 2000: 43-45).

a *cultura* só existiria no momento da sua activação, como um comportamento produtor de adaptabilidade do ser humano ao meio, através da materialidade (Thomas 1999: 25-29). Desta forma, para Binford o objectivo da Arqueologia não passa pela produção de discursos que remetam para uma paleopsicologia (*idem*: 27), mas sim para a análise do registo arqueológico estático a partir do qual será possível alcançar as dinâmicas dos comportamentos humanos que o produziram. Tal é possível pela aplicação da *Middle Range Theory* à análise do registo arqueológico (*idem*: 26). Esta constitui-se como um corpo de argumentos explanatórios, baseados em estudos etno-arqueológicos, a partir dos quais se estabeleceriam regras gerais de comportamento humano aplicáveis, portanto, à explicação do registo arqueológico pré-histórico (Thomas 1999: 26; Johnson 2000: 72).

Exactamente porque pretende estabelecer regras universais que possam ser aplicadas na explicação de qualquer fenómeno humano, o discurso processualista tende a sustentar as suas teorias explicativas em conceitos generalistas como *intensificação*, *interacção* e *adaptação*, contribuindo assim para a criação de modelos interpretativos homogéneos e, em última análise, para a (re)criação de um passado uniforme independentemente do contexto em análise.

Exemplo desta prática arqueológica é a forma como se conceptualiza a evolução interna das diferentes comunidades (Sahlins e Service 1960). Esta baseia-se numa visão neo-evolucionista da sociedade, onde as transformações internas de uma qualquer comunidade se processam seguindo uma série de estádios evolutivos, do mais simples para o mais complexo – bandos, tribos, chefaturas e estado (Sahlins e Service 1960; Johnson 2000: 40; Jones 2002: 15). Trata-se de uniformizar a variabilidade arqueológica (a um nível extremo) com base numa série de características formais que permitem secundarizar as possíveis particularidades de diferentes contextos humanos, de forma a categoriza-los num número restrito de tipos de sociedade. Uma vez que estes tipos são generalizáveis a diferentes comunidades de todo o mundo, estas tornam-se passíveis de comparações transculturais. A interpretação da evolução interna das sociedades é assim conceptualizada de forma linear, analisada de forma sistémica e recriada por um discurso explicativo que se centra em factores relacionados com a intensificação económica/social: é através da produção de excedentes, da alteração dos meios de produção⁶ ou ainda do controlo de certas produções ou materiais que se explicam alterações internas do sistema, que por sua vez terão consequências nas interacções intra e inter sistemas, caracterizando-se estas últimas pela procura e troca de “bens de prestígio” entre as “elites” de diferentes grupos humanos (Johnson 2000: 97).

⁶ Exemplo do aproveitamento da ideia das alterações dos meios de produção será o modelo da Revolução dos Produtos Secundários proposto por Sherratt (1981).

Este modelo de análise será desenvolvido na discussão da problemática *Campaniforme* por David L. Clarke (1976) numa tentativa de ultrapassar as limitações que o próprio atribui aos modelos interpretativos desenvolvidos no âmbito da “corrente” histórico-culturalista. Estas críticas referem-se à excessiva preocupação com a origem e cronologia da difusão do *Campaniforme* e ainda ao facto de se apontar sempre uma causa singular para a difusão desta materialidade ainda que esta se relacione com uma multiplicidade de realidades (*idem*: 461).

A sua maior crítica refere-se, no entanto, ao facto da cerâmica campaniforme ser considerada pelos histórico-culturalistas como uma cerâmica comum (Clarke 1976: 462). Em contraposição, Clarke coloca a hipótese da cerâmica campaniforme se tratar de um “bem de prestígio”, distinguindo-a das restantes cerâmicas encontradas em contextos habitacionais⁷ (*ibidem*). Para consubstanciar esta hipótese recorre a exemplos etnográficos de produção cerâmica, chegando à conclusão que a produção de um vaso campaniforme poderia demorar cerca de 4 a 6 horas, enquanto as restantes cerâmicas demorariam apenas 3 a 4 horas de trabalho (*idem*: 470). Segundo Clarke (*idem*: 471), o tempo disponível para a demorada produção de um vaso campaniforme explica-se como resultado da intensificação da economia do grupo, ou seja: numa situação de produção de excedentes haveria a possibilidade de libertar mão-de-obra, anteriormente necessária para a produção de bens essenciais, que estaria agora disponível para se dedicar à produção de outros bens. A demorada produção deste tipo cerâmico faria com que lhe fosse atribuída uma valorização correspondente (*idem*: 470-471).

Em conclusão, Clarke (1976: 471-472) assume estar perante uma cerâmica de excepção que, em função da sua dispersão, permite ser pensada também como um elemento de prestígio envolvido em redes de intercâmbio – que existiriam já anteriormente ao seu aparecimento e onde circulavam outros materiais também considerados de prestígio⁸ – controladas agora por “elites”⁹. Estes “bens de prestígio”, associados ao *Campaniforme*, seriam utilizados por sociedades ainda no início do seu processo de complexificação, caracterizadas com base em paralelos etnográficos de sociedades onde os líderes alcançam o seu estatuto diferenciado durante a sua

⁷ A reflexão de Clarke (1976) aqui seguida analisa exclusivamente a cerâmica campaniforme identificada em povoados.

⁸ Estes materiais seriam segundo Clarke (1976: 471): “stone axes and bracers, flint axes, copper and bronze daggers and points, copper, gold and silver trinkets, ivory, amber, cullais, shells and perhaps salt, textiles, women and pots?”. Será interessante salientar a hipótese de Clarke (*ibidem*) para a possível ligação entre a produção têxtil e a produção cerâmica, pois considera que ambas são fruto do trabalho feminino, e a importância do casamento inter comunitária para a circulação das cerâmicas campaniformes.

⁹ Para a análise da troca de cerâmicas o autor propõe métodos como a petrologia e a mineralogia, para o estudo da presença desta cerâmica em povoados, Clarke (1976: 472) vê a necessidade da utilização de métodos quantitativos para estabelecer a variabilidade existente entre estações e entre diferentes regiões.

vida e não de forma hereditária¹⁰ (*idem*: 471). O “desaparecimento” do *Campaniforme* do registo arqueológico seria resultado não do desaparecimento das redes de troca entre elites, mas simplesmente da evolução para uma forma mais complexa de sociedade caracterizada pela transmissão hereditária de estatuto social diferenciado¹¹, que utilizaria outros materiais como “bens de prestígio” (*ibidem*).

Tal como já se expôs para a “corrente” histórico-culturalista, também na “corrente” processualista são numerosos os trabalhos produzidos que se centram no estudo do campaniforme, mas o modelo conceptualizado por Clarke (1976) serve para fornecer uma imagem das problemáticas e dos métodos usados por outros autores processualistas¹².

Em conclusão, no que diz respeito à problematização do *Campaniforme*, a primeira destas “correntes” caracteriza-se por um discurso arqueo-históriográfico marcado pela preocupação em definir a origem, a forma e a cronologia da disseminação das materialidades identificadas no registo arqueológico. Uma vez que estas materialidades eram equacionadas com um “povo” do passado, a simples prática arqueológica de descrever a primeira era assumida como construção de conhecimento sobre a segunda. Como foi referido anteriormente, relativamente à análise desta temática são utilizados unicamente dois argumentos interpretativos para explicar a disseminação deste tipo cerâmico: o mecanismo da *migração*, que implicava assumir a movimentação no espaço de um grupo étnico; e o mecanismo da *difusão*, que implicava assumir somente a dispersão de uma moda ou de um conjunto de ideias entre grupos diferentes.

Reagindo às limitações que os próprios apontavam ao histórico-culturalismo, os autores processualistas procuram a explicação da variabilidade registada na documentação das materialidades recuperadas em escavação. A prática arqueológica pretende ser, a partir de então, mais que uma tarefa descritiva da materialidade recuperada no registo arqueológico, para passar a ser uma reconstituição dos processos (da dinâmica) que produziram essa materialidade. Uma vez que as realidades humanas do passado são pensadas como sistemas interactuantes compostos por subsistemas que funcionam mediante relações de *feedback* (muitas das vezes pensados como simples causa/efeito!), a análise da materialidade arqueológica procede através de uma sequência de descrição/uniformização da variabilidade/explicação/modelização (adoptada das “ciências exactas”) com o objectivo de definir leis gerais do comportamento humano e

¹⁰ Como no caso das sociedades “lideradas” pela figura dos “*Big Man*” (Clarke 1976: 471).

¹¹ Clarke (1976: 471) associa a esta nova forma social, que surgiria na Idade do Bronze, a figura dos “*Chiefs*”.

¹² Como são os casos de: Burgess e Shennan 1976; Harrison e Gilman 1978; Harrison 1980; Criado Boado e Vázquez Varela 1982; Jorge 1986; Sherratt 1987; Senna-Martinez 1994; Alday Ruiz 1996; Garrido Pena 2000.

promover a Arqueologia ao estatuto de ciência. No caso da temática do *Campaniforme*, a análise arqueológica centra-se na definição dos graus de dispersão espácio-temporais deste tipo cerâmico e na criação de modelos sistémicos que possam explicá-la. Estes modelos caracterizam-se por uma grande uniformidade recorrendo na sua generalidade ao argumento explicativo *do processo de complexificação das sociedades* que teria conduzido necessariamente ao aparecimento de “elites” em afirmação. Ou seja, numa situação de intensificação económica uma determinada esfera da sociedade teria a possibilidade de se diferenciar por meio do controle dos meios de produção e da sua implementação e também do controle dos mecanismos de interacção entre diferentes comunidades; situação que por sua vez conduziria a uma ainda maior intensificação económica e à possibilidade de criação de monopólios da manipulação de determinadas materialidades, identificadas, por isso mesmo, como “bens de prestígio”. A intensificação e a interacção económica e social conduziram por seu lado a uma (necessária) evolução da sociedade para níveis de estratificação social mais elevados e consolidados, onde de um processo de afirmação de determinados estratos sociais, se passaria a uma situação de transmissão hereditária do poder.

Em ambas as perspectivas acima expostas as “pessoas” e o passado pré-histórico são substituídos por conceptualizações abstractas: na primeira as materialidades produzidas e usadas por “pessoas” surgem como personificação das mesmas; enquanto na segunda, apesar da aparente nomeação de “pessoas”, estas são substituídas por modelos que as apresentam como sistemas funcionalistas de comportamentos uniformizados e gerais, apresentados como leis científicas que permitem a previsibilidade do comportamento humano. Na minha opinião, estes discursos não problematizam aquele que deveria ser o centro de análise das ciências humanas e sociais, i.e.: a “vivência” intersubjectiva no interior de uma comunidade de “pessoas” e as teias de relacionabilidade que estas podem criar com a materialidade que as rodeia.

2. ANÁLISE ARQUEO-HISTORIOGRÁFICA DO CAMPANIFORME NA GALIZA, MESETA, BEIRA ALTA E NORTE DE PORTUGAL

O objectivo deste segundo ponto é expor, de forma sucinta, alguns contributos arqueo-historigráficos sobre o *Campaniforme*, realizados nos últimos vinte anos para o Norte de Portugal e regiões contíguas – Galiza, Meseta e Beira Alta – com o intuito de apresentar que tipo de metodologias de análise e modelos interpretativos têm sido utilizados na abordagem desta temática. Dado o papel que o quadro cronológico do *Campaniforme* tem assumido nas interpretações destes materiais, as datações absolutas existentes para cada uma das regiões mereceram uma exposição mais particularizada.

2.1. Galiza

a) Metodologias de análise e interpretações

O primeiro trabalho de síntese relativo à análise de cerâmicas campaniformes provenientes da província da Galiza é da autoria de Felipe Criado Boado e de J.M. Vázquez Varela (1982). Este trabalho pretendia ultrapassar as perspectivas e limitações de estudos anteriores de pendor histórico-culturalistas, através de um estudo de carácter antropológico que permitisse analisar os graus de interacção entre o “fenómeno campaniforme” e as materialidades que o antecediam (*idem*: 11). Boado e Vázquez Varela (*idem*: 67) desenvolvem também uma análise comparativa entre os resultados do seu estudo e as informações disponíveis sobre cerâmicas campaniformes de outras áreas geográficas, com o intuito de estabelecer um relacionamento entre a Galiza e outras regiões.

Embora apresentem um *corpus* de informação relativo a um total de vinte e duas estações arqueológicas¹³, do qual constam informações sobre as cerâmicas campaniformes aí identificadas e sobre outros materiais associados a estas (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 15-46), Boado e Vázquez Varela (*idem*: 12) centram a sua análise exclusivamente nos recipientes campaniformes que na Galiza não surgem associados a outros materiais tipicamente considerados como parte do chamado “pacote campaniforme”¹⁴ ou à produção metalúrgica¹⁵.

Da análise morfo-tipológica destas cerâmicas resulta a definição de dois tipos de formas (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 47): vasos campaniformes (na sua quase totalidade) e “cazuelas” (representadas apenas por dois recipientes). Aos aspectos da produção tecnológica (*idem*: 48) é feita uma breve referência: com base na similitude da composição das pastas cerâmicas (analisadas macroscopicamente) afirma-se a produção local deste tipo cerâmico (*idem*: 88). Relativamente à análise das técnicas decorativas¹⁶, os autores concluem que a cerâmica campaniforme da Galiza é predominantemente decorada segundo a técnica de pontilhado (*ibidem*),

¹³ Sendo que apenas três destas se tratariam de povoados (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 55). Por sua vez o vaso recuperado na estação arqueológica do *Coto da Laborada*, uma necrópole formada por quatro fossas, não se trata de um vaso campaniforme embora se coloca a hipótese da sua decoração se tratar de uma pervivência da decoração campaniforme (*idem*: 44-45).

¹⁴ No caso dos materiais em cobre, a sua ausência dos registos arqueológicos estudados poderá relacionar-se com as “violações” que foram alvo diferentes sítios, visto estarem documentadas oralmente “violações” em que foram pilhados exclusivamente artefactos metálicos (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 12).

¹⁵ Contudo, registam-se excepções como nos casos das estações de *Fisterra* e de *Roupar* onde se documentou a associação entre cerâmicas campaniformes e artefactos metálicos de cobre (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 62). Existem também evidências que poderiam documentar o *horizonte de Montelavar* em coexistência com a cerâmica campaniforme (*idem*: 12-13).

¹⁶ Criado Boado e Vázquez Varela (1982: 52), apontam a cestaria e a produção têxtil como focos de inspiração para as decorações campaniformes.

representada pelos *estilos marítimo, variante internacional; marítimo, variante linear e pontilhado geométrico*, muito embora estes apresentem alguma variabilidade ao nível das organizações decorativas e da representatividade destas (*idem*: 50). Ainda quanto às técnicas decorativas, a incisão¹⁷ “penteada”¹⁸ e a impressão com matriz de concha¹⁹ (*Chlamis opercularis*) são registadas como excepções (*idem*: 48-49) e interpretadas como reinterpretações/“estilos locais” campaniformes²⁰. Finalmente, a decoração (em particular a decoração pontilhada) é entendida pelos autores (*idem*: 49) como tendo apenas “una función decorativa: “su presencia en el cacharro ennoblecería a este, haciendo ressaltar más su decoración”.

No que diz respeito à análise dos contextos em que foi recuperada cerâmica campaniforme, estes são divididos em dois grupos principais: povoados²¹ e contextos funerários (Criado Boado e Vázquez Varela: 55); sendo que os últimos são ainda divididos em quatro variantes: monumentos megalíticos²², mamoa²³, cistas-megalíticas²⁴ e *tumulus* sem câmara²⁵ (*idem*: 56-59). Em alguns destes contextos funerários surgem outros materiais²⁶ que embora não analisados neste trabalho são referidos como

¹⁷ No presente trabalho segue-se a proposta de António Valera (1997a: 84) para a denominação e caracterização desta técnica decorativa, que se entende tal como este autor a descreve: “elementos básicos correspondentes a riscos, mais ou menos paralelos, em número correspondente ao número de dentes do pente, realizados de forma corrida, portanto *incisa*, sobre a pasta húmida ou semi-seca”. Esta opção pretende valorizar esta técnica enquanto uma *acção*, contrariamente à opção de valorizar o objecto com o qual se produziu a decoração, ideia que me parece subjacente à denominação – *impressão penteada* – e caracterização definidas por Susana Jorge (1986) e Maria de Jesus Sanches (1997a: 96 – anexo IV) –: “a utilização de uma matriz múltipla, o pente, que ao enterrar-se e deslizar num movimento único ao longo da pasta, produz, ou *multiplica*, motivos sempre idênticos” (*ibidem*).

¹⁸ Representada por um vaso campaniforme recuperado na mamoa de *Gándaras de Budiño* (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 35-37 e 52).

¹⁹ Documentada numa “cazuela” recolhida no dólmen da *Paxubeira* (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 20-22 e 52). É também em fragmentos cerâmicos campaniformes deste monumento que se encontra documentada a utilização de incrustações de pasta branca (*idem*: 49).

²⁰ “Productos locales”, fruto da reinterpretação do “fenómeno [campaniforme] artístico inovador que se introduz en el NO” (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 52-53).

²¹ *A Fontenla, Morcigueira e Os Pericos* (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 55).

²² *Paxubeira, Argalo, Lousada I e 3, Buriz, Chan de Arquíña, Oirós e Maus de Salas* (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 56). Fábregas Valcarce (1988: 68) refere esta última estação em paralelo com a mamoa I de *Chã de Carvalho* (Cruz 1991) como possibilidade da pervivência da construção megalítica até momentos tardios da Pré-História Recente a par das habituais reutilizações. Num artigo mais recente Fábregas Valcarce e Ruiz-Gálvez Priego (1997: 201) referem também a mamoa 5 de *Cotogrande* como pertencente a este grupo de monumentos, neste último detectou-se também a presença de cerâmica campaniforme, aqui associada a cerâmica tipo *Penha* e a utensílios líticos (*idem*: 200).

²³ *Santiago, Gándaras de Budiño e Mugueimes* (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 58).

²⁴ Representado pela estação arqueológica de *Pontes de García Rodríguez*, no seu túmulo 245 (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 58).

²⁵ *Tecedeiras, Roupar e Pontes de García Rodríguez* – túmulos 219 e 242 – (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 59).

²⁶ Os materiais referidos por Criado Boado e Vázquez Varela (1982: 59) são essencialmente artefactos em pedra polida e *maças*, estas últimas consideradas como “fóssil director” do *horizonte Rechaba*.

materialidades possivelmente associadas à cerâmica campaniforme mas não de modo seguro devido aos revolvimentos documentados na totalidade destas estações e à falta de escavações rigorosas (*idem*: 60-62).

Segundo Criado Boado e Vázquez Varela (1982: 62), a análise da relação contextos/*estilos campaniformes* demonstra que o *estilo marítimo, variante internacional* e o *estilo marítimo, variante linear* se encontram associados na Galiza: documentaram-se vasos em que se encontram associados os dois estilos decorativos e no dólmen de *Buriz* estes dois estilos surgem associados embora em vasos distintos (*idem*: 64). Para além disso, nos monumentos megalíticos documentam-se apenas cerâmicas campaniformes decoradas com estes dois estilos²⁷, levando os autores a correlacionar: “las formas campaniformes más antiguas con el tipo de cámara y ajuares megalíticos más recientes (*ibidem*). Por sua vez, o *estilo pontilhado geométrico*, em função dos contextos em que foi recolhido e dos materiais que se lhe associam²⁸, corresponderia a uma “línea innovadora” (*idem*: 65).

Através de uma análise comparativa das decorações e morfologias destas cerâmicas com cerâmicas campaniformes de outras regiões, os autores concluem ainda que as comunidades da Galiza teriam estabelecido intercâmbios não com a Bretanha francesa mas com as comunidades do Vale do Tejo, onde teriam origem os recipientes decorados segundo as duas variantes do *estilo marítimo*, (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 67-72 e 77). Relativamente ao *estilo pontilhado geométrico*, e através do mesmo tipo de análise comparativa, os autores colocam duas hipóteses quanto à sua origem: o Vale do Tejo, ou uma ligação aos estilos da Meseta Norte espanhola através de um refluxo vindo de este (*idem*: 72-74 e 77). Esta última hipótese acaba por ser valorizada pelos autores que formulam o seu modelo interpretativo sobre o *Campaniforme* galego segundo a *Teoria do Refluxo* de E. Sangmeister (1963).

Assim, a presença na Galiza do *estilo marítimo* nas suas variantes corresponderia a um “fenómeno complejo de contacto e aculturación, en el cual la cerámica campaniforme penetra en la Cultura Megalítica de NW y se funde con ella”²⁹ (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 90). Esta “Cultura Megalítica” estaria numa fase inicial de hierarquização caracterizada, pelos autores, como uma fase de conflito bélico (*ibidem*). O *pontilhado geométrico*, associado a uma “metalurgia innovadora”³⁰,

²⁷ Ainda que no caso do dólmen da *Paryubeira* se tenha identificado também um vaso decorado com matriz de concha (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 64).

²⁸ Este estilo surge em estações do grupo dos *tumulus* sem câmara, que corresponderia a um tipo de inumação mais recente, associado a materiais líticos de “un momento avanzado” (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 65).

²⁹ Posição partilhada por Fábregas Valcarce (1988: 60) e Delibes de Castro (1989: 56).

³⁰ Beatriz Comendador Rey (1995: 315) rebate a possibilidade de relação entre o *Campaniforme* e a entrada de um novo tipo de metalurgia no Noroeste Peninsular, critica também o faseamento da produção metalúrgica nesta região – mesmo a suposta inovação que se constataria na adição de arsénio ao cobre parece

marcaria o culminar de tensões internas desta “Cultura” e o seu lento desaparecimento, evidenciado pelo início da prática de inumações individuais nos *tumulus* sem câmara³¹ (*idem*: 91) no contexto de uma sociedade hierarquizada na qual as tensões internas continuariam a despoletar conflitos bélicos³² (*ibidem*).

Em função desta proposta, e na ausência de datações absolutas para contextos arqueológicos com cerâmica campaniforme à altura deste trabalho, as cronologias avançadas para estas cerâmicas baseiam-se numa extrapolação dos quadros cronológicos definidos para as áreas geográficas que se estabelecem como pontos de origem e de refluxo destes materiais: na Galiza os *estilos marítimos* são enquadrados cronologicamente no intervalo entre 2100 e 2000 a.C., enquanto o *estilo pontilhado geométrico* é situado entre 1900 e 1800 a.C. (*idem*: 80).

Numa abordagem mais recente embora de cariz mais tradicionalista, Suárez Otero (1997a, 1997b) propõe um modelo interpretativo para a presença de cerâmicas campaniformes na Galiza com base no estudo de um único tipo cerâmico campaniforme – o *estilo cordado* (*All Over Corded* – AOC) – que se regista apenas em duas estações arqueológicas galegas: o povoado aberto de *A Fontenla*³³ (Suárez Otero 1997a) e o abrigo *Arca dos Penedos*³⁴ (Eguileta Franco *et alii* 1993/1994). Numa terceira estação, o dólmen de *Forno dos Mouros*, registou-se ainda a ocorrência de uma cerâmica com decoração *estilo Corded Zone Maritime* (CZM).

A falta de contextos seguros e bem estudados não invalida que Suárez Otero defina a importância (mesmo que a caracterize como ainda não provada!) destes fragmentos cerâmicos para a explicação da presença de cerâmicas campaniformes na

não ser uma inovação deste período. O seu estudo baseia-se em análises arqueometalúrgicas de materiais da Galiza, Norte de Portugal e Astúrias, em número desigual, 86, 4 e 2 amostras, respectivamente (*idem*: 510). Fábregas Valcarlos e Ruíz-Gálvez Priego (1997: 198) referem também a possibilidade da existência da metalurgia do cobre e do ouro para um momento pré-campaniforme no Noroeste Peninsular.

³¹ Numa brevíssima síntese em que analisam o Campaniforme galego, Fábregas Valcarlos e Meijide Cameselle (2000: 70), argumentam a valorização do indivíduo devido à inumação individual e ao surgimento de um *ben de prestígio* – o vaso campaniforme – no depósito funerário que o acompanhava. Defendem, no entanto, que esta diferenciação não seria total, visto que esta valorização do indivíduo não encontra paralelo nos povoados, nem nas estratégias de produção, facto que demonstraria estarmos na presença de “elites” ainda incipientes (*ibidem*).

³² Num artigo mais recente Vázquez Varela (1995) continua a manter esta opinião em relação às estruturas sociais destas sociedades na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze.

³³ Suárez Otero (1997a: 13) considera segura a associação entre a cerâmica campaniforme *cordada* e cerâmica campaniforme com outras técnicas decorativas (pontilhada e incisa), apesar dos problemas de interpretação estratigráfica desta estação devido à ausência de informação sobre o processo de escavação da mesma (*idem*: 12). No entanto a estratigrafia aí documentada pode caracterizar-se por um nível superior onde se registou a presença de cerâmica campaniforme e um nível inferior sem presença de cerâmica campaniforme (*idem*: 11). As cerâmicas campaniformes poderiam encontrar-se associadas a cerâmicas calcolíticas locais e duas pontas de seta de base recta (Suárez Otero 1997b: 29).

³⁴ Neste abrigo foram recuperados à superfície cinco fragmentos cerâmicos pertencentes a um mesmo vaso decorado segundo o *estilo cordado* (AOC) (Eguileta Franco *et alii* 1993/1994: 57-59).

Galiza (Suárez Otero 1997b: 33) ao interpretar a sua presença como resultante de movimentações de populações originárias da Europa Central (*idem*: 42). Segundo o autor, as movimentações populacionais associadas ao *estilo cordado* estariam também relacionadas com o aparecimento de *maças* (*horizonte Rechaba*) na Galiza³⁵ (*ibidem*).

Maria P. Prieto Martínez (1999; Cobas Fernández e Prieto Martínez 1999; Prieto Martínez 2001) publicou vários trabalhos sobre a cerâmica da Idade do Bronze da Galiza, onde desenvolve uma abordagem baseada em conceptualizações propostas no âmbito da *Arqueologia da Paisagem*³⁶ e do estruturalismo de Lévi-Strauss³⁷ (Cobas Fernández e Prieto Martínez 1999: 9-10) e através da qual se propõe abandonar as perspectivas histórico-culturalistas e processualistas sobre a questão do *Campaniforme*.

O estudo que apresenta tem como base essencial a exploração metodológica e interpretativa de dois conceitos (Prieto Martínez 1999: 75-76): *cadeia operatória* (conceito que permite à autora ultrapassar as limitações impostas por uma análise morfo-tipológica, substituindo-a por uma metodologia que inclui a análise dos diferentes momentos da produção das cerâmicas e explorar o significado social e simbólico das opções tecnológicas da produção, *idem*: 76-77) e *estilo* (conceito que utiliza para abordar a relação da decoração cerâmica com a “formalización externa del poder”³⁸, *idem*: 75); e inclui na amostragem de análise exemplos da totalidade do conjunto cerâmico característico da Idade do Bronze da Galiza: *cerâmica decorada campaniforme*³⁹, *cerâmica decorada não campaniforme*⁴⁰ e *cerâmica não decorada*⁴¹ – recuperada tanto em contexto doméstico⁴² como em contexto funerário⁴³ (*idem*: 71-72).

³⁵ Hipótese já colocada por Delibes de Castro (1989: 58) que define dois possíveis caminhos para a entrada destes materiais no Noroeste Peninsular: uma via marítima a partir da Bretanha ou um caminho terrestre entre a Europa Central e a Galiza, que explicaria o aparecimento de *maças* também no País Basco. Esta possibilidade foi também defendida por outros autores (Eguileta Franco *et alii* 1993/1994: 61).

³⁶ Cf. Criado Boado 1989, 1993.

³⁷ Permitindo à esta autora abandonar as tipologias e as denominações clássicas dos diferentes tipos de cerâmica campaniforme (Prieto Martínez 1999: 78). Contudo a opção de não utilizar as denominações tradicionais da cerâmica campaniforme levanta dificuldades no entendimento da desconstrução que faz da perspectiva histórico-culturalista e processualista.

³⁸ A autora remete a sua noção de poder (Prieto Martínez 1999: 75) para a forma como este é problematizado por Foucault (1981).

³⁹ A autora define quatro sub-estilos para a cerâmica campaniforme, definido em função das suas características formais: o sub-estilo 1 encontra-se quase exclusivamente em contexto funerário; o sub-estilo 2 quase exclusivamente em contexto doméstico; os sub-estilos 3 e 4 encontram-se exclusivamente em contexto doméstico (Prieto Martínez 1999: 80) Como já se referiu é difícil estabelecer-se relações entre estes sub-estilos e os estilos campaniformes tradicionais pois a autora não explora essa problemática, limitando-se a desenvolver uma nova classificação.

⁴⁰ Este grupo cerâmico é dividido em dois sub-estilos: o 1 regista-se exclusivamente em contexto doméstico; o 2 encontra-se exclusivamente em contexto funerário (Prieto Martínez 1999: 80).

⁴¹ Este grupo cerâmico foi dividido em dois sub-estilos, também caracterizados por uma dicotomia relativamente aos contextos em que são recuperados (Prieto Martínez 1999: 81).

⁴² Estão referenciadas 117 estações arqueológicas com cerâmica da Idade do Bronze da Galiza, no entanto no estudo desta autora apenas se puderam estudar sistematicamente as cerâmicas provenientes de 69 sítios

Da análise realizada resultou a definição de três *cadeias operatórias* que permitem diferenciar, em termos de produção, os seguintes grupos: *cerâmica decorada campaniforme*, *cerâmica decorada não campaniforme* e *cerâmica não decorada* (Prieto Martínez 2001: 133). Com base nesta diferenciação estabelecida para a *cerâmica decorada campaniforme*⁴⁴, Prieto Martínez relaciona este tipo cerâmico com o consumo de bebidas alcoólicas⁴⁵ (Prieto Martínez 1999: 21; Prieto Martínez 2001: 129) e com um uso ritual restrito – tanto em contexto doméstico como em contexto funerário – (Prieto Martínez 2001: 129), referindo-as mesmo como representantes dos “valores del grupo de guerreros”⁴⁶ (*idem*: 130).

Relativamente aos restantes grupos cerâmicos analisados, a autora sugere a seguinte interpretação: em contexto doméstico as *cerâmicas não decoradas* teriam funções variadas associadas ao conjunto de actividades que aí decorreriam e seriam de uso colectivo, enquanto as *cerâmicas decoradas não campaniformes* serviriam para as mesmas funções mas a um “nível más específico” (Prieto Martínez 1999: 84); em contexto funerário estes dois grupos cerâmicos assumiriam as mesmas funções das *cerâmicas decoradas campaniformes*, i.e., uma utilização individual e ritual (*ibidem*).

Seguindo os pressupostos da *Arqueologia da Paisagem* (Prieto Martínez 1999: 84-85), a autora distingue também os grupos cerâmicos analisados relativamente à sua visibilidade ou ocultação: a *cerâmica decorada campaniforme* e a *cerâmica não decorada* em contextos funerários associar-se-iam a uma tentativa de visibilidade; a *cerâmica decorada não campaniforme* e a *cerâmica não decorada* doméstica estariam associadas a uma tentativa de ocultação (*ibidem*).

arqueológicos, dos quais 32 correspondem a contextos domésticos (Prieto Martínez 1999: 72). A cerâmica estudada proveniente destas estações (851 recipientes) corresponde a 70% da cerâmica conhecida para este tipo de contexto atribuíveis à Idade do Bronze (*ibidem*).

⁴² Foram estudadas cerâmicas de 37 estações arqueológicas – monumentos, cistas e fossas – correspondendo a 106 recipientes cerâmicos, representando 63% da cerâmica da Idade do Bronze conhecida para este tipo de contextos (Prieto Martínez 1999: 72). Contudo apenas as cerâmicas de duas estações (A *Forxa* e o dólmen de *Forno dos Mouros*) foram estudadas de forma directa, as restantes foram analisadas através de consulta bibliográfica (*ibidem*).

⁴⁴ Segundo a autora as cerâmicas campaniformes analisadas podem ser diferenciadas das restantes em função das diferenças que apresentam ao nível das seguintes variáveis: capacidade dos recipientes; morfologia dos recipientes (bordo/ paredes/ fundo); técnicas de acabamento (tratamentos de superfície e técnicas de decoração); e pastas (tipos de e.n.p. e texturas) (Prieto Martínez 2001: 128).

⁴⁵ A autora informa que os recipientes campaniformes não apresentam vestígios de fuligem (Prieto Martínez 1999: 21) e que por conseguinte não serviriam para a confecção de comida ao contrário dos restantes sub-estilos cerâmicos, não estando também relacionadas com o armazenamento (*idem*: 22). Os estudos de Sherratt (1987) e de Dumézil (1990a, 1990b) são expostos como argumentos da utilização destes recipientes cerâmicos no consumo de bebidas alcoólicas (Prieto Martínez 1999: 21; Prieto Martínez 2001: 129).

⁴⁶ Parece-me estranho a utilização dos estudos de Dumézil (1990a, 1990b), pois estes são utilizados pela autora de forma a associar as cerâmicas campaniformes com a ritualidade indo-europeia, quer em rituais de confraternização, quer em rituais de hospitalidade que envolvessem o consumo de bebidas alcoólicas (Prieto Martínez 1999: 21; Prieto Martínez 2001: 129).

Finalmente, Prieto Martínez define as comunidades produtoras destes grupos cerâmicos como sociedades em início de um processo de estratificação social⁴⁷, no âmbito do qual a cerâmica serviria para estabelecer diferenciação a nível local (Prieto Martínez 1999: 86-87). Já a nível regional a autora detecta uma certa uniformização da produção cerâmica, que relaciona com uma homogeneização da identidade social das diferentes comunidades (*ibidem*).

b) Datações absolutas

A cronologia absoluta do *Campaniforme* na Galiza encontra-se limitada a um número diminuto de datações de radiocarbono, sendo que algumas delas só indirectamente se lhe associam. Assim, as extrapolações que se podem retirar dos intervalos cronológicos obtidos são bastante reduzidas.

O povoado de *O Fixón* forneceu duas datações: a primeira situa-se no intervalo $Gak - 4820 \pm 120$ B.P.⁴⁸, que calibrado a 2 sigma⁴⁹ permite estabelecer um intervalo de 3935-3357 a.C., e corresponde a um nível de ocupação em que não se registou cerâmica campaniforme; por sua vez num dos níveis onde se registou cerâmica campaniforme⁵⁰ foi obtido o intervalo $Gak - 3830 \pm 130$ B.P.⁵¹, que calibrado a 2 sigma permite estabelecer um intervalo de 2620-1893 a.C.⁵² (García-Lastra Merino 1988: 176).

Na estação arqueológica de *A Chan de Coiro* foi possível obter a datação de $Gak - 3830 \pm 80$ B.P.⁵³, que calibrado a 2 sigma permite estabelecer um intervalo de 2545-2032 a.C.⁵⁴, num “fondo de cabaña” onde se registou cerâmica campaniforme com decoração segundo o *estilo marítimo, variante internacional*⁵⁵ (García-Lastra Merino 1988: 179).

A datação para o nível “pré-campaniforme” do povoado de *A Fontenla* corres-

⁴⁷ Esta estratificação social estaria associada a uma intensificação da exploração agrícola e pecuária (Prieto Martínez 1999: 86).

⁴⁸ O autor não menciona na publicação o número da amostra.

⁴⁹ A data publicada não se encontra calibrada, pelo que se procedeu à calibração da mesma por meio do programa *Calib 4.1.2* fazendo uso da curva de calibração *Intcal 98* (Stuiver et alii 1998). Na calibração a 2 sigma apenas se faz referência ao intervalo cronológico procedente da utilização do *Método A* de calibração. Agradece-se a Alexandre Canha a calibração desta data.

⁵⁰ Nos dois níveis estratigráficos em que se registou a presença de cerâmica campaniforme encontra-se documentado o *estilo marítimo* nas suas duas variantes, *internacional* e *linear* (García-Lastra Merino 1988: 176-177). No nível superior surge ainda o pontilhado geométrico e a variante linear do estilo marítimo associada à incisão. Em ambos os níveis a cerâmica campaniforme aparece associada a cerâmicas lisas e a indústria lítica em quartzo (*ibidem*).

⁵¹ Ver nota 48.

⁵² Ver nota 49.

⁵³ Ver nota 48.

⁵⁴ Ver nota 49.

⁵⁵ Associada a cerâmica lisa e indústria lítica talhada em quartzo (García-Lastra Merino 1988: 179).

ponde a Gak – 4410 ±50 B.P.⁵⁶, calibrado a 2 sigma permite estabelecer um intervalo de 3332-2905 a.C.⁵⁷, permitindo apenas estabelecer uma datação *post quem* relativamente ao nível com cerâmicas campaniformes (García-Lastra Merino 1988: 177).

Por sua vez o povoado de *A Lagoa*⁵⁸ forneceu quatro datações para duas estruturas, localizadas em sectores diferentes da estação, onde se registou a presença de cerâmica campaniforme: a estrutura que se situa no sector 45.01 forneceu dois intervalos cronológicos com as datações CSIC – 900 1080 ±50 a.C. e CSIC – 901 1190 ±30 a.C.; uma outra estrutura que se situa no sector 45.04 permitiu a obtenção de outras duas datações, CSIC – 899 1950 ±70 a.C. e a CSIC – 1000 1850 ±30 a.C. (Méndez Fernández 1994: 85). O primeiro par de intervalos cronológicos demonstra-se demasiado recente para a realidade arqueológica em questão, no entanto, Méndez Fernández (*ibidem*) assume a possibilidade de aceitar estas datas e a semelhança estilística entre as cerâmicas das duas estruturas no contexto de uma longa perduração da “campaniformidad”.

A estação arqueológica de *Guidoiro-Aeroso*⁵⁹ permitiu a recolha de uma amostra que forneceu a datação 4020 ±40 B.P.⁶⁰, que calibrado a 2 sigma permite estabelecer um intervalo de 2826-2463 a.C.⁶¹. Trata-se de uma datação obtida a partir de uma concha, pelo que não merece total confiança por parte de Suárez Otero (1997b: 40).

No dólmen de *Dombate* foi possível definir-se um *momento 4* de utilização associado à presença da cerâmica campaniforme⁶², que se encontra datado pela média

⁵⁶ Ver nota 48.

⁵⁷ Ver nota 49.

⁵⁸ A análise deste povoado, juntamente com o povoado de *O Fixón*, permitiu a Méndez Fernández (1994) o desenvolvimento de um modelo interpretativo para a ocupação da paisagem galega durante a Idade do Bronze, a denominada *Área de Acumulação*. Esta definição de ocupação da paisagem é definida por Méndez Fernández (*idem*: 82) “como suma de dos tipos de terreno: la cuenca húmida y la zona llana aneja, coincidiendo con la isócrona de diez minutos”. Estas ocupações são definidas como recorrentes pois não se tratam de uma só ocupação sedentária mas de várias que se vão concentrando numa *Área de Acumulação* (*idem*: 81). Estas áreas seriam zonas de exploração dos recursos como a caça, agricultura e a pecuária, especialmente de gado bovino, (*idem*: 85-86), dentro de um plano de intensificação económica definida por Sherratt (1981) como *Revolução dos Produtos Secundários*. Esta posição foi igualmente defendida por Fábregas Valcarlos e Ruiz-Gálvez Priego (1997: 196-198), embora mostrando-se mais prudentes quanto à extensão espacial deste fenómeno. Será interessante referir a aparente dicotomia que Egüeta Franco (1997, 1999) constatou na Baixa Limia Galega, relativamente à localização dos povoados pré-campaniformes e dos povoados com cerâmicas campaniformes: os primeiros ocupariam zonas de vale, enquanto os segundos se situariam nas terras altas, i.e., nas mesmas áreas dos monumentos megalíticos, em que se verificou a presença de cerâmicas campaniformes (Egüeta Franco 1997: 432, 1999: 332).

⁵⁹ Não se pode definir com mais exactidão o contexto da recolha desta amostra e dos materiais aí recuperados pela insuficiente informação fornecida sobre esta estação (Suárez Otero 1997b: 40).

⁶⁰ O autor não referencia o laboratório ou o número da amostra datada.

⁶¹ Ver nota 49.

⁶² Segundo Suárez Otero (1997b: 40) a cerâmica campaniforme recuperada neste monumento estará decorada segundo o *estilo marítimo*.

ponderada de duas datas de C_{14}^{63} no intervalo de maior segurança entre 2589 e 2469 a.C. (Alonso Mathías e Bello Dfeguez 1995: 166 e 168).

2.2. Meseta

a) Metodologias de análise e interpretações

O primeiro trabalho sobre o *Campaniforme* da Meseta a apresentar uma abordagem diferente das propostas mais tradicionalistas (Delibes de Castro 1977) e a argumentar a favor de uma continuidade cultural e étnica entre as populações pré-campaniformes e as populações campaniformes, é da autoria de Delibes de Castro e Manuel Santonja (Delibes de Castro 1987; Delibes de Castro e Santonja 1987). Os autores recorrem, no entanto, a um modelo interpretativo generalista, segundo o qual, as cerâmicas campaniformes são consideradas símbolos de poder de uma “elite”, e relacionadas com um processo de hierarquização local demonstrado pela introdução de um novo espólio funerário e de uma nova prática funerária (inumações individuais), em contraponto a uma interpretação (Delibes de Castro, 1977) segundo a qual estas cerâmicas eram consideradas “fósseis directores” e relacionadas com a entrada de um novo grupo populacional na região (Delibes de Castro 1987: 24; Delibes de Castro e Santonja: 190). Ao nível das metodologias de análise utilizadas, este trabalho limita-se a caracterizar formalmente esta materialidade (em termos morfológicos e decorativos) e a correlaciona-la com o tipo de contextos (essencialmente funerários) em que foi recuperada, com o intuito de demonstrar que se trata de uma continuidade local e não de uma novidade fruto de movimento de populações.

Numa síntese mais recente realizada por Delibes de Castro e Fernández Manzano (2000), centrada num estudo comparativo entre momentos pré-campaniformes e campaniformes⁶⁴, estes autores mantêm a afirmação da continuidade entre os grupos pré-campaniformes e os grupos campaniformes.

A abordagem de Nicolás Benet, Rosário Pérez e Manuel Santonja (1997) para o *Campaniforme* do Vale Médio do Tormes, segue claramente um discurso processualista, apresentando um modelo interpretativo baseado na hipótese de uma evolução social autóctone (resultante de factores de *intensificação económica*) (*idem*:

⁶³ A primeira datação, calibrada a 2 sigma permitiu obter, o intervalo de máxima possibilidade de CSIC – 962 2584-2464 a.C.; a segunda datação, também calibrada a 2 sigma, permitiu obter o intervalo CSIC – 1066 2780-2470 a.C. (Alonso Mathías e Bello Dfeguez 1995: 163).

⁶⁴ Da análise resulta a definição de uma evolução entre os dois momentos, documentada a nível funerário, artefactual, social e na localização dos povoados (Delibes de Castro e Fernández Manzano 2000: 101-104) – seguindo o que já tinha sido afirmado nos artigos anteriormente referidos (Delibes de Castro 1987; Delibes de Castro e Santonja 1987).

464) que teria permitido o acesso a estas cerâmicas por via de contactos com o Norte e Centro da Europa⁶⁵ (*idem*: 466-467). É de salientar a crítica desenvolvida por estes autores às abordagens realizadas por alguns investigadores⁶⁶ que consideram a presença de cerâmicas campaniformes como um mero processo de adição formal aos espólios pré-existentes sem consequências a nível cultural para as comunidades (*idem*: 460).

O estudo realizado por Rafael Garrido Pena (2000) constitui o último grande trabalho de síntese realizado para o *Campaniforme* da Meseta espanhola. Este autor inicia o seu trabalho com uma crítica às abordagens histórico-culturalistas que procura ultrapassar (*idem*: 2) através de uma análise que tem como propósito avaliar a aplicabilidade⁶⁷ de modelos interpretativos generalistas sobre o *Campaniforme* (Clarke 1976; Sherratt 1987) à região da Meseta (*idem*: 25-35): no seguimento da proposta de Clarke (1976) o autor assume a cerâmica campaniforme como um objecto de valor social particular, que associa, tal como Sherratt (1987), ao consumo de bebida e a “líderes” que utilizariam um conjunto de materiais (o “pacote campaniforme”) como forma de se distinguir do restante grupo (Garrido Pena 2000: 25); o autor assume ainda o modelo interpretativo da *Revolução dos Produtos Secundários* proposto por Sherratt (1981), para explicar as alterações no tecido social como resultantes de um processo de intensificação económica (Garrido Pena 2000: 30). Em termos analíticos, o autor procede à definição e caracterização morfológico-estilística dos materiais que considera parte integrante do “pacote campaniforme”, define o tipo de contextos em que estes são encontrados e elabora uma análise comparativa destes últimos no que diz respeito à sua localização e às diferenças que apresentam relativamente aos “espólios campaniformes”.

Segundo este autor, a cerâmica campaniforme da Meseta pode dividir-se em seis tipos morfológicos diferentes (Garrido Pena 2000: 81): o vaso campaniforme (*idem*: 82-88), a “cazuela” (*idem*: 88-92), o “cuenco” (*idem*: 93-97), a “copa” (*idem*: 97), a “cazuelilla” (*idem*: 97-99) e os vasos de armazenagem (*idem*: 99-100). A este conjunto de materiais cerâmicos o autor associa ainda uma “cerâmica lisa de acompanhamento” de “fundo comum” que pervive entre o Calcolítico e a Idade do Bron-

⁶⁵ Segundo estes autores o *estilo marítimo* e a associação deste *estilo* com a decoração cordada (CZM) seriam originários do eixo formado pelos rios Reno e Ródano (Benet *et alii* 1997: 466-467).

⁶⁶ Benet (*et alii* 1997: 460) refere os trabalhos de Criado Boado e Vázquez Varela 1982; Jorge 1986 (*sic*); por sua vez António Valera (2000: 275) inclui também os trabalhos de Delibes de Castro (1989) e de Sennar-Martinez (1994) no conjunto de trabalhos que interpretam a presença de cerâmica campaniforme apenas como uma adição formal aos espólios matérias pré-existentes.

⁶⁷ O autor assume a necessidade de se considerar os particularismo do fenómeno campaniforme devido à sua grande extensão geográfica, contudo a sua análise procura mais estabelecer pontos comuns entre as várias regiões que enfatizar diferenças, acabando assim por reforçar a ideia de um mesmo fenómeno a nível europeu (Garrido Pena 2000: 26).

ze⁶⁸, somente identificada em povoados e não considerada parte do “pacote campaniforme” (*idem*: 40).

Relativamente aos “estilos campaniformes”, Garrido Pena documenta para esta região a presença do *estilo marítimo, variante internacional*⁶⁹ (Garrido Pena: 110-111); do *estilo marítimo, variante linear*⁷⁰ (*idem*: 112-113); da associação destes dois últimos num mesmo vaso⁷¹ (*idem*: 111); da associação entre *estilo marítimo, variante internacional* e *estilo cordado (CZM)*⁷² (*idem*: 111-112); do *estilo pontilhado geométrico*⁷³ (*idem*: 113-116); *estilo Ciempozuelos*⁷⁴ (*idem*: 116-125); da associação de formas campaniformes e “decoração simbólica” considerada variante do *estilo Ciempozuelos*⁷⁵ (*idem*: 125-126); da variedade “Silos-Vaquera” e “Molino”, também analisada como uma variante do *estilo Ciempozuelos* (*idem*: 126-129); e de cerâmi-

⁶⁸ “formas esféricas simples como cuencos (...) Grandes ollas globulares de paredes entrantes (...) vasos de paredes rectas (...) ollitas globulares de paredes entrantes (...) y de cuello insinuado (...) formas ovóides de paredes entrantes (...) perfiles en S (...) vasos de almacenaje” (Garrido Pena 2000: 40). Esta cerâmica pode por vezes apresentar decoração plástica (particularmente “mamilos”) ou decoração unglada (*ibidem*). As denominadas “queijeiras” também se encontram representadas, embora em número reduzido, e são englobadas neste conjunto de “cerâmicas de acompanhamento” (*ibidem*).

⁶⁹ Este *estilo* encontra-se documentado em trinta e sete estações arqueológicas da Meseta, oito destas situam-se na Meseta Norte e as restantes na Meseta Sul (Garrido Pena 2000: 110). O *estilo marítimo, variante internacional* encontra-se presente quase exclusivamente em vasos campaniformes, sendo que em apenas um caso esta se registou numa “cazuelilla” (o autor não especifica qual das variantes se encontra representada, *ibidem*).

⁷⁰ O *estilo marítimo, variante linear* apenas se encontra representado em três sítios arqueológicos, dois deles junto a Madrid, e o terceiro junto a Guadalajara (Garrido Pena 2000: 112).

⁷¹ Esta associação foi detectada em cerâmicas provenientes de cinco estações arqueológicas da Meseta, duas das quais na Meseta Norte, as restantes na Meseta Sul (Garrido Pena 2000: 111).

⁷² O *estilo CZM* encontra-se documentado em sete estações da Meseta, cinco das quais na zona Norte desta e duas na zona Sul (Garrido Pena 2000: 111-112).

⁷³ Na Meseta conhecem-se sessenta e três sítios arqueológicos onde se documentou a existência de cerâmica campaniforme decorada segundo o *estilo pontilhado geométrico*, representando 15,14% do total de estações com cerâmicas campaniformes (Garrido Pena 2000: 113). Destas, dezoito situam-se na Meseta Norte e as restantes na Meseta Sul (*ibidem*). O *estilo pontilhado geométrico* encontra-se representado nas seguintes formas cerâmicas: vasos campaniformes; “cuencos”; “cazuelas”; “cazuelillas” (*ibidem*).

⁷⁴ O *estilo Ciempozuelos* encontra-se representado em trezentas e sessenta e quatro estações arqueológicas mesetanhãs, representando 87,5% do total de estações em que foi detectada cerâmica campaniforme nesta região (Garrido Pena 2000: 116). Na Meseta Norte situam-se duzentas e uma destas estações, as restantes cento e sessenta e três localizam-se na Meseta Sul (*ibidem*). Este *estilo* encontra-se presente em todas as formas cerâmicas que Garrido Pena (*idem*: 117) definiu como campaniformes na Meseta. Interessante parece ser a conclusão a que Garrido Pena (*idem*: 108-110) chegou sobre a técnica decorativa utilizada no *estilo Ciempozuelos*, a análise meticolosa de alguns fragmentos cerâmicos revelou que em alguns casos se tratam de impressões e não de incisões.

⁷⁵ Apenas são conhecidas quatro fragmentos de cerâmica campaniforme com este tipo de decoração na Meseta espanhola, correspondendo a igual número de sítios arqueológicos (Garrido Pena 2000: 126). Este tipo decorativo associado a formas campaniformes é interpretado por Garrido Pena (*idem*: 35-36) como uma forma de sincretismo entre as pervivências neolíticas mesetanhãs e o novo ritual representado pelas cerâmicas campaniformes.

cas campaniformes lisas⁷⁶ (*idem*: 129-131)⁷⁷.

Para além destas cerâmicas, Garrido Pena (2000) inclui também no “pacote campaniforme” dois conjuntos diferentes de artefactos metálicos⁷⁸: um conjunto constituído por punções (*idem*: 171-172) e machados (*idem*: 172) denominado por “herramientas”⁷⁹ (*idem*: 36); e um segundo grupo denominado por “armas”⁸⁰ (*idem*: 37) e constituído por machados (*idem*: 172), alabardas (*idem*: 184 e 186), punhais de lingueta (*idem*: 179-185) e pontas tipo Palmela⁸¹ (*idem*: 172-179). Para além destes objectos em cobre, são ainda incluídos no “pacote campaniforme” da Meseta, os “braçais de arqueiro” (*idem*: 38 e 188-190), os “botões com perfuração em V” (*idem*: 38 e 190-191) e objectos de adorno em ouro (*idem*: 186-188).

Segundo Garrido Pena (2000) foram identificados artefactos pertencentes a este “pacote campaniforme” tanto em povoados⁸² (*idem*: 39-49) como em contextos funerários⁸³ (*idem*: 49-59), sendo que relativamente a estes últimos o autor apresenta uma categorização mais particularizada, dividindo-os em: fossas simples⁸⁴ (*idem*: 50-51); *tumulus*, com fossa ou cista⁸⁵ (*idem*: 51-52); “otras estructuras pétreas”⁸⁶

⁷⁶ A cerâmica campaniforme lisa está documentado em vinte e nove estações arqueológicas, das quais, treze situam-se na Meseta Norte e dezasseis na Meseta Sul (Garrido Pena 2000: 130).

⁷⁷ Estudos realizados demonstraram que a incrustação de pasta branca nas cerâmicas campaniformes mesetanhãs pode resultar de factores pós-deposicionais (caso das cerâmicas das estações de *Arenero de Soto II*, *J.Fco. Sánchez*, *Soto/Km 9.500* e *Fuente Olmedo*), ainda que na estação de *Pajares de Adaja* se tenha verificado que essas incrustações eram intencionais (Garrido Pena 2000: 80). No entanto o autor não considera que se trate de um *estilo campaniforme* distinto.

⁷⁸ A metalurgia é conhecida em momentos pré-campaniformes, mas será apenas no período de manipulação de cerâmicas deste tipo que a metalurgia se generaliza e desenvolve (Garrido Pena 2000: 36). Para este autor (*idem*: 37-38), a metalurgia representaria um desenvolvimento tecnológico e económico, embora interprete que a sua principal função seria desempenhada no plano ideológico e ritual.

⁷⁹ A denominação de ferramentas não implica para Garrido Pena que quando são registados artefactos como punções e machados em enterramentos estes não tenham uma “función (...) simbólica y representativa” (Garrido Pena 2000: 36).

⁸⁰ Garrido Pena (2000: 36) associa as “armas” ao exercício do poder, i.e., estariam associadas à nova ideologia de poder tal como as cerâmicas campaniformes, afirmando a autoridade pessoal no uso da força física.

⁸¹ As pontas tipo Palmela e os punhais de lingueta apareceriam já num momento de circulação das cerâmicas campaniformes, representando os punhais de lingueta uma afirmação do indivíduo e do exercício do poder (Garrido Pena 2000: 211). Estes ao contrário das pontas tipo Palmela encontram-se não só representados na Península Ibérica, mas também em toda a Europa ocidental (*ibidem*).

⁸² Foi possível identificar cerca de duzentos povoados mesetanhos com cerâmicas campaniformes, cerca de 19% destes foram alvo de escavação, sendo os restantes identificados em prospecção (Garrido Pena 2000: 39). O autor centra quase totalmente a sua análise deste tipo de contextos no povoado de *El Ventorro* (*idem*: 43-44 e 198).

⁸³ Os contextos funerários assinalados por Garrido Pena para a Meseta saldaram-se no número de setenta e seis estações arqueológicas (Garrido Pena 2000: 49). Destas apenas vinte e quatro foram alvo de escavação, as restantes tratam-se de achados de superfície ou de achados acidentais, doze e quarenta respectivamente (*ibidem*).

⁸⁴ São conhecidas treze estações arqueológicas deste tipo na Meseta, nove das quais na Meseta Norte e as restantes quatro na Meseta Sul (Garrido Pena 2000: 50).

⁸⁵ Foram identificados sete sítios arqueológicos enquadráveis neste sub-contexto funerário: seis na Meseta Norte e apenas um na Meseta Sul (Garrido Pena 2000: 51).

⁸⁶ Deste sub-contexto funerário conhecem-se cinco sítios arqueológicos (Garrido Pena 2000: 52).

(*idem*: 52-53) monumentos megalíticos⁸⁷ (*idem*: 53-58); e grutas⁸⁸ (*idem*: 58-59). As escavações realizadas em contextos funerários permitiram documentar a presença de restos antropológicos em quarenta e seis destes contextos, contudo em apenas onze⁸⁹ se procedeu ao seu estudo, podendo-se assim referir que os inumados se dividiriam da seguinte forma, tendo em conta o género e a idade: oito homens, quatro mulheres e uma criança (*idem*: 60).

Da análise que faz destes contextos, resulta a percepção que a localização dos contextos domésticos e dos contextos funerários teria obedecido a escolhas distintas (Garrido Pena 2000: 39): a maioria dos povoados (67%) localiza-se em pontos dominantes da paisagem⁹⁰ enquanto a maioria dos contextos funerários calcolíticos (33%) se situa em sítios planos, embora 27% dos contextos funerários com “espólio campaniforme” seja constituídos por monumentos megalíticos de construção neolítica que ocupam espaços destacados na paisagem⁹¹ (*ibidem*). Para além disso, Garrido Pena encontrou também uma diferenciação entre contextos funerários e domésticos relativamente às decorações das cerâmicas campaniformes, mais simples e monótonas nestes últimos e com uma “mayor riqueza y variedad” nos primeiros (*idem*: 77).

Relativamente à seriação cronológica das cerâmicas campaniformes, Garrido Pena (2000: 108) coloca a hipótese do *estilo Ciempozuelos* ser mais tardio que os *estilos marítimo e pontilhado geométrico*, visto que estes três *estilos* surgem associado somente em nove povoados relativamente aos quais o autor coloca reticências quanto à segurança da sua contextualização⁹² (*ibidem*). Para além disso, esta associação não se confirma em contextos funerários, onde apenas o *estilo marítimo* e o *estilo pontilhado geométrico* se associam entre si⁹³ (*ibidem*). No que diz respeito às cerâmicas campaniformes lisas, o autor refere que estas surgem associadas a todos os estilos decorativos identi-

⁸⁷ São vinte os monumentos megalíticos onde se detectou a presença de cerâmicas campaniformes (Garrido Pena 2000: 53). Garrido Pena (*idem*: 55) quantifica a presença dos diferentes materiais campaniformes presentes neste tipo de sub-contexto funerário: “Cerâmicas de todos los estilos, como el Marítimo (siete casos, 35%), Puntillado geométrico (cinco casos, 25%), Ciempozuelos (trece casos, 65%) y Liso (cuatro casos, 20%), elementos metálicos (nueve casos, 45%) como las Puntas Palmela (siete casos, 35%), los puñales de lengüeta (tres casos, 15%), los punzones (dos casos, 10%), las hachas (un caso, 5%) y la orfebrería áurea (cinco casos, 25%), así como brazaletes de arquero (tres casos, 15%) y botones de perforación (un caso, 5%).”

⁸⁸ Apenas se conhecem dez contextos funerários deste tipo com presença de cerâmicas campaniformes em toda a Meseta (Garrido Pena 2000: 58).

⁸⁹ Em sete destes onze enterramentos foi possível registrar a posição do cadáver ao ser inumado: cinco deitados sobre o lado esquerdo e dois sobre o lado direito (Garrido Pena 2000: 61).

⁹⁰ Em contraponto aos 24,5% localizados em zonas aplanadas e aos 4,5% em grutas (Garrido Pena 2000: 39).

⁹¹ As grutas representam 13% dos contextos funerários com “espólio campaniforme” (Garrido Pena 2000: 39).

⁹² Tratam-se de achados recuperados por meio de prospecção ou de achados recuperados por meio de escavações que o autor considera não rigorosas (Garrido Pena 2000: 108).

⁹³ Ainda assim refira-se que a fossa de Agoncillo, um contexto funerário, permitiu documentar associação do *estilo Ciempozuelos* com os *estilos marítimo e pontilhado geométrico* (Garrido Pena 2000: 197), informação que o autor parece desvalorizar.

ficados na Meseta, não avançando com qualquer proposta de seriação relativa a estes materiais (*idem*: 108).

Após a análise dos diferentes contextos e dos artefactos incluídos no “pacote campaniforme” Garrido Pena apresenta uma interpretação sobre o *Campaniforme* que parece sugerir a validação da proposta interpretativa colocada inicialmente. A cerâmica campaniforme e o restante espólio incluído no “pacote campaniforme” são interpretados pelo autor como elementos definidores de um processo de transformação social (Garrido Pena 2000: 206), no âmbito do qual seriam utilizadas ritualmente como forma de manifestação pública de um poder ainda não institucionalizado (*idem*: 26 e 29). Mais ainda, com base na análise da capacidade volumétrica das cerâmicas campaniformes, o autor define que tipos de funcionalidade mais específica serviriam no contexto dos rituais a que estariam associados: dada a sua volumetria, os vasos campaniformes serviriam para consumo de bebidas alcoólicas em contextos funerários e domésticos⁹⁴ (*idem*: 210); as “cazuelas” seriam utilizadas no consumo e manipulação de sólidos (*ibidem*); enquanto os “cuencos” serviriam para o consumo de sólidos e de bebidas alcoólicas dependendo a qual das duas outras formas se associassem (*ibidem*).

Dentro do mesmo quadro interpretativo, Garrido Pena (2000) considera que a inumação individual constitui uma alteração do ritual funerário relacionada com um novo tipo de relação entre o indivíduo e a restante comunidade (*idem*: 34), também evidenciada pelo facto das deposições secundárias serem menos frequentes⁹⁵ que nos períodos anteriores. Para o autor estaríamos assim perante uma sociedade em processo de hierarquização em contraponto com uma forma de sociedade anterior que demonstrava maior interesse na construção de estruturas funerárias de maiores dimensões (os monumentos megalíticos) utilizadas para inumações colectivas (*idem*: 34 e 68). Por sua vez, a reutilização dos monumentos megalíticos – onde o ritual funerário praticado corresponderia agora à inumação individual – é vista por Garrido Pena (*idem*: 34 e 213) como uma forma de manipulação do passado para legitimação das “elites” em emergência e corresponderia a uma alteração do significado destes contextos.

Estas alterações no sistema social destes grupos são ainda demonstradas nos contextos funerários pela alteração dos espólios⁹⁶ – onde se encontram representados

⁹⁴ No caso dos contextos domésticos o autor sugere que o uso de cerâmicas campaniformes para consumo de bebidas alcoólicas estaria relacionado com rituais de hospitalidade (Garrido Pena 2000: 211).

⁹⁵ As excepções registadas dizem respeito aos casos documentados na estação arqueológica de *Aldeagordillo* e na de *Valdeprados* (Garrido Pena 2000: 213).

⁹⁶ Um dos factores mais importantes para a avaliação do grau de estratificação social das sociedades mesetanas que manipulavam cerâmicas e materiais campaniformes seria a análise de enterramentos individuais de crianças com a presença desses materiais (Garrido Pena 2000: 29). Exemplo de um destes enterramentos é o caso da inumação individual, na estação arqueológica de *Aldeagordillo*, de uma menina de 6 a 10 anos de idade, acompanhada por materiais campaniformes (*ibidem*). Contudo este autor prefere desvalorizar o caso

todos elementos do “pacote campaniforme” definido para a região, com excepção dos vasos de armazenagem⁹⁷ – que tendem a ser mais “ricos” nos contextos funerários mais tardios (*idem*: 214).

Como forma de explicar o estabelecimento de “elites”, Garrido Pena associa a sua emergência a um processo de *intensificação* económica relacionada com a *Revolução dos Produtos Secundários* (Sherratt 1981) na Meseta⁹⁸, comprovada pelo aumento do número de povoados junto às terras férteis dos vales e pela alteração do meio ambiente através da desflorestação (Garrido Pena 2000: 193), e pelas informações arqueológicas fornecidas pelo povoado de *El Ventorro* onde estudos polínicos comprovam a presença de cereais e estudos faunísticos documentam a presença de animais adultos que seriam explorados para outros fins além dos estritamente alimentares⁹⁹ (*idem*: 198).

Ainda relativamente à análise da estilística decorativa das cerâmicas campaniformes, a sua distribuição espacial permitiu a Garrido Pena (2000: 162) determinar um elevado grau de standardização das decorações, que explica como resultado de intercâmbios regionais¹⁰⁰ que poderiam assumir diferentes formas (como os intercâmbios matrimoniais) ou de outros processos, como o uso de símbolos de pertença a um grupo. Ainda assim, o autor aponta como mais plausível a hipótese desta standardização estar relacionada com o estabelecimento de redes de intercâmbio social (*idem*: 207) entre “elites” e com a afirmação e difusão ideológica de um novo tipo de poder (*idem*: 166) que utilizava estes materiais como uma forma intencional de comunicação que seria utilizada num contexto de transformação e alteração das relações sociais (*idem*: 206).

e apresentar exemplos etnográficos de sociedades ainda não plenamente hierarquizadas onde acontecem inumações de crianças com espólios funerários que representariam estatuto social diferenciado, mas que não poderia pertencer à criança (*ibidem*). Garrido Pena (*ibidem*) prefere levantar a questão se o estatuto social apresentado nesta inumação não pertenceria à família da criança inumada. Por outro lado surge o caso registado na necrópole epónima de *Cienpозuelos*, em que um indivíduo idoso apresenta uma trepanação, tendo sobrevivido a esta (*ibidem*). Mantendo, apesar do seu estado de saúde, o seu estatuto social, que assim não poderia ter mantido pelas suas capacidades pessoais mas por uma posição social adquirida e que se revela no tratamento da sua inumação, correspondente ao seu estatuto social (*ibidem*).

⁹⁷ O espólio cerâmico típico das “inumações campaniformes” da Meseta é a associação entre vaso campaniforme, “cuento” (que surge, por vezes, no interior das “cazuelas” e dos vasos campaniformes, Garrido Pena 2000: 70) e “cazuela” (*idem*: 34).

⁹⁸ Apesar de Garrido Pena não negar que a *Revolução dos Produtos Secundários* se poderia localizar ainda num momento Neolítico, esta constata-se com mais segurança já no Calcolítico (Garrido Pena 2000: 193). Garrido Pena compreende assim que se terá tratado de um processo progressivo e não de um acontecimento súbito (*ibidem*).

⁹⁹ Documenta-se ainda neste povoado a produção metalúrgica (Garrido Pena 2000: 198).

¹⁰⁰ Os estudos das cerâmicas das estações de *El Ventorro* e *El Perchel* parecem demonstrar a produção local destes materiais, ainda que no caso de *El Ventorro* não se refira especificamente se foram analisadas cerâmicas campaniformes (Garrido Pena 2000: 80).

Para além desta estandardização, o autor refere também um processo de complexificação estilística das cerâmicas campaniformes da Meseta associado a um “enriquecimento” progressivo do “pacote campaniforme”, que compreende como resultado de um processo de *emulação* (Garrido Pena 2000: 206), ou seja: as “elites” teriam necessidade de diversificar os seus “bens de prestígio” consoante estes eram emulados pelos estratos inferiores da sociedade (*idem*: 214).

b) Datações absolutas

Garrido Pena (2000: 196-197) define a cronologia do *Campaniforme* mesetanho com base nas datações de C_{14} que lhe merecem maior confiança. Tratam-se apenas de seis datações absolutas, referentes a quatro estações arqueológicas, que permitiram a este autor definir o intervalo cronológico entre 2500 e 2000 a.C. para a presença das cerâmicas campaniformes na Meseta espanhola.

A estação arqueológica de *Aldeagordillo* permitiu a obtenção da seguinte datação: GrN – 3685 \pm 25 B.P., correspondendo ao intervalo, a 1 sigma, de 2130-1984 a.C. (Garrido Pena 2000: 197). Por sua vez a estação arqueológica de *Cerro del Bu* forneceu duas datações: I – 13.959 3970 \pm 100 B.P., ou seja, a 1 sigma, corresponde ao intervalo de 2582-2327 a.C.; e a datação I – 14.416 3830 \pm 100 B.P., i.e., a 1 sigma, corresponde ao intervalo de 2457-2061 a.C. (*ibidem*). Na estação de *Fuente Olmedo* obtiveram-se também duas datações absolutas: a primeira é a CSIC – 483 3620 \pm 50 B.P., a 1 sigma, corresponde ao intervalo de 2032-1890 a.C.; a segunda trata-se da OxA – 2907 3730 \pm 65 B.P., a 1 sigma, corresponde ao intervalo de 2199-2028 a.C. (*ibidem*). Por fim, na estação arqueológica de *Quintanilla de Arriba* obteve-se a datação absoluta de 3750 \pm 60 B.P.¹⁰¹, correspondendo ao intervalo, a 1 sigma, de 2273-2038 a.C. (*ibidem*).

Aldea Gordillo e *Fuente Olmedo* tratam-se de contextos funerários em que se documentaram cerâmicas campaniformes decoradas segundo o *estilo Ciempozuelos* (Garrido Pena 2000: 197). Por sua vez, os sítios arqueológicos de *Cerro del Bu* e *Quintanilla de Arriba* tratam-se de contextos domésticos. No primeiro recuperaram-se cerâmicas campaniformes com técnica decorativa pontilhada (*ibidem*), no segundo foram recolhidas cerâmicas campaniformes com decorações segundo o *estilo Ciempozuelos* (*ibidem*).

¹⁰¹ A data foi publicada sem referência do laboratório e sem número da amostra datada.

2.3. Beira Alta

a) Metodologias de análise e interpretações

O *Campaniforme* na Beira Alta enquadra-se na transição do Calcolítico Final/Bronze Inicial¹⁰², em função das associações verificadas entre cerâmicas campaniformes, pervivências de taxonomias cerâmicas enquadráveis no Calcolítico local e cerâmicas atribuíveis à Idade do Bronze (Senna-Martinez 1994; Valera 1995/1996, 1997b, 1999a, 1999b, 2000).

As comunidades deste período¹⁰³ foram caracterizadas, por Senna-Martinez (1994: 184) como sociedades “conservadoras”, que teriam mantido as suas práticas de inumação em monumentos megalíticos, e que teriam evoluído para formas sociais em processo de hierarquização através de um processo de *interacção* com outras regiões, aliada a uma lenta *intensificação* da economia, onde se verificaria um aumento da pecuária transumante e a introdução de novas culturas agrícolas¹⁰⁴, embora se verificasse a manutenção da caça e da recollecção (*ibidem*). Segundo Senna-Martinez, a interacção com outras áreas geográficas é evidenciada no registo arqueológico pela existência de um sistema de volume transregional formalizado nos vasos troncocónicos invertidos (Senna-Martinez 1993) e pela presença de artefactos compreendidos como “bens de prestígio” – como os primeiros artefactos metálicos identificados na região e as cerâmicas campaniformes (Senna-Martinez 1994: 184-185) – considerados pelo autor como marcadores culturais¹⁰⁵ do processo de complexificação destas sociedades. (*idem*: 184 e 186).

Esta modelização da transição Calcolítico Final/Bronze Inicial foi prontamente criticada¹⁰⁶ por António Carlos Valera (1995/1996). Para este autor não existiria uma continuidade entre o “*horizonte Moinhos de Vento/Ameal*” e a Idade do Bronze, pois este *horizonte* corresponderia ao Neolítico Final regional e não a um momento do Calcolítico local (*idem*: 235), sendo que este estaria representado em várias estações

¹⁰² Esta transição situar-se-ia cronologicamente entre o final do III milénio a.C. e o início do II milénio a.C. (Senna-Martinez 1994; Valera 1995/1996, 1997b, 1999a, 1999b, 2000).

¹⁰³ Senna-Martinez conceptualiza a Idade do Bronze da Beira Alta como um *horizonte cultural* em continuidade com o “*horizonte Moinhos de Vento/Ameal*” (Valera 1995/1996: 227).

¹⁰⁴ A introdução de novas culturas, o centeio, foi detectada nos estudos polínicos das turfeiras da Serra da Estrela (Senna-Martinez 1994: 184).

¹⁰⁵ A modelização proposta por Senna-Martinez emprega em conjugação conceitos histórico-culturalistas, como *horizonte cultural* e conceitos processualistas, como *intensificação*, *interacção* e *complexificação*.

¹⁰⁶ A crítica proposta por António Valera propõem que variáveis como *intensificação*, *interacção* e *complexificação*, se não objectificadas as razões da sua utilização, não explicarão nada (Valera 1995/1996: 247). Consequentemente, pergunta porque não utiliza-las em conjugação com outras variáveis como: “a monumentalização, a visibilidade, a violência, o desenvolvimento tecnológico e a especialização. Contudo a análise arqueográfica e o discurso historiográfico não se podem limitar a afirmar a simples presença destas variáveis, deverão sim, propor modelos do seu “*comportamento contextual*” na área ou estação em estudo” (*ibidem*).

da Beira Alta e em algumas reutilizações de monumentos megalíticos¹⁰⁷ (*ibidem*).

Este autor (Valera 1995/1996: 236) critica também a sustentabilidade de uma hipótese explicativa sobre a complexificação social destas comunidades baseada numa intensificação económica próxima do modelo da *Revolução dos Produtos Secundários* proposto por Sherratt (1981), uma vez que esta não parece ser totalmente verificada pelo registo arqueológico. Contudo, o autor assume a possibilidade de se verificar uma certa complexificação social e intensificação económica desde a primeira metade do III milénio a.C. (Valera 1995/1996: 236), embora relacionada com processos anteriores que se prolongariam pela Idade do Bronze (*idem*: 237).

O modelo do padrão volumétrico desenvolvido por Senna-Martinez (1993) para os vasos troncocónicos invertidos também não encontra validação nas propostas interpretativas avançadas por António Valera (1995/1996: 237-241), dada a variabilidade morfológica que caracteriza este conjunto de recipientes. O autor introduz como alternativa de interpretação, a hipótese destes recipientes se relacionarem com o consumo de uma bebida (*idem*: 241) – como já teria sido apontado para os campaniformes (Sherratt 1987) – valorizando, desta forma, o papel deste materiais enquanto *recipientes* (Valera 1995/1996: 241).

Ao contrário da proposta de Senna-Martinez (1994: 184-185) que valoriza o papel das cerâmicas campaniformes relativamente ao papel dos artefactos metálicos no processo de complexificação social, António Valera (1995/1996: 243) propõe uma interpretação segundo a qual as cerâmicas campaniformes poderiam ser produzidas localmente, ao contrário do que aconteceria com os metais. Assim teriam sido os artefactos metálicos “a facilitar a introdução e divulgação da cerâmica campaniforme na região, isto independentemente [*sic*] das discussões em torno ao significado social que esta possa ter mantido, perdido ou acumulado” (*ibidem*).

Na Beira Alta, foram recuperadas cerâmicas campaniformes tanto em contextos habitacionais como em contextos funerário (Valera 1995/1996: 226), sendo que estes últimos se tratam na sua totalidade de dólmenes de corredor (Senna-Martinez 1994; Valera 1995/1996) distribuídos por duas áreas geográficas distintas: a plataforma do Mondego e a área do Alto Paiva, Alto Vouga e Alto Dão (Valera 1995, 1996: 224). Nesta última área geográfica situam-se os seguintes monumentos megalíticos: *Arca do Penedo do Com*¹⁰⁸, *Orca dos Moinhos de Rua*¹⁰⁹,

¹⁰⁷ Tal como se tratam de reutilizações os casos em que se regista a presença de materiais cerâmicos campaniformes (Valera 1996/1996: 235, 2000: 273).

¹⁰⁸ Para esta estação arqueológica encontra-se apenas documentado um fragmento de bordo de um vaso campaniforme, decorado segundo o *estilo marítimo* (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226).

¹⁰⁹ A presença de cerâmica campaniformes na *Orca dos Moinhos de Rua* encontra-se representada por um fragmento de bojo a decoração representada neste fragmento associa o *estilo marítimo, variante internacional* e o *estilo marítimo, variante linear* (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226).

*Orca de Castenairas*¹¹⁰, *Orca de Seixas*¹¹¹ (*ibidem*). Na plataforma do Mondego localizam-se o dólmen da *Bobadela*¹¹², dólmen da *Sobreda*¹¹³, dólmen do *Seixo da Beira*¹¹⁴ e o dólmen do *Outeiro do Rato*¹¹⁵ (*ibidem*). O conjunto dos contextos habitacionais resume-se aos seguintes povoados: Complexo 1 do *Penedo da Penha*¹¹⁶, *Linhares*¹¹⁷ e *Fraga da Pena*¹¹⁸ (*idem*: 220-222 e 226).

Estes dois tipos de contextos totalizam assim um total de onze estações arqueológicas¹¹⁹, representando um número muito reduzido de sítios arqueológicos com presença de cerâmicas campaniformes, se comparados com as restantes regiões analisadas.

A associação dos diferentes tipos de materiais procedentes dos monumentos megalíticos não é segura uma vez que todos os monumentos megalíticos referidos

¹¹⁰ Neste sítio arqueológico documentou-se a presença de dois vasos campaniforme: o primeiro decorado segundo o *estilo marítimo, variante linear* e o segundo não apresentando decoração (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226). No dólmen de *Castenairas* encontra-se documentada a presença de oito vasos troncocónicos invertidos (Valera 1995/1996: 241).

¹¹¹ A *Orca de Seixas* apresenta o espólio mais alargado para esta região: um vaso campaniforme apresentando decoração segundo o *estilo marítimo* e um vaso carenado de "estilo tardio" decorado segundo o *estilo marítimo, variante internacional* (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226). Esta estação apresenta também um número razoável de artefactos metálicos: um machado plano em cobre arsenical; uma ponta tipo *Palmela* no mesmo tipo de liga; e um braçal de arqueiro em xisto (*ibidem*).

¹¹² No dólmen da *Bobadela* encontram-se representados o *estilo marítimo* e o *estilo pontilhado geométrico*: o primeiro encontra-se documentado em dois vasos campaniformes; o segundo regista-se numa caçoila de "estilo local" (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226). Documentou-se também a presença de uma possível ponta tipo *Palmela* em cobre (*ibidem*).

¹¹³ A associação entre o *estilo marítimo, variante internacional* e o *estilo marítimo, variante linear* está documentada em dois vasos campaniformes recuperados neste dólmen (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226). Encontram-se também documentados quatro recipientes troncocónicos invertidos (Valera 1995/1996: 241).

¹¹⁴ Nesta estação apenas se encontra documentada a presença do *estilo pontilhado geométrico* num vaso carenado de "estilo tardio" (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226). Está registado também um recipiente troncocónico invertido (Valera 1995/1996: 241).

¹¹⁵ O sítio arqueológico do *Outeiro do Rato* apresenta o espólio mais significativo recuperado em monumentos megalíticos da plataforma do Mondego, no que concerne a materiais campaniformes. A cerâmica campaniforme encontra-se representada por dois vasos campaniformes, um decorado segundo o *estilo marítimo, variante internacional* e outro associando este *estilo ao estilo marítimo, variante linear* (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226). Recuperam-se ainda artefactos metálicos: um punção em cobre arsenical e uma espiral em ouro nativo (*ibidem*). Entre os materiais recuperados deste monumento encontra-se também registado um vaso troncocónico invertido (Valera 1995/1996: 241).

¹¹⁶ No povoado do *Penedo da Penha* encontram-se documentados três fragmentos cerâmicos possivelmente pertencentes ao mesmo recipiente – um vaso acampanado – decorados com bandas incisadas em espinha (Senna-Martinez 1994: 179; Valera 1995/1996: 226).

¹¹⁷ Nesta estação arqueológica a decoração presente num vaso campaniforme corresponderá a uma decoração de "estilo local" (Valera 1995/1996: 226, 1999a: 53 e 60).

¹¹⁸ A contextualização deste sítio arqueológico será alvo de uma análise particular, devido ao número de estudos efectuados e aos seus resultados (Valera 1995/1996, 1997b, 1999b, 2000; Dias *et alii* 2000).

¹¹⁹ Encontra-se ainda noticiada a presença de cerâmicas campaniformes na *Casa da Moura de Pendilhe* (Cruz 1997: 14), embora o autor não refira o número de fragmentos ou de recipientes, nem os estilos decorativos representados nessas cerâmicas.

parecem ter sido alvo de violações, com a excepção da *Orca de Seixas* (Senna-Martinez 1994: 180, Valera 1995/1996: 227), considerada a única deposição primária do conjunto destes contextos (Valera 1995/1996: 227).

O povoado aberto de Linhares, embora bastante revolvido devido ao plantio de um eucaliptal (Valera 1999a: 52), foi caracterizado como um sítio de ocupação temporária, localizado numa área planáltica e por isso diluída na paisagem, sem defesas naturais (*idem*: 55). A escavação deste sítio permitiu estabelecer a associação também observada em outros contextos da transição Calcolítico Final/Bronze Inicial entre cerâmicas com decoração "penteada"¹²⁰, vasos troncocónicos invertidos, recipientes campaniformes (neste caso apenas um exemplar) e recipientes com decorações plásticas¹²¹ (*idem*: 54).

A estação arqueológica do *Penedo da Penha* caracteriza-se por um aglomerado de penedos graníticos que formam abrigos e cavidades, permitindo a ocupação humana desses espaços (Valera 1995/1996: 220). Os materiais da Idade do Bronze¹²² recolhidos neste sítio arqueológico são provenientes de escorrimentos detectados nas salas 1 e 2 do complexo 1 e de cavidades próximas localizadas na mesma vertente deste complexo mas a uma cota superior (*ibidem*).

Assim, o povoado fortificado da *Fraga da Pena* trata-se do único sítio arqueológico de carácter habitacional¹²³ em que se registou a presença de cerâmicas campaniformes numa estratigrafia preservada (Valera 1995/1996, 1997b, 2000). Para além deste facto, o estudo da *Fraga da Pena* desenvolvido por António Valera apresenta uma problematização do *Campaniforme* algo diferente das anteriormente apresentadas aqui, criando novas possibilidades interpretativas sobre esta materialidade.

Esta estação caracteriza-se por aproveitar um *tor* granítico para a construção de dois recintos fortificados: o recinto superior designado por sector 1 e o recinto inferior denominado por sector 2 (Valera 2000: 269-270); o sector 3¹²⁴ desta estação

¹²⁰ António Valera expõe uma breve problematização sobre a associação recorrente entre a decoração incisa "penteada" e as cerâmicas campaniformes em estações arqueológicas da Beira Alta, Norte de Portugal e Galiza (Valera 1999a: 53-56).

¹²¹ Foi ainda possível documentar indústria lítica talhada, em sílex e em quartzo, pedra polida, um movente, um polidor e seixos rolados (Valera 1999a: 53). Em termos de cultura material cerâmica foi documentada ainda a presença de bases planas e de um possível fragmento de peso de tear (*ibidem*).

¹²² A identificação destes materiais como pertencentes à Idade do Bronze é feita através de paralelos tipológicos com cerâmicas recuperadas em contextos similares da Beira Alta (Valera 1995/1996: 220). No complexo 1 do *Penedo da Penha* encontra-se documentada a presença de três recipientes troncocónicos (*idem*: 241), de cerâmicas com decorações plásticas (simples ou digitadas) e de cerâmicas com decoração incisa "penteada" (Valera 1999a: 55).

¹²³ Contudo António Valera (2000: 277) refere que "a interpretação doméstica não sendo de excluir, parece manifestamente insuficiente para justificar e explicar a globalidade das características deste contexto".

¹²⁴ A cultura material presente neste sector 3 apresenta-se em contraste com as materialidades registadas no interior dos dois recintos fortificados, pois nesse sector não se registou a presença de cerâmica campaniformes.

situa-se no exterior das estruturas arquitectónicas que compõem a *Fraga da Pena*, numa área localizada a cota mais elevada (*idem*: 270). Esta localização destacada na paisagem e as suas características geomorfológicas terão contribuído, segundo António Valera, para que este sítio arqueológico, mesmo antes das construções arquitectónicas aí detectadas, se definisse como um “local com um nome” (Tilley 1996 citado em Valera 2000: 276), constituindo-se assim como “um lugar” (Valera 2000: 276).

A cultura material¹²⁵ deste povoado revelou uma continuidade com a cultura material cerâmica conhecida para povoados calcolíticos desta área¹²⁶, embora se tenham registado novas formas cerâmicas já integráveis nas taxonomias atribuíveis à Idade do Bronze da Beira Alta¹²⁷, e cerâmicas campaniformes¹²⁸ (Valera 1995/1996: 221 1997b; 2000; Dias *et alii* 2000). Documentou-se ainda a presença nesta

encontrando-se presente pesos de tear, materialidade não registada no interior do povoado fortificado da *Fraga da Pena* (Valera 2000: 277). De realçar será o facto da decoração incisa “penteada” representar mais de 90% das organizações decorativas presentes neste sector, face à sua relativa pouca representatividade no interior dos recintos fortificados (Valera 1999a: 54).

¹²⁵ Na qual se incluem de forma pouco significativa alguma indústria lítica talhada (em quartzo, sílex, dolerito e sobre seixo rolado), artefactos de pedra polida e elementos de moagem (Valera 1997b: 75-80). Será ainda de salientar para a caracterização deste sítio arqueológico a presença de pinturas nos afloramentos da *Fraga da Pena* (Valera 2000: 277), bem como a presença de um pendente sobre seixo rolado e de um “ídolo” antropomórfico em xisto polido (Valera 1997b: 77 e 79).

¹²⁶ Neste conjunto inserem-se as formas “(...) tipo 2 – taças; 4 – tigelas; 5 – esféricos; 6 – globulares; 9 – recipientes de colo troncocónico (...)” (Valera 1997b: 64-65), as decorações como espinhas enquadadas ou não por caneluras e a decoração incisa “penteada” embora surgindo aqui com maior representatividade que nos povoados calcolíticos (*idem*: 66).

¹²⁷ As formas cerâmicas atribuídas a este período presentes na *Fraga da Pena* são: “(...) tipo – 16 recipientes troncocónicos invertidos; tipo 17 – pote de base plana e bocal ligeiramente fechado; tipo 18 – grandes potes de colo troncocónicos com ligeiro estrangulamento junto ao bordo; tipo 19 – grande pote de colo muito estrangulado; tipo 20 – recipientes de colo acentuadamente estrangulado; tipo 21 – potes de colo estrangulado (por vezes com asas abaixo do bordo); tipo 22 – taças de carena média e colo ligeiramente estrangulado; tipo 23 – recipientes de carena média ou baixa e colo alto e fechado (tipo caçoila); tipo 24 – pequeno pote de base plana e bordo invertido” (Valera 1997b: 64-65). A nível decorativo nota-se a introdução de novas temáticas decorativas essencialmente decorações plásticas (mamilos, pastilhas e cordões), por vezes digitadas (*idem*: 66).

¹²⁸ As cerâmicas campaniformes correspondentes ao vaso campaniformes enquadram-se no “tipo 15” (Valera 1997b: 64-65). Estas não se dividem de forma igual pelos recintos fortificados já que apenas seis recipientes provêm do sector 1 e vinte e seis do sector 2 (Valera 2000: 270). As decorações presentes nestas formas campaniformes são bastante diversificadas assim encontram-se presentes o *estilo marítimo*, *variante internacional*, o *estilo marítimo*, *variante linear* e o *pontilhado geométrico* (*ibidem*). Mas o estilo liso também se encontra bem representado, quer em vasos campaniformes, quer em caçoilas, carenada ou de ombro (*ibidem*).

No entanto pela sua particularidade destacam-se aqui os vasos campaniformes com decorações que não se enquadram nos *estilos* “clássicos”: impressões unguladas (realizadas com o polegar e o indicador), que não encontram paralelo a nível peninsular, que se distribuem de uma forma abrangente e destruturada, mas homogénea; o puncionamento seguindo o estilo marítimo variante linear; e a impressão com espátula (Valera 2000: 270). Estas diversas decorações impressas são o grupo mais representativo dos motivos decorativos presentes nos recipientes campaniformes da *Fraga da Pena*, entre estas destacam-se as impressões unguladas (*ibidem*).

As cerâmicas campaniformes recuperadas na *Fraga da Pena* correspondem a trinta e dois recipientes, estes representam 65% dos quarenta e nove vasos campaniformes documentados em toda a Beira Alta (Valera 2000: 272).

estação arqueológica de um punção em cobre¹²⁹ (Valera 1995/1996: 222, 1997b: 80, 2000: 277).

António Valera (1999b, 2000) propõe uma conceptualização deste sítio que implica o desenvolvimento de uma análise interpretativa à escala local e que concebe a estação como um “todo”, enquanto espaço numa paisagem, espaço construído e categorizado, espaço onde se desenvolveram determinadas práticas sociais e espaço que contém determinadas materialidades: “Trata-se da noção de que [sic] as actividades que ali ocorriam e os materiais que por ali circulavam, com os seus simbolismos próprios associados aos destacados elementos geomorfológicos e arquitectónicos, poderiam ser componentes centrais na nova conceptualização deste lugar e do seu papel estruturante na organização mental do espaço local e das relações sociais que nele ocorriam. Ou seja, a relação objecto e contexto é dialéctica: se o objecto ganha significado num determinado contexto esse contexto também retira sentido da presença desse mesmo objecto” (Valera 2000: 278).

No seguimento desta perspectiva “os materiais campaniformes que [a *Fraga da Pena*] forneceu, entendidos como uma parcela do seu todo, poderão ser perspectivados de uma forma mais alargada, susceptível de lhes revelar sentidos mais activos e diversificados (...) além da perspectiva que lhes reserva exclusivamente um papel de elementos de consumo diferenciado adicionados e ao serviço de uma elite” (Valera 2000: 278). Desta forma, as cerâmicas campaniformes neste contexto estariam relacionadas – tal como as restantes materialidades aí recuperadas e as próprias estruturas arquitectónicas – com um processo mais amplo de criação de uma nova leitura da paisagem local “que se (...) [articula] com novas estratégias de ocupação de lugares que facilitam a demarcação e o controlo de novos território e das relações sociais a que estes servem de palco, mas também com a afirmação de identidade local” (*idem*: 277).

Ainda assim, e apesar de afirmar a necessidade de estudos mais contextualizado, a nível regional ou mesmo local, que permitam problematizar as especificidades do Campaniforme, António Valera (2000: 275) sugere a possibilidade do “fenómeno campaniforme se (...) [poder] integrar em momentos semelhantes de mudança estrutural das relações sociais (...) à escala peninsular e extra peninsular”.

Para além de analisadas de forma contextualizada e relacional, as cerâmicas campaniformes da *Fraga da Pena* foram também submetidas a análise de proveniência e de produção tecnológica¹³⁰ (Dias *et alii* 2000), estudo que se destaca, antes

¹²⁹ Na área mais próxima desta estação apenas se conhece a presença de um achado avulso, uma espada em cobre arsenical, encontrada no *Pinhal dos Melos*, que se poderá situar no mesmo âmbito cronológico (Valera 1995/1996: 222, 1997b: 80).

¹³⁰ Neste estudo procederam-se a análises químicas das pastas cerâmicas (Dias *et alii* 2000: 254), bem como análises petrográficas das mesmas (*idem*: 259).

de mais, pelo seu carácter quase singular¹³¹, e pelo facto de permitir determinar que a maioria destes materiais são, de facto, produções locais, e ainda por permitir compreender a especificidade destes materiais a um nível não meramente formal, visto que se verificou tratar-se de uma categoria cerâmica produzida de forma mais cuidada no que diz respeito à “obtenção de matérias-primas e (...) [à] tecnologia de produção” (Dias *et alii* 2000: 261).

Este trabalho teve como base uma amostragem representativa de todos grupos cerâmicos identificados¹³² no inteiro dos recintos fortificados da *Fraga da Pena* (Dias *et alii* 2000: 254 e 256) e amostras de barreiros recolhidas em áreas próximas deste povoado de forma a permitir a comparação entre as pastas cerâmicas e as matrizes químicas, mineralógicas e texturais desses barreiros (*idem*: 256-257). Daqui resultou a definição de quatro grupos composicionais para as cerâmicas analisadas, na sua totalidade determinados como locais visto apresentarem uma caracterização similar às definidas para as amostras dos barreiros (*idem*: 261): apenas no grupo composicional I¹³³ se enquadram exclusivamente cerâmicas campaniformes¹³⁴, nos restantes grupos associam-se as pastas de recipientes campaniformes com recipientes dos restantes grupos taxonómicos¹³⁵ (*idem*: 258). Registou-se ainda a adição de têmpera às matrizes argilosas, quer sobre a forma de grãos de base granítica, quer sobre a forma de cerâmica moída (*idem*: 259).

¹³¹ Apenas se conhecem outros dois estudos de proveniência e de tecnologia de produção realizados com base na análise de cerâmicas campaniformes (Melo e Gonçalves 1986; Cabral *et alii* 1988).

¹³² Num conjunto total de dez grupos cerâmicos: “campaniformes impressos pontilhados”; “campaniformes impressos de bandas não pontilhados”; “campaniformes lisos”; “campaniformes impressos pontilhados”; “campaniformes – base em *omphalos*”; “recipientes com decoração penteada”; “formas de tradição calcolítica lisas”; “formas de tradição calcolítica decoradas”; “formas da Idade do Bronze lisas”; e “formas da Idade do Bronze decoradas” (Dias *et alii* 2000: 256).

¹³³ Nas palavras dos signatários deste artigo poderia afirmar-se que “(...) embora existam recipientes campaniformes (cerca de 50% dos analisados) que se enquadram nos outros grupos composicionais e, por isso, as suas pastas se assemelham às das outras morfologias cerâmicas presentes neste sítio, verifica-se que em nenhuma outra categoria cerâmica se observa um tão grande cuidado na obtenção de matérias-primas e na tecnologia de produção como o evidenciado pelos campaniformes do grupo I” (Dias *et alii* 2000: 261).

¹³⁴ Neste grupo I estão presentes as pastas dos seguintes onze recipientes campaniformes: seis impressos unglados; três lisos; um de base em *omphalos*; e um impresso de bandas não pontilhado (Dias *et alii* 2000: 258).

¹³⁵ O grupo II reúne as pastas de oito vasos campaniformes: três impressos unglados; dois impressos pontilhados; um de base em *omphalos*; um impresso de bandas não pontilhado (Dias *et alii* 2000: 258). Neste grupo associam-se ainda as pastas de dois recipientes cerâmicos lisos com formas tradicionais da Idade do Bronze e três recipientes com formas tradicionais decoradas do Calcolítico (*ibidem*).

No grupo III encontram-se presentes as pastas dos seguintes recipientes: um campaniforme impresso unglado; dois recipientes com decoração “penteada” com formas tradicionais da Idade do Bronze; e uma forma tradicional do Calcolítico também com decoração “penteada” (*ibidem*).

Por fim, o grupo IV reúne os seguintes recipientes: dois campaniformes lisos; um impresso de bandas não pontilhado; dois campaniformes com decoração pontilhada; quatro recipientes com decoração penteada; seis formas lisas tradicionais da Idade do Bronze; e seis formas tradicionais do Calcolítico, três com decoração e três sem decoração (*ibidem*).

Por fim, saliente-se o facto de existirem seis recipientes cerâmicos¹³⁶ que não foi possível associar a qualquer um dos grupos composicionais definidos, ou seja, que não se coadunam com as restantes pastas, nem com as amostras de matéria-prima recolhidas localmente (Dias *et alii* 2000: 260 e 262). Assim colocam-se duas hipóteses interpretativas relativamente a estes materiais: a possibilidade das argilas utilizadas na produção destas cerâmicas serem locais, embora não tenham sido ainda detectadas; ou a hipótese de estes recipientes se tratarem de importações (*ibidem*).

b) Datações absolutas

A única datação absoluta para um contexto em que se encontram presentes cerâmicas campaniformes na Beira Alta foi obtida de uma amostra recolhida na base do solo de ocupação do sector 1 da *Fraga da Pena*: Sac – 1543 3710 ± 60 B.P., que corresponde, calibrado a dois sigma, ao intervalo 2282-1922 a.C. (Valera 2000: 271).

2.4. Norte de Portugal

a) Metodologias de análise e interpretações

A presença de cerâmica campaniforme no Norte de Portugal foi registada em vinte e duas estações arqueológicas (ver anexo 1 e anexo 2), que podem ser divididas em cinco grupos de contextos: funerários, povoados, abrigo/área de armazenagem, *monumentos*¹³⁷ (Jorge 2002: 37-38) e achados ocasionais (ver anexo 3). O conjunto dos contextos funerários pode ainda dividir-se em: mamoas; dólmenes simples; dólmenes de corredor; e um caso de uma câmara megalítica cistóide (ver anexo 3).

Relativamente à distribuição dos contextos funerários, é possível definir três concentrações: a Serra da Aboboreira, o núcleo megalítico do *Alto da Portela do Pau* e o litoral minhoto (nos concelhos de Caminha e Viana do Castelo)¹³⁸. Os restantes monumentos funerários constituem casos isolados de contextos com cerâmica campaniforme no interior de núcleos megalíticos (ver anexo 2 e anexo 1 – n.º 1, 7, 9, 16 e 18).

¹³⁶ Destes seis recipientes cerâmicos quatro são campaniformes (um pontilhado de bandas, um pontilhado linear, um com punccionamentos e um liso), outro trata-se de um recipiente com decoração penteada, e por último, uma forma lisa de tradição calcolítica (Dias *et alii* 2000: 260).

¹³⁷ Maria de Jesus Sanches (2000/2001: 8) não denominado o sítio arqueológico do Crasto de Palheiros como um *monumento*, mas sim, como um *povoado-monumento*. Este conceito procura reflectir o entendimento que a autora tem das diferentes facetas que esta estação arqueológica terá apresentado durante as fases Crasto I e Crasto II (*idem*: 7-8).

¹³⁸ Ver anexo 2.

Na primeira destas concentrações aglomeram-se numa área relativamente próxima os seguintes monumentos funerários: dólmen 1 de *Chã de Parada*¹³⁹ (Jorge e Bettencourt 1988), mamoa 2 de *Outeiro de Ante*¹⁴⁰ (Gonçalves 1984), mamoa 1 de *Chã de Carvalhal*¹⁴¹ (Cruz 1991), mamoa de *Monte Maninho*¹⁴² (Cruz 1987) e mamoa de *Vale de Juros*¹⁴³ (Carneiro *et alii.* 1987). Existe ainda a possibilidade do povoado do *Tapado da Caldeira*¹⁴⁴ (Jorge 1980) se relacionar com as reutilizações destes monumentos e com a construção da câmara megalítica cistóide de *Chã de Carvalhal* (Cruz 1991), contudo não foi possível perceber as características deste povoado devido ao seu estado de destruição, provocada pela implantação de uma necrópole da Bronze Final na área ocupada por este (Jorge 1980).

Dos monumentos que fazem parte do núcleo megalítico do *Alto da Portela do Pau*¹⁴⁵ pelo menos dois dos quatro monumentos intervencionados¹⁴⁶ (possivelmente três) revelaram a presença de cerâmica campaniforme (Jorge *et alii* 1997).

No litoral minhoto, foram detectadas cerâmicas campaniformes em três monumentos relativamente próximos: o dólmen da *Barrosa*¹⁴⁷ (Cruz 1991), a mamoa de *Aspra*¹⁴⁸ (Silva 1989) e a mamoa da *Eireira*¹⁴⁹ (Silva 1988).

Os achados de cerâmica campaniformes nestes contextos têm sido considerados como produtos de reutilizações¹⁵⁰ (Cruz 1991: 163), com excepção do caso da *Chã do Carvalhal*, monumento construído num momento tardio do megalitismo, no qual foi possível identificar *in situ* dois conjuntos de artefactos metálicos aí depositados aquando da construção desta câmara megalítica cistóide (*idem*: 42).

Por sua vez os povoados em que se documentou a presença de cerâmica campaniforme encontram-se dispersos por diferentes áreas, e são apenas dois: *Tapado da Caldeira*, já referido; *Pastoria* (ver anexo 1 – n.º 17).

Na estação arqueológica da *Pastoria*, povoado aberto da área de Chaves, foi possível recolher cerâmicas campaniformes associadas a "cerâmicas domésticas calco-

¹³⁹ Ver anexo 1 – n.º 10.

¹⁴⁰ Ver anexo 1 – n.º 11.

¹⁴¹ Ver anexo 1 – n.º 13.

¹⁴² Ver anexo 1 – n.º 14.

¹⁴³ Ver anexo 1 – n.º 15.

¹⁴⁴ Ver anexo 1 – n.º 12.

¹⁴⁵ Este núcleo megalítico reúne, pelo menos, 75 monumentos funerários divididos entre o Norte de Portugal e a Galiza (Jorge *et alii* 1997: 7).

¹⁴⁶ Neste trabalho atribuí-se, devido à sua proximidade, o mesmo número de inventário a todos os monumentos (1, 3 e possivelmente no 2) deste núcleo megalítico em que se detectou cerâmica campaniforme (ver anexo 1 – n.º 2).

¹⁴⁷ Ver anexo 1 – n.º 4.

¹⁴⁸ Ver anexo 1 – n.º 5.

¹⁴⁹ Ver anexo 1 – n.º 6.

¹⁵⁰ Embora não tenha sido possível compreender como estas reutilizações se processavam uma vez que nenhum dos sítios intervencionados se encontrava totalmente preservado.

líticas decoradas do Alto Tâmega” e a artefactos metálicos (Jorge 1986: 855). Foi possível nesta estação analisar as pastas e a tecnologia de produção das cerâmicas campaniformes e concluir que se tratavam de produções locais (Jorge 1986: 939; Melo e Gonçalves: 1061).

O abrigo/área de armazenagem do *Buraco da Pala I*¹⁵¹ (ver anexo 1 – n.º 22) constitui um caso particular no que diz respeito às características das cerâmicas campaniformes aí identificadas, uma vez que se registaram formas campaniformes decoradas, exclusivamente, segundo um “estilo local” (com decoração incisa “penteadá”). Talvez seja esta a razão pela qual esta estação não foi incluída no inventário de estações arqueológicas com cerâmicas campaniformes realizado por Susana Jorge (2002: 36-37). Ainda assim, no presente trabalho estes materiais são considerados como cerâmicas campaniformes. Neste contexto surgem associadas a estas cerâmicas campaniformes, artefactos metálicos em cobre arsenical e em ouro¹⁵² (*idem*: 131) e cerâmicas de âmbito doméstico (*idem*: 126-127).

No grupo de contextos aqui denominados por *monumentos* incluem-se as estações do *Crasto de Palheiros*¹⁵³ (Barbosa 1999; Sanches 2000/2001), de *Castelo Velho*¹⁵⁴ (Jorge 2002) e de *Castanheiro do Vento*¹⁵⁵ (Jorge *et alii* 2002a, 2002b).

A informação disponível para *Castelo Velho* não permite ainda relacionar o único fragmento cerâmico campaniforme aí encontrado com a estação no seu conjunto (Jorge 2002); no caso de *Castanheiro do Vento* esta situação é ainda mais flagrante, já que esta estação se encontra ainda em início de investigação (Jorge *et alii* 2002a, 2002b). Assim, do conjunto dos três *monumentos* referidos apenas o *Crasto de Palheiros* permite uma maior problematização da relação das cerâmicas campaniformes com este tipo de contexto, uma vez que somente para este sítio se realizou um trabalho que analisa a cerâmica campaniforme e a sua relação com o conjunto da estação (Barbosa 1999). No entanto, é num trabalho de Maria de Jesus Sanches (Sanches 2000/2001) que se coloca uma hipótese interpretativa para a distribuição espacial das cerâmicas campaniformes nesta estação. Segundo esta autora existiria uma segregação espacial deste tipo cerâmico no interior da estação, uma vez que este só foi documentado na plataforma superior da mesma (*idem*: 13).

Por fim, os achados ocasionais que são apenas dois, o *Castelo de Fraião*¹⁵⁶ e

¹⁵¹ Documentou-se a presença de pinturas esquemáticas no abrigo do *Buraco da Pala* (Sanches 1997a: 259 – anexo VIII) para as quais não foi ainda definida uma cronologia (*idem*: 221), não sendo assim possível relacionar estas pinturas com as ocupações registadas neste abrigo.

¹⁵² A metalurgia deste tipo de metal pode ter sido praticada nesta estação arqueológica, como possivelmente a dos artefactos em cobre (Sanches 1997a: 131).

¹⁵³ Ver anexo 1 – n.º 19.

¹⁵⁴ Ver anexo 1 – n.º 21.

¹⁵⁵ Ver anexo 1 – n.º 20.

¹⁵⁶ Ver anexo 1 – n.º 3.

o *Lugar do Vargo*¹⁵⁷: no primeiro caso os autores do achado colocam a hipótese de se poder tratar de um povoado (Almeida *et alii* 1995: 318-319); no segundo caso estar-se-ia segundo Bettencourt (1991/1992: 234) perante um provável contexto funerário.

A distribuição de estilos decorativos campaniformes, bem como de outros tipos de decoração associados a formas campaniformes pelas diferentes estações arqueológicas do Norte de Portugal onde se detectaram estas materialidades encontra-se inventariado neste trabalho (ver anexo 1, anexo 2 e anexo 3). Será de salientar apenas os inúmeros casos em que as decorações não são produzidas segundo os denominados “estilos decorativos clássicos”¹⁵⁸ da cerâmica campaniforme: a incisão “penteada”; a associação num mesmo vaso de diferentes técnicas decorativas; e a utilização de matriz de concha¹⁵⁹.

Na consulta bibliográfica realizada para a elaboração deste trabalho identificaram-se aproximadamente 94 vasos atribuíveis a cerâmicas campaniformes. Estes distribuem-se, pelos tipos de contextos definidos, da seguinte forma: contextos funerários – 33 recipientes; povoados – 17; abrigo/área de armazenagem – 22; “monumentos” – 20; achados ocasionais – 2 (ver anexo 3).

São diversas as perspectivas de modelização que se foram desenvolvendo desde meados da década de 80, do século passado, para o *Campaniforme* no Norte de Portugal. Embora centrados numa análise ao nível da estação arqueológica, a maioria destes estudos remetem para uma problematização do *Campaniforme* a uma escala mais alargada (Jorge 1986, Jorge 1988, Jorge 1990; Cruz 1991, Jorge *et alii* 1997; Sanches 1997a; Barbosa 1999; Jorge 2002).

Susana O. Jorge (1986) elabora uma análise do *Campaniforme* no Norte de Portugal, abordado tanto a nível regional, como a nível local. O seu trabalho tem como base o estudo de quatro estações da área de Chaves e Vila Pouca de Aguiar: *Pastoria*, *Vinha Soutilha*, *Castelo de Aguiar* e *São Lourenço* (*idem*).

Como já se referiu apenas no sítio arqueológico da *Pastoria* foi documentada cerâmica campaniforme¹⁶⁰, num contexto doméstico, associado a materiais caracte-

¹⁵⁷ Ver anexo 1 – n.º 8.

¹⁵⁸ No Norte de Portugal dos ditos “estilos decorativos clássicos” encontram-se presentes: o *estilo marítimo, variante internacional*; o *estilo marítimo, variante linear*; o *estilo pontilhado geométrico*; as cerâmicas campaniformes lisas; e o *estilo cordado (AOC)* – ver anexo 3.

¹⁵⁹ Presente no dólmen I de *Chã de Parada* numa organização decorativa estilo *marítimo, variante linear*, os autores apontam que a concha utilizada poderá ter sido a *Chlamys opercularis* (Jorge e Bettencourt 1988: 111) – a exemplo do que já tinha sido detectado na Galiza (Criado Boado e Vázquez Varela 1982: 48-49); a matriz de concha foi também detectada na mamoa I de *Madorras* (Cruz 1991: 135; Gonçalves e Cruz 1994: 205).

¹⁶⁰ Na estação arqueológica do *Castelo de Aguiar* documentou-se a presença de organizações decorativas que podem representar tentativas de “imitação” do *estilo marítimo, variante internacional*, embora não se trate de uma forma campaniforme (Jorge 1986: 935-936), ao contrário do que acontece no *Buraco da Pala* (Sanches 1997). As organizações decorativas mencionadas acima têm como base a técnica decorativa da incisão “penteada”.

rísticos da cultura material da região (Jorge 1986: 855). Segundo esta investigadora, através da análise dos materiais cerâmicos recuperados nesta estação é possível observar um processo de transformação que envolve a cerâmica campaniforme: de produto de excepção e acesso restrito distinguido pela sua morfologia, organizações e técnicas decorativas específicas, para um momento em que as suas organizações decorativas seriam imitadas embora utilizando técnicas decorativas e formas locais (*idem*: 936). Susana Jorge (*idem*: 939) sugere que este processo reflecte uma transformação ao nível da forma como estes materiais seriam conceptualizados pela comunidade da *Pastoria*: num primeiro momento a cerâmica campaniforme serviria como elemento distintivo de uma “elite nascente”, que ao ser assimilado por um grupo mais alargado da população se transforma numa cerâmica de “uso quotidiano”, o que por sua vez implicaria a necessidade da criação de novos “bens de prestígio” por parte das “elites”.

No entanto, o contributo mais importante desta autora para a problematização do *Campaniforme* no Norte de Portugal, é o facto de afirmar a inexistência de uma “unidade do fenómeno campaniforme”, uma vez que em certos contextos arqueológicos não era possível identificar a totalidade dos elementos materiais definidos como parte integrante do denominado “pacote campaniforme”¹⁶¹ (Jorge 1986: 939). Para além de colocar a formalidade do “fenómeno” em causa, Susana Jorge coloca também em questão a unicidade do significado das cerâmicas campaniformes: “será lícito perguntar, se tal tipo de artefacto [cerâmica campaniforme] desempenhou um papel simbólico similar nos vários locais onde se inseriu, ou se, pelo contrário devemos olhar tal cerâmica como um objecto padronizado exercendo *funções* plurais” (Jorge 1988: 88).

No entanto, a argumentação da autora desenvolve-se no âmbito de uma abordagem processualista, remetendo a sua interpretação para “fenómenos” de *intensificação, interacção*¹⁶², surgimento de estratificação social, “bens de prestígio” e *emulação* (Jorge 1986: 935-939, Jorge 1988: 88-92; Jorge 1990: 197-212). Este último conceito explicaria para esta autora a adopção de “bens de prestígio” de sociedades mais complexas por parte de sociedades menos desenvolvidas (Jorge 1988: 91). Mas esta assimilação da cerâmica campaniforme é vista apenas como uma adição formal, já que para a autora: “a cerâmica [campaniforme] é assimilada sem rupturas arqueologicamente visíveis, por algumas comunidades locais, cujas

¹⁶¹ Esta dissociação apesar de ser feita com base num estudo arqueográfico “débil”, já que se baseia numa oposição cultural entre sociedades megalíticas e sociedades das cerâmicas decoradas, como no aparecimento do *horizonte de Montelavar*, revela-se importante (Jorge 1986; Jorge 1988: 88-89).

¹⁶² Procurando avaliar as áreas com as quais o Norte de Portugal teria estabelecido ligações (Jorge 1986: 935), como atestam a utilização de expressões como *complexo Palmela* ou *complexo Ciempozuelos* (*idem*: 857).

elites desejam possuir um novo *status* de poder, sem que isso actue de forma significativa no sistema cultural total” (*idem*: 89).

O estudo realizado por Domingos Cruz (1991: 105-164) sobre o *Campaniforme* do Norte de Portugal tem como base o estudo da mamoa 1 de *Chã de Carvalhal*, no entanto a sua análise faz-se a nível regional. Domingo Cruz (*ibidem*) procedeu a um inventário de todos os materiais considerados por este autor como sendo campaniformes¹⁶³: organizados segundo os *tipos* de artefactos identificados e pelas respectivas estações arqueológicas onde foram recuperados. O autor realiza uma análise meramente formal dos objectos procurando estabelecer paralelos, cronologias relativas e origens para cada um dos *tipos* de materiais analisados. Através desta análise Domingos Cruz (*idem*: 163) estabelece a Estremadura portuguesa e a Meseta espanhola como os dois pontos de origem das influências que se fizeram sentir no Norte de Portugal. As aproximações cronológicas para o *Campaniforme* do Norte de Portugal estabelecidas por este autor têm como base as datações assumidas para as duas áreas geográficas referidas atrás (*ibidem*).

A cerâmica campaniforme é considerada, por Domingos Cruz (1991: 164) como um “bem de prestígio”, que associada aos outros “materiais campaniformes”, revelaria o surgimento “das primeiras verdadeiras elites e sociedades estratificadas, correspondendo ao culminar de um paulatino processo de mudanças sociais, cuja origem mais próxima se situará no período calcolítico”.

Num breve apontamento sobre a natureza das reutilizações que se realizaram nos monumentos do núcleo megalítico do *Alto da Portela do Pau*, os autores responsáveis por essa intervenção, apontam a deposição das cerâmicas campaniformes como “um princípio de distinção social” (Jorge *et alii* 1997: 119).

Maria de Jesus Sanches (1997a: 128) interpreta as formas cerâmicas campaniformes presentes no abrigo do *Buraco da Pala I*, decoradas segundo a técnica da incisão “penteada”¹⁶⁴ – organizações decorativas V3 e V5, que procuram no entender desta autora reproduzir o *estilo marítimo, variante internacional* – como “imitações” de cerâmicas campaniformes.

A ocorrência destas “imitações” será fruto, no entender da autora, de relações entre comunidades, através destas relações aconteceria a transmissão do conheci-

¹⁶³ Assim, este autor procede à inventariação de todas as cerâmicas campaniformes recolhidas no Norte de Portugal, bem como de outros materiais, tais como: pontas *tipo Palmela*; punhais; alabardas; elementos de adorno em ouro (diademas/gargantilhas, lúnulas, aros, espirais, discos e “braçais”); braçais de arqueiro; contas de colar e pendentis (Cruz 1991: 144). Contudo apenas nas estações arqueológicas da *Pastoria*, *Buraco da Pala I* e *Chã de Carvalhal* se poderá fazer uma associação segura entre as cerâmicas campaniformes e alguns destes materiais (Jorge 1986; Cruz 1991; Sanches 1997a). Na mamoa de *Chafé* a associação da cerâmica campaniforme com os restantes materiais aí encontrados será mais problemática (Cruz 1991: 112).

¹⁶⁴ Esta técnica decorativa teria, no entender de Maria de Jesus Sanches (1997a: 130), “um elevado peso social/cosmológico no nível regional”.

mento social e técnico necessário à sua produção, pois segundo Maria de Jesus Sanches (1997a: 129) estas cerâmicas seriam produzidas localmente. O significado que caracterizaria as “imitações” de cerâmicas campaniformes presentes no *Buraco da Pala I* ou as cerâmicas campaniformes “clássicas” seria, segundo Maria de Jesus Sanches (*ibidem*), distinto de região para região.

O relacionamento destas comunidades seria estabelecido através de “percursos”, redes de troca e de intercâmbio de produtos raros, pré-existentes, que teriam permitido um rápida difusão da cerâmica campaniforme (Sanches 1997a: 129). Estas redes de troca e de intercâmbio funcionariam entre “elites locais”, permitindo a “partilha” de identidades” (*ibidem*). Assim para esta autora: “A manipulação da cerâmica campaniforme como estilo iconológico, com grande carga simbólica, deveria assim inscrever-se na esfera de relações sociais cerimonializadas entre linhagens regionalmente destacadas, quer aquela cerimónias tivessem lugar nos povoados ou fora deles” (*ibidem*)¹⁶⁵.

A caracterização do *Crasto de Palheiro* realizada por Sandra Barbosa¹⁶⁶ (1999: 186-187) destaca a “monumentalização” desta estação arqueológica através da construção das estruturas arquitectónicas aí detectadas. Esta construção corresponderia a uma necessidade de “novas formas de apropriação e utilização do território”, por parte “das primeiras sociedades agrárias” (*idem* 1999: 186). Assim, este povoado-monumento (Sanches 2000/2001: 8) funcionaria como um “marcador” espacial e identitário no âmbito de uma nova relação com o território (Barbosa 1999: 188).

Sandra Barbosa (1999: 186-185), caracteriza a *Unidade Interna* do *Crasto de Palheiros* como uma área “multifuncional ou polivalente”, pois não consegue identificar áreas funcionais especializadas. Do mesmo modo que não consegue definir a funcionalidade específica dos recipientes campaniformes¹⁶⁷ (*ibidem*). No entanto a autora coloca duas hipóteses para a funcionalidade destas cerâmicas: o consumo de alimentos ou a armazenagem (*idem*: 190). Estas funcionalidades são atribuídas por não se terem detectado indícios de fuligem nestes recipientes, por isso não seriam utilizados na confecção de alimentos (*ibidem*).

¹⁶⁵ No entender da autora: “a associação do estilo ‘campaniforme’ (nas suas diversas variantes e ‘imitações/transfigurações’) – que veicula um sentido ou que comunica uma ou mais mensagens implícita ou explicitamente delineadas –, a outros artefactos e/ou cenários de valor social elevado – estes também portadores dos seus próprios sentidos ou significados –, é que deve ter criado em cada contexto ‘valores/sentidos particulares’, ligados ao plano das relações político-sociais e ideológicas, tanto dentro do grupo – entre diferentes segmentos sociais –, como fora dele – entre elites distintas (Sanches 1997a: 130).

¹⁶⁶ Na análise desta autora o *Crasto de Palheiros* é classificado como um povoado (Barbosa 1999: 191-192).

¹⁶⁷ No entanto como já se referiu existe uma possível segregação espacial da cerâmica campaniforme no *Crasto de Palheiro*, pois esta cerâmica apenas foi documentada na *Unidade Interna* desta estação arqueológica, nenhum fragmento foi recuperado da *Unidade Externa* (Sanches 2000/2001: 13).

As cerâmicas campaniformes, segundo Sandra Barbosa (1999: 189-190), poderão ter assumido diferentes papéis dependendo do “cenário” em que se desenrolasse a sua utilização. Para esta autora estes materiais caracterizar-se-iam essencialmente pelo seu “significado simbólico” enquanto marcadores do aparecimento de “assimetrias sociais entre alguns segmentos/grupos de parentesco ou mesmo entre “elites” de grupos distintos” (*idem*: 190). No entanto, os recipientes campaniformes associados a um “cenário”, composto por elementos imóveis como estruturas arquitectónicas, juntamente com elementos móveis como outros tipos cerâmicos ou outras materialidades, poderiam, segundo Sandra Barbosa (*ibidem*), corresponder ao mesmo tempo a “elementos identificadores de uma identidade e elementos identificadores de uma elite em ascensão”.

Castelo Velho e outras estações arqueológicas conceptualizadas por Susana Jorge (2000: 46) como *monumentos*, são definidos por esta autora como: “espaços monumentais de natureza multifuncional, vinculados à afirmação identitária de grupos calcolíticos”. No entender desta autora o aparecimento de cerâmica campaniforme nestes espaços levanta duas questões, entre outras, que parecem essenciais: começa-se a afirmar a raridade de cerâmica campaniforme em contexto funerário e por outro lado, cada vez mais se tornam multifacetados os contextos de recolha de cerâmica campaniforme (*ibidem*).

O restante artigo corresponde apenas ao inventário actualizado das estações com cerâmicas campaniformes no Norte de Portugal, e à descrição dos estilos campaniformes que ocorrem em cada estação, e a uma pequena problematização do *estilo cordado* (AOC) na península Ibérica e no Norte de Portugal (Jorge 2002).

b) Datações absolutas

As únicas datações absolutas para níveis em que se encontram cerâmicas campaniformes pertencem às estações arqueológicas do *Crasto de Palheiros*¹⁶⁸ (Barbosa 1999, Sanches 2000/2001), *Buraco da Pala I*¹⁶⁹ (Sanches 1997a) e *Castelo Velho*¹⁷⁰

¹⁶⁸ As duas datações existentes para a camada I da *Unidade Interna* do Crasto de Palheiros não se recobrem estatisticamente, no entanto Maria de Jesus Sanches mostra maior confiança pelo contexto da primeira data (Sanches 2000/2001: 23): CSIC 1280 4087±34 BP, que calibrada a dois sigmas fará corresponder ao intervalo 2860-2496 a.C.; a segunda datação CSIC 1216 3727±39 BP que a calibração a dois sigmas fará corresponder ao intervalo 2277-1981 a.C. (*idem*: 21).

¹⁶⁹ Para o nível I do Buraco da Pala existem quatro datações absolutas, todas elas calibradas a 2 sigma: ICEN – 310 4120 ±80, que corresponde a 2887-2503 a.C.; ICEN – 311 4120 ±50, que corresponderá ao intervalo 2871-2532 a.C.; GrN – 19101 3955 ±25, que corresponde a 2563-2456 a.C.; por último, ICEN – 933 4010 ±160, 2914-2091 a.C. (Sanches 1997a: 108). As datações do nível II são muito similares às do nível I recobrando ambos os níveis o período que decorre entre cerca de 2800 a 2500 a.C. (*idem*: 138).

¹⁷⁰ Para a camada 3 de Castelo Velho, na qual se recolheu o fragmento cerâmico campaniforme conhecem-se dezasseis datas de C₁₄ (Jorge e Rubinos 2002: 98), numa avaliação geral, o intervalo em que se pode situar cronologicamente a ocupação desta camada decorre de “c. de 2900 A.C. e, eventualmente, os inícios do 2º

(Jorge 2002; Jorge e Rubinos 2002). Contudo demonstra-se difícil fazer uma valorização das diferentes datas de cada uma das estações: o intervalo cronológico das datações de *Castelo Velho* é demasiado amplo (todo o III milénio a.C.); as datações do *Buraco da Pala* e uma das datações do *Crasto de Palheiros* recobrem-se estatisticamente no período que decorre entre 2800 e 2500 a.C., mas não são totalmente correlacionáveis com as datações disponíveis para as restantes regiões analisadas neste trabalho¹⁷¹.

A datação Gif – 7672 3940 ±80 BP, que calibrada a 2 sigma corresponde ao intervalo cronológico 2615-2147 a.C., obtida de uma amostra recolhida no monumento megalítico 1 de *Chã de Parada*¹⁷² é atribuída por Domingos Cruz (1995: 88) a uma reutilização deste monumento, eventualmente *Campaniforme*. Também atribuída a uma possível reutilização da Idade do Bronze é a datação GrA – 884 3500 ±40 BP, que calibrada a 2 sigma corresponde ao intervalo cronológico 1918-1688 a.C. (Cruz e Gonçalves 1995: 153 e 155) – que poderá ainda estar relacionada com uma reutilização *Campaniforme* na mamoa 1 de *Madorras*¹⁷³.

3. AS LIMITAÇÕES DOS MODELOS PROPOSTOS PARA O CAMPANIFORME NO NORTE DE PORTUGAL E REGIÕES CONTÍGUAS

As limitações interpretativas das correntes histórico-culturalista e processualista referidas no ponto 1 deste trabalho tornam-se evidentes quando se expõem as diferentes modelizações para a presença de cerâmicas campaniformes em cada uma das quatro regiões analisadas (ver ponto 2). Os modelos interpretativos propostos para as diferentes regiões baseiam-se fundamentalmente em pressupostos teóricos de índole processualista¹⁷⁴ muito embora se verifique uma quase constante preocupação com

milénio A.C.” (*idem*: 102). Pois Susana Jorge valoriza nove destas dezasseis datas: ICEN – 785 2877-2495 a.C., Sac – 1518 2884-2492 a.C., CSIC – 1706 2860-2472 a.C., GrN – 23512 2876-2290 a.C., ICEN – 1165 2872-2202 a.C., ICEN – 536 2875-2145 a.C., Ua – 17647 2623-2200 a.C., Ua 17648 – 2492-2041 a.C. e CSIC 1655 – 2474-2292 a.C. (Jorge 2002: 35).

No entanto devido ao grande intervalo cronológico é difícil de avaliar a situação cronológica do fragmento cerâmico campaniforme recuperado nesta estação, pois nenhuma das datas absolutas se encontra relacionada com o contexto em que se recolheu o material cerâmico (Jorge 2002: 36).

¹⁷¹ Ver pontos 2.1, 2.2 e 2.3 deste trabalho.

¹⁷² Segundo Domingos Cruz (1995: 88) esta amostra corresponde a: “carvões recolhidos nos interstícios das pedras da ‘estrutura de fecho do ‘átrio’”.

¹⁷³ Ver anexo 1 – n.º 18.

¹⁷⁴ Na análise do *Campaniforme* galego pode-se observar esta situação na abordagem que Criado Boado e Vázquez Varela (1982) fazem da presença deste tipo cerâmico. Para a Meseta espanhola podem-se observar modelizações processualistas nos trabalhos de Garrido Pena (2000), Delibes de Castro (1987), Delibes de

problemáticas que se relacionam com a historiografia histórico-culturalista (cronologia, origens, dispersão). Para além disso, é ainda possível enquadrar a totalidade do discurso de alguns dos autores apresentados nesta última corrente¹⁷⁵. São ainda poucas as análises que se podem enquadrar numa corrente pós-processualista¹⁷⁶, sendo que por vezes os autores se limitam a enunciar princípios de análise diferentes dos tradicionalmente utilizados e a aplicar metodologias diferentes, sem que desse trabalho resultem desenvolvimentos interpretativos alternativos¹⁷⁷.

A construção do discurso arqueológico sobre o campaniforme baseado nos pressupostos teóricos destas correntes (ver ponto 1) condicionou, na minha opinião, o desenvolvimento de uma prática arqueológica que conceptualiza o registo arqueológico como uma *realidade estática*, situação que se reflecte na criação de modelos interpretativos *estáticos* e *unitários* aplicáveis na reconstrução da história de todas as sociedades que utilizaram cerâmica campaniforme. Assim, e na ausência de uma re-problematização dos princípios de análise e interpretação das realidades materiais produzidas por sociedades diferentes (em tempos e contextos diferentes), estamos ainda perante o que se poderá classificar de uma interpretação *estática* e *unitária* deste tipo cerâmico.

O registo arqueológico tem sido, genericamente, conceptualizado segundo dois modelos: o “physical model” (Patrik 2000: 123; Jones 2002: 11), associado a concepções processualistas da realidade arqueológica; e o “textual model” (Patrik 2000: 123; Jones 2002: 17), associado a perspectivas pós-processualistas/estruturalistas. Seguindo o primeiro modelo, as materialidades recuperadas pelos arqueólogos constituem os *restos estáticos do comportamento humano* que as produziu no passado (Patrik 2000: 123; Barrett 2001: 144). Assim, embora seja possível reconstituir as actividades que originaram as materialidades a que temos acesso não se considera possível recuperar o *significado* dessas actividades (Jones 2002: 13). No segundo modelo as materialidades recuperadas correspondem a um *texto*, pelo que a sua

Castro e Santonja (1987) e no de Benet (*et alii* 1997). Na Beira Alta regista-se a presença de modelos interpretativos processualistas nos trabalhos de Senna-Martinez (1994) e de António Valera (1995/1996), embora neste último trabalho já se aponte a necessidade de uma análise contextual para o estudo da presença de cerâmica campaniforme nesta região. As análises com bases processualistas no Norte de Portugal estão presentes em todos os trabalhos registrados para esta região, em particular nos trabalhos de Susana Jorge (1988, 1990), de Domingos Cruz (1991) e de Vítor Jorge (*et alii* 1997), no entanto também se pode encontrar perspectivas que se desvinculam de forma ligeira desta corrente arqueológica (Jorge 1986; Sanches 1997; Barbosa 1999).

¹⁷⁵ Estas ideias histórico-culturalistas apenas se podem observar com maior clareza nas modelizações propostas por alguns autores (Delibes de Castro 1989; Egüileta Franco *et alii* 1993/1994; Suárez Otero 1997a, 1997b) para a cerâmica campaniforme decorado segundo o *estilo AOC*, presente na Galiza.

¹⁷⁶ Apenas um investigador parece iniciar uma problematização num sentido que incorpora algumas das perspectivas pós-processualistas (Valera 1999, 2000).

¹⁷⁷ Como são exemplo os trabalhos de Maria P. Prieto Martínez (1999, 2001).

análise é considerada uma leitura/ tradução que permite recuperar o significado e as regras que estiveram na base da sua formação (Patrik 2000: 123; Jones 2002: 17). Embora baseados em princípios teóricos diferentes, os dois modelos acabam por produzir visões estáticas e normativas do registo arqueológico: as materialidades documentadas são pensadas como padrões, a partir dos quais se podem enunciar leis gerais de comportamento humano (Jones 2002: 16) ou que podem ser lidos como regras estruturais que regem o comportamento de um determinado grupo humano (Barrett 2001: 150). Estas formulações do registo arqueológico impossibilitam a conceptualização da materialidade como produto e produtora de uma determinada *vivência* que teve lugar no passado. Ao invés, de uma análise da materialidade que nos permitisse alcançar as pessoas que a produziram, i.e. de uma análise relacional entre materialidade e “pessoas”, esta forma de encarar o registo arqueológico tende a problematizar a materialidade como uma entidade puramente formal. Ou seja, a materialidade é analisada e interpretada na total ausência de uma teorização da sua relação com as pessoas que a produziram e utilizaram, sendo que estas últimas surgem novamente no discurso arqueológico já ao nível da definição de um modelo interpretativo de um todo social. Na generalidade o que acontece é uma cisão entre a prática arqueográfica – centrada na materialidade somente como *objecto* – e a prática historiográfica – a modelização e tipificação de grupos humanos em termos socio-económicos.

Estas conceptualizações do registo arqueológico implicam também aceitar a possibilidade de uma determinada sociedade se poder conter num só momento “congelada” no registo arqueológico, comprometendo assim um princípio essencial da análise social: as sociedades – tal como se discutirá mais adiante neste trabalho – não são entidades estáticas mas sistemas complexos de relações em continua construção (Barrett 2001; Jones 2002: 6).

Desta forma, talvez seja necessário abandonar as noções da materialidade arqueológica como “registo” (Barrett 2001: 156) ou como “texto” (no sentido estruturalista) e centrar a análise e a interpretação arqueológica na narrativa do processo estruturado e relacional que envolveu a construção dessa materialidade, pois tal como Barrett sugere “actions may have left a material trace, but between the material conditions and the material trace stood the knowledgeability [*sic*] of (...) [the] agency. It is these inhabited conditions which the archaeologists must investigate” (*ibidem*).

A cerâmica campaniforme, enquanto materialidade arqueológica, tem sido sistematicamente abordada como uma entidade em si mesma, algo que é evidente na maioria dos estudos referidos (ver ponto 2): a análise centra-se essencialmente na descrição de características formais e, na maioria dos casos, este tipo cerâmico é estudado separadamente do restante material, sendo que as análises procedem pela identificação/reforço daquilo que o particulariza e raramente se procuram desenvol-

ver níveis de análise que permitissem identificar semelhanças com as restantes materialidades presentes no mesmo contexto arqueológico em análise. Daqui resulta que o processo de análise e interpretação das cerâmicas campaniformes tende a ser circular: em primeiro lugar a análise é particularizada por se tratar de uma materialidade que se considera *a priori* diferente das restantes; esta análise resulta numa modelização que (necessariamente) particulariza esta materialidade das restantes, recorrendo sistematicamente ao argumento interpretativo dos “bens de prestígio”; a definição destes últimos implica pressupor a existência de um grupo social diferenciado – uma “elite” – que os manipule, ou seja definir as sociedades em análise como sociedades com/ou em processo de hierarquização social; visto que as sociedades são pensadas como sistemas, a explicação para o processo de hierarquização social “documentado” é encontrada numa hipotética intensificação económica que teria permitido uma produção de excedentes e/ou uma diversificação das produções que seriam então controlados por um grupo social restrito que se constituiria então como uma “elite”; finalmente, estas “elites” estabeleceriam sistemas de trocas e redes de intercâmbio – nas quais circulariam as cerâmicas campaniformes ou uma “ideia” de um produto de distinção com valor social associado – com outras “elites”, o que lhes permitiria manter um estatuto social diferenciado no seio da sua comunidade.

A circularidade destes argumentos e o tipo de modelização permite apenas que as interpretações já expostas se perpetue *ad eternum*, sem que seja necessário estabelecer novos níveis de análise para a cerâmica campaniforme, quer numa escala local quer numa escala regional ou transregional.

Se nos modelos histórico-culturalistas a conceptualização do *Campaniforme* se baseava na existência de povos originários de determinadas áreas que se dispersavam por outras regiões, nos modelos processualistas o *Campaniforme* é sinónimo de um estádio social, sendo a dispersão geográfica desta cerâmica vista como o marcador da dispersão desse estádio de evolução sócio-económica. Em nenhuma das propostas é problematizado o papel da materialidade na construção de práticas e relações sociais, algo que julgo essencial num projecto de reconceptualização da prática arqueológica. Assim, e no seguimento do uso que Barret (2001: 152) faz do pensamento de Giddens (1984), neste trabalho a materialidade é, antes de mais compreendida como: “both medium and outcome of the practices they recursively organize” (*idem*: 25).

O modo como a *paisagem* tem sido pensada e incorporada na interpretação de sítios arqueológicos e das materialidades aí recuperadas, também me parece constituir uma limitação às possibilidades de construir um discurso arqueológico sobre as “vivências” do passado. Embora seja frequente encontrar nos discursos processualistas uma análise do espaço que rodeia os sítios arqueológicos, este tem sido exclusivamente tratado como um *objecto* que se encontra à disposição do *homem* para explo-

ração, enquanto fonte de recursos naturais (Thomas 2001: 167). Se pensarmos a *paisagem* enquanto entidade exterior ao *sujeito*, esta torna-se objectivável e por isso passível de análise quantitativa (*idem*: 171). O uso de métodos quantitativos – accites como científicos e objectivos – possibilita a obtenção de informação sobre a *paisagem* considerada universal e a-histórica: ou seja, ainda que a análise seja feita no presente, segundo princípios de percepção de espaço do presente, estes são assumidos como tendo sido significativos para qualquer comunidade do passado.

No meu entender, este procedimento transforma a *paisagem* apenas num espaço cartografável, um espaço euclidiano (Pasqua 1997: 60; Thomas 2001: 167, 169 e 171) de distâncias métricas e horárias, um espaço que faria parte da vida das comunidades apenas como um recurso. Ao criar um discurso (baseado numa conceptualização moderna e europeia da relação *homem/natureza*) funcionalista e economicista sobre a *paisagem* (Thomas 2001: 167), a arqueologia processualista tem limitado a compreensão da relação entre “pessoas” e *paisagem* à descrição de um processo de sobrevivência, negligenciando as possibilidades de um discurso qualitativo e relacional sobre esta, que permita pensar a forma como o *espaço* constitui um elemento estruturante da vida de uma comunidade (Pasqua 1997: 60; Barrett 2001; Thomas 2001: 172).

Como alternativa a uma forma funcionalista e economicista de enquadrar a *paisagem* na prática arqueológica, Thomas (2001: 173) sugere uma concepção de *paisagem* como “(...) a network of related places, which have gradually been revealed through people’s habitual activities and interactions, through the closeness and affinity that they have developed for some locations (...)”. Ou seja, ao invés de uma representação da *paisagem* como um *objecto* ou *entidade* (*ibidem*) a Arqueologia deve aspirar à construção de *narrativas* sobre a forma como as “pessoas” do passado integraram a (sua) *paisagem* nas suas práticas sociais e como esta constitui também um elemento estruturante das mesmas.

A conceptualização não relacional (i.e. *estática* e *unitária*) das cerâmicas campaniformes tem sustentado também a sua compreensão (e uso) como marcador cronológico associado ao seu carácter de marcador de um estado de evolução socio-económica. Este processo é evidente quando diferentes estilos decorativos são conceptualizados como diferentes momentos temporais enquadráveis no “fenómeno campaniforme” (exemplo disso: Criado Boado e Vázquez Varela 1982; Delibes de Castro 1987; Delibes de Castro e Santonja 1987; Cruz 1991; Garrido Pena 2000). No entanto, com as datações absolutas disponíveis para as quatro regiões em análise neste trabalho (ver ponto 2), é de algum modo difícil definir uma periodização para a presença de cerâmicas campaniformes e para os diferentes estilos aí identificados que seja coerente entre todas as áreas geográficas: na Galiza e na Meseta a presença de cerâmica campaniforme enquadra-se na segunda metade do III milénio a.C./

/inícios do II milénio a.C.; na Beira Alta esta parece surgir num momento tardio se comparado com as restantes regiões, visto que, a única data existente aponta para a transição do III para o II milénio a.C.; no Norte de Portugal a presença destas cerâmicas faz-se recuar à primeira metade do III milénio a.C., podendo a sua presença manter-se até aos finais do III milénio e mesmo inícios do II milénio a.C. Ou seja, face a um número tão reduzido de datações de C_{14}^{178} , parece-me impossível, de momento, retirar qualquer tipo de ilação relativamente ao significado das cronologias apresentadas para as diferentes regiões: para além de não ser possível sistematizar um quadro cronológico coerente que se enquadre nas periodizações tradicionalmente atribuídas ao *Campaniforme*, também não me parece possível conferir inteligibilidade a estas cronologias uma vez que estas se limitam a ordenar temporalmente *entidades formais semelhantes e não narrativas* sobre determinadas materialidades e a sua relação com as “pessoas” que as produziram e usaram – algo que se discutirá no ponto seguinte.

4. RECONCEPTUALIZAÇÃO TEÓRICA E ANALÍTICA SOBRE A MATERIALIDADE E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO ARQUEOLÓGICO: UMA PROPOSTA PARA REPENSAR O ESTUDO DO CAMPANIFORME

“The beaker is like other problems in archaeology. It appears to be merely a matter of fact, simply requiring more data, a finer classification and a more detailed chronology for its ultimate solution. This promised solution to the beaker ‘problem’ has been imminent for almost half a century now and yet recedes from our grasp. In reality, the problem is not a matter of data but a matter of alternative assumptions and approaches, alternative models and concepts, alternative questions and explanations – in short, a matter of theory. The data that we take is already theory-laden and a product of our selection, modified by the limitations and obscurities of archaeological record, our methods of recovery and examination, and by our languages of expression. Finally, this contaminated and impure information becomes the victim of archaeological reasoning, classification, interpretative modelling and explanation. Dare we suspect, perhaps, that the beaker ‘problem’ is a philosophical artefact of our own manufacture, an unreal problem, an insoluble problem or perhaps a problem not worth the effort of solution?” (Clarke 1976: 460).

A citação em epígrafe, apesar de retirada da introdução de um modelo interpretativo de índole processualista (Clarke 1976), sintetiza os problemas que

¹⁷⁸ Mesmo que surjam novas datações absolutas é necessário ter em conta, na sua interpretação, os problemas relacionados com a calibração das datas que se enquadrem na primeira metade do III milénio a.C. resultantes do perfil “acidentado” da curva de calibração para este período (Harrison 1988: 467; Cardoso e Soares 1990/1992: 215 e 221-222).

existem no estudo da Pré-História e em particular no caso do estudo das cerâmicas campaniformes. Sentido a necessidade de reproblematicar o “problema campaniforme”, procurar-se-á, neste ponto, encontrar novos princípios e perspectivas de análise para o *Campaniforme* utilizando como exemplo trabalhos desenvolvidos por alguns autores tratando de outras problemáticas arqueológicas.

Antes de mais, parece-me importante reflectir sobre as possibilidades da construção de um discurso arqueológico sobre vivências do passado. Mais de que uma explicação ou descrição do passado – pretensões das Arqueologias processualista e histórico-culturalista – no presente trabalho a tentativa de atingir uma inteligibilidade do passado identifica-se com um processo hermenêutico, i.e. de compreensão ou de “encontro”, como é problematicado por Johnsen e Olsen (2000). Estes autores seguem as propostas de Hans-Georg Gadamer (1975: 269) e a sua teoria da *fusão de horizontes* segundo a qual o passado não é entendido apenas como uma construção do presente, mas um “encontro” entre o presente e o passado (*idem*: 268-274). Tal posição permite ultrapassar o carácter historicista muitas vezes apontado como limitação dos discursos da Arqueologia Contextual (Johnsen e Olsen 2000).

No entanto, como referem Burns e Rayment-Pickard (2000: 229-231) Jürgen Habermas (1970) critica o facto de Gadamer (1975) não problematicar na sua reflexão a forma como o discurso historiográfico pode estar impregnado (implícita ou explicitamente) pelas concepções políticas e sociais do próprio investigador.

Parece-me ainda assim possível conciliar as duas propostas – a *fusão de horizontes* (Gadamer 1975) e a crítica da carga ideológica do presente no discurso histórico (Habermas 1970) – através de um processo de *reflexividade* (também proposto para outras áreas do saber, Bourdieu 2001) da prática arqueológica, não apenas ao nível da construção historiográfica mas também a nível arqueográfico (Barrett 1994: 97; Jones 2002: 25; Valera *no prelo*). Desta forma acredito ser possível produzir uma *narrativa* sobre o passado (Thomas 1999: 88-91), ainda que seja necessário compreender que os princípios de plausibilidade dessas *narrativas* são sempre fruto da historicidade em que se situa o investigador, visto estruturalmente existirem sempre instituições (como o ensino, os próprios investigadores, a linguagem) que procuram estabelecer princípios de “verdade” para o discurso produzido (Valera *no prelo*). Assim, ao mesmo tempo que todo o conhecimento é relativo será também objectivo (Valera *no prelo*), pois é produto de um meio social estruturado (Giddens 1984). Pelo que aqui defendo, em resposta a Clarke (1976: 460), que embora o *Campaniforme* se possa identificar como uma “criação” do presente, é também um ponto de encontro de inteligibilidades distintas entre as “pessoas” que os produziram e utilizaram no passado e a procura de *narrativa* desse passado por parte dos arqueólogos.

Como se referiu no ponto 1 são vários os trabalhos (Barrett 1994; Dobres 1999; Thomas 1999; Dobres 2000; Barrett 2001; Thomas 2001; Jones 2002), que

têm procurado contribuir para a criação de narrativas do passado centradas numa análise relacional entre “pessoas”, materialidade e paisagem. Estes trabalhos utilizam concepções teóricas desenvolvidas noutras áreas de estudo como a Filosofia (Heidegger 1962) ou a Sociologia (Giddens 1984, 2000).

Julian Thomas (1999) propõe a desconstrução de algumas conceptualizações da realidade que estão na base do pensamento moderno europeu – como a dicotomia estabelecida entre *sujeito* e *objecto* desenvolvida por René Descartes (Pasqua 1997: 54-55; Vattimo 1998: 94-95) – como forma de ultrapassar algumas das limitações do discurso arqueológico enunciadas anteriormente (ver ponto 1 e ponto 3). Para tal o autor faz uso do trabalho do filósofo alemão Martin Heidegger (1962, 1992), que enuncia esta dicotomia *sujeito/objecto* como o principal obstáculo na problematização da vivência humana (Heidegger 1962, 1992; Thomas 1999).

A desconstrução que Heidegger faz das concepções metafísicas da filosofia moderna ocidental, tem como fundamento a reformulação do *sujeito* como *Dasein* – *ser-aí* (Heidegger 1962; Guignon 1983; Pasqua 1997; Vattimo 1998; Thomas 1999). Ao contrário do sujeito cartesiano de características metafísicas que se poderia distanciar objectivamente do mundo e adquirir uma posição privilegiada para o compreender/explicar (Pasqua 1997: 43), o *ser-aí* de Heidegger é um ser relacional, desde sempre *lançado* numa teia de inteligibilidade: o *mundo*. Este *mundo* de Heidegger pode compreender-se como a totalidade das materialidades e das paisagens com que o sujeito se relaciona enquanto *Dasein*. O sujeito de Heidegger é, portanto, compreendido como um *ser-aí-no-mundo* – *In-der-Welt-Sein* (Pasqua 1997: 73; Vattimo 1998: 33-34), o que significa que o *mundo* não existe sem o *Dasein*, mas o *Dasein* também não existiria sem o *mundo*. Não existe assim a possibilidade de um distanciamento entre o *Dasein* e o seu *mundo*¹⁷⁹ (Pasqua 1997; Vattimo 1998; Thomas 1999), ou seja, “(...) the world in which we find ourselves is an horizon of intelligibility, a relational background which provides the context that enables anything that we focus upon to be rendered comprehensible” (Thomas 2001: 172). Este carácter relacional entre *Dasein* e *mundo* permite ultrapassar conceptualizações subjectivistas ou relativistas, do mesmo modo que permite desconstruir perspectivas positivistas sobre a realidade (Pasqua 1997; Vattimo 1998, Thomas 1999).

No que diz respeito à prática arqueológica, a perspectiva desta relacionabilidade necessária entre *sujeito* e *mundo*, ao mesmo tempo que implica o desenvolvimento de interpretações que não objectifiquem a materialidade, reabilita também a possi-

¹⁷⁹ “Being-in-the-world involves an everyday way of ‘getting on with things’ in which we skilfully negotiate and make sense of our surroundings, without having to think about them analytically for much of the time (...). But it is not something that we could extract ourselves from: there is no other way to be than in the world. Moreover, our involvement in a world is always presupposed in any comprehension of things: they only make sense because they have a background to stand out from” (Thomas 2001: 172).

bilidade de estarmos a produzir *narrativas* sobre “pessoas” ainda que o façamos através da sua materialidade.

Embora o trabalho de Heidegger permita reformular a forma como se problematiza a relação do *sujeito* com a materialidade que o rodeia – o *mundo* – a sua discussão não inclui uma teorização mais aprofundada sobre o *Dasein* enquanto ser social (Giddens 2000: 13). Para uma teorização da forma como este *ser-aí-no-mundo* se relaciona em sociedade é necessário recorrer a trabalhos de sociólogos como Giddens (1984, 2000).

Giddens (1984, 2000) pretende ultrapassar as abordagens formais e normativas da sociedade, tanto estruturalistas como funcionalistas, através do desenvolvimento de teoremas e conceitos como: *teoria da estruturação, estrutura e agência/acção*. O ponto central do seu trabalho reside na tentativa de estabelecer analiticamente uma relação dialéctica entre *agente e estrutura* (Giddens 1984, 2000). *Agência e acção* são conceitos que surgem no vocabulário de Giddens com o mesmo significado, associados a um “*sujeito-agente*” que conceptualiza como “sujeito capaz de agir” e não como “sujeito passivo” que se encontra simplesmente inserido no objecto da nossa análise: a sociedade. O *agente* de Giddens não é apenas um “joguete” de algo exterior a ele (como nas teorizações funcionalistas da sociedade), nem uma “vítima” da actuação de normas rígidas e determinísticas interiorizadas (como nas teorizações estruturalistas da sociedade): conceptualizações que sustentam uma percepção da sociedade onde não é o agente que *se* “move” mas o espaço social em que se encontra que *o faz “mover”*. Assim, a *estrutura social* é compreendida simultaneamente como resultado da acção dos *agentes* e como espaço social de acção. Ou seja, enquanto princípio organizativo a *estrutura* contém em si o conjunto de possibilidades e constrangimentos da acção dos *agentes*, sendo que no entanto, a sua existência é unicamente possível em função da sua continua reprodução e/ou reformulação através dessas mesmas acções (Giddens 1984: 25).

Será então importante reflectir um pouco mais sobre a citação em epígrafe (Clarke 1976: 460) considerando a forma como estas concepções de relacionabilidade entre o *sujeito*, a materialidade, a *paisagem* e o seu meio social (juntamente com a conceptualização da prática arqueológica argumentada acima) poderão auxiliar a Arqueologia pré-histórica – limitada ao estudo dos materiais e sem ter acesso às “pessoas” – a construir um discurso que confira inteligibilidade às vivências do passado.

A questão principal é saber até que ponto uma teorização diferente da relação *sujeito/materialidade e sujeito/sociedade* poderá, na Arqueologia, sustentar o desenvolvimento de modelos analíticos que abram um novo leque de possibilidades interpretativas para realidades materiais até agora recorrentemente analisadas e interpretadas de forma *estática e unitária*, como é o caso da cerâmica campaniforme.

Embora centrados no estudo de outras materialidades, alguns autores têm desenvolvido *análises relacionais* com base em dois conceitos-operatórios similares: *cadeia operatória*¹⁰⁰ (Dobres 1999, 2000) e *biografia* (Kopytoff 1985; Jones 2002). Embora não se tratem do que se possa chamar de “novidades” metodológicas, a aplicação destes não centrada na formalidade das materialidades, tem permitido desenvolver uma prática analítica e interpretativa da materialidade que não se distancia da ideia que esta se trata de uma realidade com a qual os sujeitos se relacionaram – não só enquanto produtores e utilizadores mas, essencialmente, enquanto elementos participantes num processo de prática de construção de si mesmos, da sua sociedade, em última instância do seu *mundo*.

Exemplo destes estudos é o trabalho que Marcia-Anne Dobres (1999, 2000) tem desenvolvido em torno da conceptualização de “tecnologia” e da análise de tecnologias líticas do Paleolítico europeu. O seu trabalho analítico, desenvolvido em torno da definição das *cadeias-operatórias* de materiais líticos, tem como base teórica o seguinte princípio: “the preservable traces of gestural acts of prehistoric artifact production and use can serve as an inferential link to the social agency of the technicians themselves” (Dobres 1999: 125). Ou seja, embora partindo daquilo que se pode equacionar com uma análise/descrição puramente formal dos artefactos – algo que se tem que considerar como a base essencial de qualquer trabalho arqueológico, visto tratarmos de materialidade na ausência de “pessoas” – aquilo que interessa a esta autora é utilizar essa análise na compreensão da forma como as práticas de produção e uso de artefactos se constituíram como um determinado conhecimento tecnológico e social integrando no processo de construção da sociedade em análise. Esta proposta implica reconhecer, analítica e interpretativamente, que tanto a produção quanto o uso de artefactos constituem “dynamics acts of social and material transformation (...) [that] serve as media through which social relations and world views are expressed and mediated; they materialize and make concrete people’s attitudes about the right (and wrong) ways to make and use things” (*idem*: 128).

Desta forma, o que Dobres propõe não é a análise e descrição *per se* de artefactos que resultaria numa construção de tipologias formais às quais no fim seria acrescentada uma interpretação da entidade social que lhe corresponderia, tal como

¹⁰⁰ Como se referiu na análise da forma como as cerâmicas campaniformes foram conceptualizadas na Galiza (ver ponto 2.1 deste trabalho) Prieto Martínez (1999, 2001) utiliza este conceito na formulação do seu modelo analítico. Contudo a escala de análise regional de que esta autora parte para estudar as cerâmicas da Idade do Bronze galega não lhe permite atingir os objectivos formulados por Dobres (1999, 2000), na utilização do conceito analítico de *cadeia operatória*. Será essa a razão pela qual Prieto Martínez (1999, 2001) acaba por utilizar modelos de índole processualista na explicação da funcionalidade dos recipientes campaniformes, bem como a utilização das teses de Dumézil (1990a, 1990b) para a funcionalidade social desses mesmos recipientes. Apesar de possibilitar a desconstrução da visão unitária da cerâmica campaniforme ao defender, tal como Boast (1995), diferentes opções de fabrico para contextos distintos (Prieto Martínez 1999: 81; 2001).

parece acontecer com a análise e estudo da cerâmica campaniforme. Pelo contrário, a autora faz uso de metodologias “típicas” da Arqueologia, repensadas à luz de uma proposta teórica que anula a dicotomia *sujeito/objecto* e a substitui por uma dialéctica *sujeito/objecto* consubstanciada na prática dos agentes enquanto construtores do seu mundo. Ou seja, aquilo que resulta do estudo de Dobres é a análise de um processo que oferece à autora possibilidades de pensar como foram criadas e mantidas (ou desafiadas) dinâmicas de acção (“vivências”) – entre diferentes agentes e entre agentes e materialidade – que fazem parte do que significaria pertencer a (ser) uma determinada comunidade.

Por seu lado, Andrew Jones (2002) apresenta uma problematização de como podem ser utilizados vários métodos científicos, já frequentemente utilizados em Arqueologia, no seio de um estudo que equaciona a materialidade em termos da sua relacionabilidade com o *sujeito* e não como *objectos neutros*. Neste trabalho Jones debate-se com a um problema base da prática arqueológica já antes mencionado: a cisão entre arqueografia e historiografia (ver ponto 3). Segundo o autor a forma como procede a prática arqueológica – os materiais são descontextualizados, sistematicamente, desde o momento da sua recuperação em campo, no seu estudo em laboratório e posterior publicação – resulta num espartilhamento de informação (formal) sobre as materialidades em análise que dificilmente poderá voltar a ser relacionada ao nível de uma interpretação que pretende pensar a forma como *sujeito* e materialidade se relacionaram. Esta descontextualização seria provocada por um registo arqueológico pouco rigoroso no acto da escavação (*idem*: 55), mas essencialmente devido ao espartilhamento das diferentes áreas do conhecimento analisam (isoladamente) diferentes características formais da materialidade (*idem*: 55-56).

Como forma de ultrapassar as limitações interpretativas resultantes deste uso de diferentes métodos científicos de análise, o autor propõe um processo constante de “back and forth” entre a análise formal dos diferentes materiais e a interpretação contextual dos mesmos (Jones 2002: 25 e 61). Esta interpretação contextual dependeria, em primeiro lugar, de um registo de escavação cuidadoso, que permitisse localizar diferentes materiais no interior do sítio em estudo (cf. *idem*: 55-56). Para além disso, implicaria também desenvolver novos níveis de análise que permitissem relacionar diferentes materialidades separadas analiticamente em função das suas características formais “mais evidentes” (por exemplo, cerâmicas e líticos, ou mesmo cerâmicas campaniformes e não campaniformes): “we need to begin to create interpretative connections between different kinds of material, rather than simply studying material in isolation and then presenting these isolated studies in publications has objective reality” (*idem*: 55). Desta metodologia de análise resultaria um conjunto de informações relacionáveis (e relacionais) que permitissem pensar como se estruturam – em termos de práticas e vivências sociais dos agentes – as diferentes

áreas da estação e os diferentes materiais (*idem*).

Jones (2002) propõe como elemento estruturante da sua metodologia de análise o conceito-operatório de *biografia*, que tem por base a seguinte ideia: “things are often considered to possess some of the qualities of people (...) then it seems reasonable that objects have lives that conform to the same structure as those of people: they are born, they live and they die” (*idem*: 83). Ou seja, Jones define teoricamente uma analogia entre “pessoas” e materialidade (ou seja anula a perspectiva de uma cisão *sujeito/objecto*) que lhe serve para conceptualizar esta última não como uma entidade estática mas (e tal como as “pessoas”) como uma realidade em continua construção e por isso de significado contextual e fluido: “we must not forget that as an artefact progresses through life, it is likely to change its meaning and status” (*idem*: 102).

No seguimento deste princípio, Jones (2002) apresenta um estudo de *âmbito local*, sobre recipientes cerâmicos provenientes de um sítio arqueológico Neolítico nas Ilhas Orkney. Centrado na análise de três momentos da “vida” destes objectos, relacionados directamente com diferentes práticas estruturadas levadas a cabo pelos agentes (produtores/utilizadores e essencialmente conhecedores destas materialidades), este estudo procede por três etapas de análise, embora não de forma linear: (1) estudos de proveniência de matérias-primas; (2) estudos de produção tecnológica; (3) estudos de conteúdos. Visto que a análise é desenvolvida num processo de “back and forth”¹⁸¹ e compreende o estudo da materialidade em diferentes momentos da sua “vida”¹⁸², esta metodologia permite-lhe definir diferentes níveis de categorização para os materiais. Estas categorizações, embora definidas com base nas características formais das cerâmicas, não são fixas ou unitárias: tal como foi delineado, o processo de análise potencia uma situação em que categorizações que correspondam a um momento da “vida” de um recipiente cerâmico podem ser reformuladas quando a análise se reporta a um momento distinto¹⁸³. Desta forma, o autor pode avaliar diferentes níveis de interacção (que correspondem, em termos analíticos, às várias categorizações que vão sendo criadas e reformuladas) entre “pessoas” e objectos, entre “pessoas e pessoas” e entre estas e o seu espaço circundante (*idem*: 85).

Os estudos de proveniência de matérias-primas associados aos estudos de produção tecnológica e à distribuição espacial dos materiais cerâmicos no sítio arqueológico

¹⁸¹ I.e. as informações obtidas por meio de um determinado método analítico criam problemáticas que são avaliadas por meio da aplicação de outro método analítico, que podem ou não alterar interpretações anteriores e suscitar mesmo o desenvolvimento do uso de um método de análise diferente.

¹⁸² Diferentes níveis de percepção desta materialidade por parte dos agentes?

¹⁸³ “The biographical approach to artefacts informs our understanding of the ‘cultural life of things’ at a number of scales of analysis” (Jones 2002: 85). “This means that we are able to examine how an artefact may change its meaning over the course of its life as it shifts from one context to another” (*idem*: 84)

lógico, permitem a Jones avaliar a relação da comunidade com a *paisagem*¹⁸⁴ e a forma como as diferentes opções de produção se relacionam na estação arqueológica¹⁸⁵ (Jones 2002: 86-95). As análises de conteúdos dos recipientes permite relacionar diferentes tipos de cerâmica com diferentes produtos e assim estabelecer diferentes estratégias de consumo e a sua distribuição espacial. Estas informações permitem ao autor pensar como os recipientes cerâmicos fizeram parte da construção (e foram por ela construídos) de uma prática social estruturada, como seria o *consumo*¹⁸⁶ (*idem*: 95-99).

Relativamente à definição da *escala de análise* que um estudo arqueológico deve assumir, Jones (2002: 98) defende que também aqui se deve proceder segundo um movimento de “back and forth” entre a *escala local* (a estação arqueológica) e uma *escala mais alargada* de análise: se o que a Arqueologia pretende estudar, enquanto ciência social, são “pessoas” e as práticas sociais estruturadas que constituem uma comunidade, o ponto de partida deverá ser o “local” onde essas práticas e essas “pessoas” se constituíram. Tal como Jones afirma, só é possível compreender a forma como estas práticas se estruturam a uma escala mais alargada de interação humana, depois estas terem sido compreendidas a uma escala local: “modes of analysis that only attend to large-scale structures have little to tell us about how people lived and structured their lives on a daily basis (...) we have to consider temporal and spatial scales of a more limited nature and duration, and work from these to consider how activities performed at these smaller scales transforms larger-scale structures” (*idem*: 83). No entanto, este procedimento não implica uma linearidade

¹⁸⁴ A análise que Jones apresenta da relação *sujeito/paisagem*, no contexto da produção cerâmica, remete para uma forma de pensar esta última em termos *qualitativos e não meramente quantitativos*: “Since landscapes are made of different kinds of place, each associated with different memories and identities, the use and incorporation of materials derived from different places is an important means by which, through production, the identity of material culture may be initiated. Indeed, the incorporation of materials from a series of different places may be an important means of expressing particular types of identity through production” (Jones 2002: 87).

¹⁸⁵ A análise da produção tecnológica de cerâmicas campaniformes tem sido utilizada por Laure Salanova (2000a, 2000b, 2001). A linha interpretativa seguida por Salanova não é a que se defende no presente trabalho: ao contrário da proposta de Jones (2002) a autora não cria diferentes categorizações destas cerâmicas que lhe permitissem interpretar estes materiais de forma contextualizada; Salanova parte de uma categorização unitária inicial – o *Campaniforme* – que se sobrepõe interpretativamente a qualquer uma das sub-categorias posteriormente definidas em função de determinadas características tecnológicas destes materiais; estas sub-categorias servem somente para comprovar a existência de mecanismos de difusão entre diferentes áreas geográficas e definir “áreas culturais”, abrangidas por este “fenómeno”. Apesar da utilização de um método analítico distinto, Salanova mantém a problematização tradicional do *Campaniforme*.

¹⁸⁶ “(...) the involvement of an artefact in specific consumption practices is a critical element of that artefact’s biography; it determines how the artefact is culturally perceived and socially deployed. (...) the way in which objects are categorised structures the way in which they are consumed. So one way of ‘getting at’ the issue of consumption archaeologically is to look at the differences in the construction and subsequent use of artefacts in different contexts” (Jones 2002: 97).

interpretativa, mas sim um processo de *reflexividade* contínua entre as interpretações que vão sendo elaboradas a diferentes escalas de análise (*idem*: 78-82).

A proposta de estudar o “problema campaniforme” a uma escala de análise local foi já avançada por John Barrett (1994: 97-98, *meu itálico*):

“The distribution of beakers and their associations represents the concretion of material laid down over the centuries. That concretion was precipitated from local practices and there seems little point in attempting a synthesis of all these processes. *Our understanding of the period will emerge from attempts to situate each strategy in a context of local practice and tradition, and it should not be surprising to find that these local studies provide increasingly divergent views on the bell ‘beaker problem’ rather than a common thread of coherency.*”

Iniciar o estudo da cerâmica campaniforme a uma escala de análise de nível local fará ainda mais sentido se pensarmos que a extensão geográfica que tem sido definida para o *Campaniforme* poderá ser mais uma *imagem do presente* do que um “facto” relacionado com práticas sociais (intencionais) do passado: “*Who would have seen or have known of the geographical extent of these artefacts in the second millennium BC?*” (Barrett 1994: 97, *meu itálico*). Se partirmos desta premissa, a imposição de um único modelo interpretativo sobre estas materialidades – formalmente semelhantes – deixa de fazer sentido; assim, definir, *a priori*, o “problema campaniforme” como uma questão de *uma materialidade (formalmente) similar com uma vasta dispersão geográfica*, constitui uma forma de limitar as possibilidades da Arqueologia conferir inteligibilidade às “vivências” do passado, ou seja:

“[The beaker problem] is defined empirically by the widespread distribution of beaker-type vessels and associated artefacts. The definition of such a distribution pattern raises issues of ‘exchange’ (even ‘long-distance’ exchange implying a distinct set of exchange mechanisms) and *the language of description slips into the language of a proposed explanation* with the introduction of such terms as ‘exotica’. Internal mechanisms now appear to operate with reference to external exchange. *Consequently, the prestige-goods model is employed, not from a clear analysis of any local political situation, but from an adherence to the beaker problem*” (Barrett 1994: 98, *meu itálico*)

É, no entanto possível desenvolver estudos de âmbito regional sobre as cerâmicas campaniformes que permitam desconstruir a ideia das cerâmicas campaniformes como um fenómeno unitário¹⁸⁷. Como exemplo, refiro os trabalhos de Robin Boast (1995) e Humphrey Case (1995) para o Reino Unido e Irlanda.

¹⁸⁷ Tese já defendida por Susana Jorge (1986: 939) e Maria de Jesus Sanches (1997a: 129) para o Norte de Portugal – apesar destas modelizações se formularem com base em perspectivas processualistas (ver ponto 2.4).

Boast (1995) realizou o estudo da produção tecnológica de cerâmicas campaniformes procedentes de diferentes contextos arqueológicos. Este estudo permitiu relacionar opções de fabrico distintas com diferentes tipos de contextos: entre outras diferenças, registou-se que, comparativamente ao que se passa em contextos domésticos, as cerâmicas campaniformes recuperadas em contexto funerário apresentam pastas de menor qualidade e uma maior preocupação com a decoração e os tratamentos de superfície (*idem*: 72 e 75). Esta diferença permite a Boast concluir que haveria uma produção diferenciada destes recipientes, sendo alguns produzidos intencionalmente para serem depositados em contextos funerários e que por isso teriam um significado diferente daquele que assumiriam os recipientes produzidos para serem usados em contextos domésticos (*idem*: 72). No entanto, Boast afirma que aquilo que conferiria um significado diferente às cerâmicas campaniformes de contexto funerário não seriam as suas características formais distintas, mas o contexto em que eram depositadas. Ou seja, por se tratar de um espaço conceptualizado de forma diferente do espaço do quotidiano, também os materiais aí depositados seriam conceptualizados e produzidos de forma distinta: "Modes of production and contexts within which these pots were created, used and discarded are (...) the processes which structured and were structured (...) by these pots". (*idem*: 79).

Humphrey Case (1995) procura desconstruir o modelo de Sherratt (1987), segundo o qual as cerâmicas campaniformes estariam associadas ao consumo de bebidas alcoólicas e a rituais essencialmente reservados ao sexo masculino.

Case (1995) analisou a capacidade volumétrica de diferentes recipientes campaniformes recuperados em contextos distintos, verificando que existe uma grande variabilidade entre estes, o que o levou a concluir que nem todos os recipientes seriam de uso individual. Para além disso, Case demonstra que as cerâmicas campaniformes faziam também parte do espólio funerário de inumações de mulheres e crianças¹⁸⁸. Case conclui que, embora os recipientes campaniformes depositados em contexto funerário possam ter sido (até um certo ponto) seleccionados em função de certos parâmetros formais, esta selecção e uso não estariam relacionados com qualquer tipo de culto específico.

Também Neil Brodie (1998: 47) refuta o modelo interpretativo proposto por Sherratt (1987), afirmando que: "there is still no unequivocal evidence which would suggest that any Beaker contained alcohol when placed in a grave". De facto, apenas na análise de conteúdo realizada a um recipiente campaniforme proveniente da inumação de *Ashgrove* se registou a possibilidade deste vaso conter hidromel (Brodie 1998: 48). Em contrapartida Brodie refere casos em que os campaniformes estariam vazios

¹⁸⁸ Tal como se verifica para a Meseta espanhola – ver ponto 2.2 (Garrido Pena 2000: 60).

ou conteriam outros materiais, como ossos humanos ou restos de cremações (*ibidem*).

No caso dos estudos relativos à cerâmica campaniforme do Norte de Portugal (e salvo referência de Maria de Jesus Sanches (1997a: 129) para a importância da transmissão de conhecimento técnico e social necessários ao fabrico das cerâmicas campaniformes presentes no *Buraco da Pala I*) pouco trabalho tem sido desenvolvido para procurar compreender estas materialidades no âmbito de uma abordagem que dê primazia a uma análise a nível local que permitisse desenvolver propostas interpretativas desvinculadas dos modelos tradicionais. Com a excepção das análises realizadas em cerâmicas da estação da *Pastoria* (Melo e Gonçalves 1986), que apontam para uma produção local destas cerâmicas, em mais nenhuma estação arqueológica do Norte de Portugal se efectuaram análises similares ou outras que permitissem ambicionar a níveis diferentes de interpretação. Parece-me, no entanto, que face à diversidade de contextos onde se recuperaram cerâmicas campaniformes no Norte de Portugal (ver anexo 2), à diversidade dos próprios materiais e dos materiais que a estes se associam (ver anexo 1, anexo 2 e anexo 3), será difícil aceitar um modelo interpretativo homogéneo.

Para além desta diversidade de informação arqueológica, também o quadro cronológico disponível para esta região levanta a necessidade de reavaliar as modelizações cronológicas habitualmente estabelecidas para o *Campaniforme*, procedimento que foi já levado a cabo no Reino Unido. Nesta região alguns autores (Kinnes *et alii* 1991; Boast 1995: 73-74) colocaram de parte o significado cronológico atribuído aos estilos decorativos, uma vez que estes parecem perdurar ao longo de todo o período de produção e utilização das cerâmicas campaniformes. Também para o Norte de Portugal não parece ser possível manter as periodizações estilísticas campaniformes utilizadas até ao momento, segundo as quais os estilos denominados como *locais* constituiriam imitações ou reformulações estilísticas dos estilos campaniformes ditos *clássicos*. Tal preposição implicaria que os *estilos locais* fossem mais tardios, facto que não parece verificar-se pelo menos segundo a informação arqueológica recolhida na estação do *Buraco da Pala I* (Sanches 1997a). Aqui registou-se a presença de formas campaniformes associadas a decorações de estilo local que deveriam corresponder a um momento tardio do *Campaniforme*, embora as datações de radiocarbono disponíveis para o nível I desta estação (onde foram recolhidos estes materiais) apontem para uma ocupação datável de 2800 a 2500 a.C. (*idem*: 138). Também na estação arqueológica do *Crasto de Palheiros* (Barbosa 1999), onde a ocupação Calcolítica foi datada por radiocarbono entre 2860-2496 a.C. (Sanches 2000/2001: 21), se verifica uma situação similar uma vez que se registou a presença de diferentes *estilos decorativos campaniformes* (*estilo marítimo, internacional e linear; estilo pontilhado geométrico; estilo inciso*) que deveriam corresponder a diferentes momentos do *Campaniforme*.

Finalmente, resta perguntar quais são, de momento, as possibilidades de criar uma narrativa sobre o *Campaniforme* do Norte de Portugal que atente aos princípios teóricos e metodológicos que têm vindo a ser expostos?

Na minha opinião além da sistematização da informação arqueográfica (ver ponto 2.4) e da desconstrução das modelizações desenvolvidas em torno desta, apenas se poderá apontar caminhos e possibilidades de investigação futura. Antes de mais, parece-me necessário abandonar uma prática arqueológica que consiste na “importação” de modelos interpretativos transregionais que têm servido de base ao discurso historiográfico sobre o *Campaniforme* do Norte de Portugal (e regiões contíguas). Ao invés de utilizar estes modelos como ponto de partida para pensar a informação arqueográfica (de modo a que esta acabe por os confirmar) penso que é necessário inverter a ordem do processo de análise arqueológico: começar por pensar a informação arqueográfica (artefactos, contextos, datações, etc.) não como elemento de avaliação da veracidade de modelos, mas como ponto de partida para a construção de *narrativas* contextualizadas sobre “vivências” do passado. Por conseguinte, é essencial começar por definir no âmbito de que problemáticas mais gerais se pretende analisar a cerâmica campaniforme e procurar metodologias de análise apropriadas para cada contexto em estudo, ou seja determinar a escala de análise, os métodos analíticos (estudos de proveniência, estudos de produção, análise de conteúdos, programas de datação de radiocarbono, análises morfo-tipológicas e estilísticas, etc.) a utilizar e, conseqüentemente, as amostragens apropriadas aos mesmos. Obviamente, a aplicação da metodologia definida terá que ser desenvolvida no âmbito de um processo de análise e interpretação *reflexivo* (Barrett 1994; Jones 2002).

Em função do que foi exposto, penso também que a reconceitualização do *Campaniforme* no Norte de Portugal deve iniciar-se com o desenvolvimento de análises de nível local que permitam compreender a forma como estas cerâmicas foram conceptualizadas pelos seus produtores e utilizadores em diferentes contextos e o modo como participaram na estruturação das práticas sociais de diferentes comunidades¹⁸⁹. Somente a partir da construção de diferentes *narrativas* locais me parece possível avançar para a problematização do *Campaniforme* a uma escala mais alargada: apesar de defender a necessidade de uma desvinculação de análises meramente formais, não se pode deixar de reconhecer (ainda) que a cerâmica campaniforme, em termos puramente formais, constitui uma recorrência no registo arqueológico a uma

¹⁸⁹ Salienta-se aqui o estudo do povoado-fortificado da *Fraga da Pena* realizado por António Valera (1999b, 2000) em conjunto com outros autores (Dias *et alii* 2000) – ver ponto 2.3 – como um estudo que poderá ser referido como exemplo, apesar de ainda se encontrar infirmado pela dicotomia *sujeito/ objecto*, do tipo de investigação que se propõe no presente trabalho.

escala regional. Ainda assim, entendo que ao invés de uma análise regional que compare formalidades, se deveria desenvolver uma prática arqueológica que procure criar um discurso relacional entre diferentes *narrativas* de escala local, i.e. pensar como comunidades distintas estruturaram práticas sociais de relacionamento entre si.

A continuar...

"Os historiadores apresentam-nos, do passado, sistemas excessivamente completos, séries de causas e efeitos exactos e claros de mais para terem sido alguma vez inteiramente verdadeiros (...)" (Yourcenar 1998: 24).

"É curioso como, seduzidos pelas palavras, rotulamos e condenamos pessoas, destinos, ruas, mediante a pura e indolente força do hábito" (Schnitzler 2003: 81).

Chegados a este ponto, não seria lógico esperar deste trabalho a construção de um modelo interpretativo sobre as cerâmicas campaniformes do Norte de Portugal. Aliás, a proposta avançada no ponto 4, relativamente à forma como julgo que esta temática deve ser (re)problematizada, sustenta uma opção de "fazer arqueologia" que não passa pela construção de modelos interpretativos regionais ou mesmo locais; mas que, pelo contrário, remete para uma prática arqueológica centrada na construção de *narrativas*. Isto é, na minha opinião, a Arqueologia deveria constituir-se como um exercício de construção do passado, constantemente aberto a novas possibilidades interpretativas. Estas, não as considero como explicações de processos cristalizados num conjunto de formalidades materiais que nos restam de um passado remoto, mas como formas de conferir inteligibilidade a uma determinada materialidade que se reconhece como parte integrante de uma comunidade do passado e parte integrante da nossa comunidade.

Consequentemente, deste trabalho pode apenas concluir-se a necessidade de abandonar uma prática que tende (e procura) a compatibilizar as, possivelmente, diferentes "histórias" regionais do *Campaniforme*; e a necessidade de estabelecer programas de estudo de escala local (ao nível da estação arqueológica) aplicando métodos e linhas de interpretação como as expostas no ponto anterior (Barrett 1994; Dobres 1999, 2000; Jones 2002), adaptadas a cada contexto de análise e às problemáticas colocadas pelo investigador, num constante processo de *reflexividade* analítico-interpretativa resultante de um contínuo "feedback" do trabalho arqueológico (Valera 1997a: 9-10). Daqui poderão então resultar diferentes *narrativas historiográficas* que permitam, não o abrir de caminho a um relativismo exacerbado e manipulador sobre a materialidade arqueológica (Valera *no prelo*), mas sim uma abertura e expansão à discussão e crítica da historiografia, por meio da qual seja também possível

construir uma relação com as nossas heranças (Guignon 1983: 248) que, nas palavras de Guignon (1983: 249), “forms, enriches, and expands our life-horizons”.

AGRADECIMENTOS

No momento em que publico este trabalho não posso deixar de agradecer a quatro pessoas: ao Professor Doutor Vítor Oliveira Jorge agradeço o convite que me possibilita a actual publicação; à Professora Doutora Susana Oliveira Jorge agradeço a sua imensa disponibilidade e paciência aquando da orientação deste trabalho, no âmbito curricular da disciplina de Seminário da Licenciatura de Arqueologia da F.L.U.P / D.C.T.P.; ao António Carlos Valera agradeço por me teres “incentivado” a ser “arqueólogo”; e “last but not least”, à li, para quem as reticências são o melhor agradecimento e dedicatória...

Coimbra, 01 de Dezembro de 2003

REFERÊNCIAS CITADAS

- ALDAY RUIZ, A. (1996). *El entramado campaniforme en el País Vasco: los datos y el desarrollo del proceso histórico*. Veleia, Anejos – Series Mayor. 9.
- ALMEIDA, C.A.B., SOEIRO, T. e BARROCA, M.J. (1995). Estação arqueológica do Castelo de Fraião (Boivão, Valença). *Portugália*, Nova Série. 26: 311-322.
- ALONSO MATHÍAS, F. e BELLO DIÉGUEZ J.M. (1995). Aportaciones del monumento de Dombate al Megalitismo noroccidental: dataciones de carcono 14 y su contexto arqueológico. In Vítor O. Jorge (coord.) *Iº Congresso de arqueología Peninsular – Actas VII*, pp. 153-168. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 35(3).
- BARBOSA, S.P. (1999). *O Crasto de Palheiros – Murça. Contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no Norte de Portugal*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- BARRETT, J.C. (1994). *Fragments from antiquity: an Archaeology of social life in Britain – 2900-1200 BC*. Oxford: Blackwell Publishers.
- BARRETT, J.C. (2001). Agency, the duality of structure, and the problem of the archaeological record. In I. Hodder (ed.) *Archaeology Theory Today*, 141-164. Cambridge: Polity Press.
- BENET, N., PÉREZ, R. e SANTONJA, M. (1997). Evidencias campaniformes en valle medio del Tormes. In R. Balbín Behrmann e P. Bueno Ramírez (eds.), *II Congreso de Arqueología Peninsular: Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce*, pp. 449-4470. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- BERNABEU, J. (1984). *El vaso campaniforme en el País Valenciano*. Servicio de Investigación Prehistorica, Serie de Trabajos Varios. 80.
- BETTENCOURT, A.M.S. (1991/1992). Achado de um vaso campaniforme na Serra de Maroiço – Fafe. *Cadernos de Arqueologia*. 8-9: 233-236.
- BINFORD, L.R. (1964). A consideration of archaeological research design. *American Antiquity*. 29: 425-441.

- BINFORD, L.R. (1991). *Em busca do passado*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- BOAST, R. (1995). Fine pots, pure pots, beaker pots. In I. Kinnes e G. Varndell (eds.) *Unbaked urns of rudely shape: essay on British and Irish pottery for Ian Longworth*, pp. 69-80. Oxbow Monographs. 55. Oxford: Oxbow.
- BRODIE, N.J. (1998). British Bell Beakers: twenty five years of theory and practice. In *Some new approaches to the Bell Beaker Phenomenon... Lost Paradise?*, pp. 43-56. British Archaeological Reports, International Series. 690.
- BOURDIEU, P. (2001). *Science da la science et réflexité*. Paris: Éditions Raisons d'Agir.
- BURNS, R.M. e RAYMENT-PICKARD, H. (2000). *Philosophies of History: from Enlightenment to Postmodernity*. Oxford: Blackwell Publishers.
- BURGESS, C. e SHENNAN, S. (1976). The Beaker phenomenon: some suggestions. In C. Burgess e R. Miket (eds.), *Settlement and economy in the third and second millennia B.C.*, pp. 309-331. British Archaeological Reports. 33.
- CABRAL, J.M.P., PRUDÊNCIO, M.I., GOUVEIA, M.A. e ARNAUD, J.E. (1988). Chemical and mineralogical characterization of pre-beaker and beaker pottery from Ferreira do Alentejo (Beja, Portugal). In R.M. Farenhar, R.G.V. Hancock e L.A. Pavlish (ed.), *Proceedings of the 26th International Archaeometric Symposium: the archaeometric laboratory*, pp. 172-178. Toronto.
- CARDOSO, J.L. e SOARES, A.M.M. (1990/992). Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8-10: 203-228.
- CARDOZO, M. (1951). "Monumentos da Sociedade Martins Sarmento". *Revista de Guimarães*. 61: 5-80.
- CARNEIRO, A.L., CLETO, J., MOREIRA, M. e FARO, S. (1987). "Novas mamóas no concelho de Baião". *Arqueologia*. 15: 158-160.
- CASE, H.J. (1995). Beakers: loosening a stereotype. In I. Kinnes e G. Varndell (eds.) *Unbaked urns of rudely shape: essay on British and Irish pottery for Ian Longworth*, pp. 55-67. Oxbow Monographs. 55. Oxford: Oxbow.
- CASTILLO YURRITA, A. (1928). *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona: Universidad de Barcelona - Facultad de Filosofía y Letras.
- CHILDE, V.G. (1929). *The Danube in Prehistory*. Oxford: Oxford University Press.
- CHILDE, V.G. (1950). *Prehistoric migrations in Europe*. Oslo: Aschehaug.
- COBAS FERNÁNDEZ, I e PRIETO MARTÍNEZ, M.P. (1999). Introducción a la cerámica Prehistórica y Protohistórica de Galicia. *Trabalhos en Arqueología da Paisaxe*. 17.
- COIXÃO, A.S. (2000). *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Foz Côa.
- COMENDADOR REY, B. (1995). La primera producción metálica del Noroeste Peninsular. In R. Balbín Behrmann e P. Bueno Ramírez (eds.), *II Congreso de Arqueología Peninsular: Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce*, pp. 509-516. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- CLARKE, D.L. (1968). *Analytical Archaeology*. Londres: Methuen.
- CLARKE, D.L. (1976). The Beaker network - social and economic models. In J.N. Lanting e J.D. van der Waals (eds.), *Glockenbecher Symposium*, pp. 459-477. Bossum/Haarlem: Fibula - van Dishoeck.
- CRIBADO BOADO, F. (1989). Megalitos, espacio y pensamiento. *Trabajos de Prehistoria*. 46: 75-98.
- CRIBADO BOADO, F. (1993). Visibilidad e interpretación del registro arqueológico. *Trabajos de Prehistoria*. 50: 39-56.
- CRIBADO BOADO, F. e VÁZQUEZ VARELA, J.M. (1982). *La cerámica campaniforme en Galicia*. Cuadernos

- do Seminário de Sagardelos. 42. Sada, Corunha: Ediciós Castro.
- CRUZ, D.J. (1983). Escavação da mamoa 1 de Chã de Carvalhal – Serra da Aboboreira (conc. de Marco de Canavezes). *Arqueologia*. 7: 74-75.
- CRUZ, D.J. (1987). “Escavação da mamoa de “Monte Maninho” (Serra da Aboboreira – Baião). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 27 (1-4): 65-84.
- CRUZ, D.J. (1991). *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira e da Pré-história recente do Norte de Portugal*. Trabalho apresentado em Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Científica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).
- CRUZ, D.J. (1995). Cronologia dos monumentos com *numulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. 3: 81-119.
- CRUZ, D.J. (1997). Escavação arqueológica da mamoa 4 do “Rapadouro” (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu). *Conimbriga*. 36: 5-26.
- CRUZ, D.J. E GONÇALVES, A.A.H.B. (1995). Mamoa 1 de Madorras (Sabrosa, Vila Real): Datações radiocarbónicas. *Estudos Pré-Históricos*. 3: 151-159.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1977). *El Vaso Campaniforme en la Meseta Norte Española*. *Studia Archaeologica*. 46. Valladolid: Universidad de Valladolid.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1987). El significado del Campaniforme de Ciempozuelos. In W.H. Waldren e R.C. Kennard (eds.), *Bell Beakers of the western Mediterranean: definition, interpretation, theory and new site data*, pp. 23-24. British Archaeological Reports, International Series. 331(i).
- DELIBES DE CASTRO, G. (1989). Calcolítico y vaso campaniforme en el Noroeste Peninsular. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. 55: 41-59.
- DELIBES DE CASTRO, G. E SANTONJA, M. (1987). Sobre la supuesta dualidad Megalitismo/Campaniforme en la Meseta Superior. In W.H. Waldren e R.C. Kennard (eds.), *Bell Beakers of the western Mediterranean: definition, interpretation, theory and new site data*, pp. 173-206. British Archaeological Reports, International Series. 331(i).
- DELIBES DE CASTRO, G. E FERNÁNDEZ MANZANO, J. (2000). La trayectoria cultural de la Prehistoria Reciente (6400-2500 BP) en la Submeseta Norte española: principales hitos de un proceso. In V.O. Jorge (coord.), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular – vol. 4 – Pré-História Recente da Península Ibérica*, pp. 95-122. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular.
- DIAS, I., PRUDÊNCIO, I., PRATES, S., GOLVEIA, A. E VALERA, A.C.N. (2000). Tecnologias de produção e proveniência de matéria-prima das cerâmicas campaniformes da Fraga da Pena (Fornos de Algodres – Portugal). In V.O. Jorge (coord.), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular – vol. 4 – Pré-História Recente da Península Ibérica*, pp. 255-270. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular.
- DOBRES, M.-A. (1999). Technology links and chains: the processual unfolding of technique and technician. In M.-A. Dobres e C.R. Hoffman (eds.) *The social dynamics of technology: practice, politics and world views*, pp. 124-146. Washington: Smithsonian Institution Press.
- DOBRES, M.-A. (2000). *Technology and social agency*. Oxford: Blackwell.
- DUMÉZIL, G. (1990a). *Los dioses de los germanos*. Madrid: Siglo XXI.
- DUMÉZIL, G. (1990b). *El destino del guerrero*. Madrid: Siglo XXI.
- EGUILTA FRANCO, J.M. (1997). Prehistoria Reciente de la Baja Limia gallega (Ourense, Galicia): propuestas para un análisis en el espacio y en el tiempo. In R. Balbín Behrmann e P. Bueno Ramírez (eds.), *II Congreso de Arqueologia Peninsular: Tomo II – Neolítico, Calcolítico y*

- Bronze*, pp. 425-436. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- EGUILETA FRANCO, J.M. (1999). *A Baixa Limia Galega na Prehistoria recente: Arqueoloxia dunha paisaxe na Galicia Interior*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense.
- EGUILETA FRANCO, J.M., FERNANDEZ IBÁÑEZ, C. e SEARA CARBALLO, A. (1993/1994). Un campaniforme cordado procedente de A Limia (Ourense). *Brigantium*. 8: 57-67.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. (1988). Megalitismo de Galicia. In Vítor O. Jorge (coord.), *Coloquio de Arqueología do Noroeste Peninsular – vol. 1 – Pré-História*, pp. 51-73. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 28(1-2).
- FÁBREGAS VALCARCE, R. e RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1997). El Noroeste de la Península en el III^{er} y II^o Milénios: propuesta para una síntesis. *Sanguvntvm*. 30: 191-216.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. e MELJIDE CAMESELLE, G. (2000). Prehistoria Reciente en Galicia: evolución ou ruptura. In V.O. Jorge (coord.), *Actas do 3^o Congreso de Arqueología Peninsular – vol. 4 – Pré-História Recente da Península Ibérica*, pp. 67-74. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular.
- FERREIRA, O.V. (1966). *La cultura do vase campaniforme au Portugal*. Memoria, Nova Série. 12. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- FOUCAULT, M. (1981). *Diálogos sobre el poder*. Madrid: Alianza Editorial.
- GADAMER, H.-G. (1975). *Truth and Method*. Londres: Sheed & Ward.
- GARCÍA-LASTRA MERINO, M. (1988). Aportación a la cronología campaniforme del Noroeste. In Vítor O. Jorge (coord.), *Colóquio de Arqueología do Noroeste Peninsular – vol. 1 – Pré-História*, pp. 175-179. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 28(1-2).
- GARRIDO PENA, R. (2000). *El Campaniforme en La Meseta Central de la Península Ibérica (c. 2500-2000 AC.)*. British Archaeological Reports, International Series. 892.
- GIDDENS, A. (1984). *The Constitution of Society: outline of the Theory of Structuration*. Cambridge: Polity Press.
- GIDDENS, A. (2000). *A dualidade da estrutura: agência e estrutura*. Oeiras: Celta Editora.
- GONÇALVES, A.A.H.B. (1984). Escavações da Mamoa n.º 2 de Outeiro de Ante – Serra da Aboboreira. *Arqueologia*. 9: 22-41.
- GONÇALVES, A.A.H.B. e CRUZ, D.J. (1994). “Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real). *Estudos Pré-Históricos*. 2: 171-231.
- GONÇALVES, V.S. (1971). *O Castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GUIGNON, C.B. (1983). Heidegger and the problem of knowledge. Indianapolis: Hackett.
- GUIMARÃES, F.J.S. (1987/1988). Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Antiqua (Informes, reconhecimentos e prospecções). *Revista de Guimarães*. 97-98: 5-40.
- HABERMAS, J. (1970). A review of Gadamer’s *Truth and Method*. In F. Dallmayr e T. McCarthy (ed.) *Understanding and social enquiry*, pp. 335-363. Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- HARRISON, R.J. (1974). Origins of the Bell Beakers Cultures. *Antiquity*. 48: 99-109.
- HARRISON, R.J. (1977a). *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistoric Research Bulletin. 35. Cambridge, Massachusetts: Peabody Museum – Harvard University.
- HARRISON, R.J. (1977b). Beaker Cultures of Iberia, France and the West Mediterranean Islands, 2200-1500 B.C. In R. Mercer (ed.) *Beakers in Britain and Europe: four studies*, pp. 5-26. British Archaeological Reports, Supplementary Series. 26.

- HARRISON, R.J. (1980). *The Beaker Folk: Copper Age archaeology in Western Europe*. Londres: Thames & Hudson.
- HARRISON, R.J. (1988). Bell Beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millennium BC. *Antiquity*. 62: 464-472.
- HARRISON, R.J. e GILMAN, A. (1978). Trade in the second and third millennia BC: between the Maghreb and Iberia. In V. Markotice (ed.), *Ancient Europe and the Mediterranean: studies presented in honor of Hugh Hencken*, pp. 90-104. Warminster: Aris & Philips Ltd.
- HEIDEGGER, M. (1962). *Being and Time*. Oxford: Blackwell.
- HEIDEGGER, M. (1992). Que é uma coisa? Lisboa: Edições 70.
- JOHNSEN, H. e OLSEN, B. (2000). Hermeneutics and Archaeology: on the philosophy of contextual archaeology. In J. Thomas (ed.) *Interpretive Archaeology: a reader*, pp. 97-117. Londres: Leicester University Press.
- JOHNSON, M. (2000). *Teoría arqueológica: una introducción*. Barcelona: Ariel.
- JONES, A. (2002). *Archaeological theory and scientific practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JORGE, S.O. (1980). A estação arqueológica do Tapado da Caldeira – Baião. *Portugália*, Nova Série. 1: 29-50.
- JORGE, S.O. (1986). *Povoados da Pré-história Recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- JORGE, S.O. (1988). Reflexões sobre a Pré-História Recente do Norte de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 28(1-2): 85-112.
- JORGE, S.O. (1990). Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia. In J. Alarcão (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal das Origens à Romanização*, pp. 163-212. Lisboa: Editorial Presença.
- JORGE, S.O. (1993). O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do Norte de Portugal. In Vítor O. Jorge (coord.) *Iº Congresso de Arqueologia Peninsular – Actas VII*, pp. 179-216. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35(3). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- JORGE, S.O. (1998). Colónias, fortificações, lugares monumentalizados: trajectórias das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. In S.O. Jorge e V.O. Jorge (ed.), *Arqueologia percursos e interrogações*, pp. 69-150. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Co-Operação em Arqueologia Peninsular (ADECAP).
- JORGE, S.O. (1999). Castelo Velho (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. *Estudos Pré-Históricos*. 6: 279-293.
- JORGE, S.O. (2002). Um vaso campaniforme cordado no Norte de Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (V.º N.º de Foz Côa). Breve Notícia. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*. 1: 27-50.
- JORGE, S.O. e RUBINOS, A. (2002). Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os dados e os problemas. *Côavisão*. 4: 95-111.
- JORGE, V.O. e BETTENCOURT, A.M.S. (1988). Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987). *Arqueologia*. 17: 73-118.
- JORGE, V.O., JORGE, S.O., SILVA, E.J.L. e BAPTISTA, A.M. (1997). *As Mamoas do Alto da Portela do Pau: (Castro Laboreiro, Melgaço) trabalhos de 1992 a 1994*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COLXÃO, A.S. (2002a). Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper and Bronze Age sites in northern Portugal. In C. Scarre

- (ed.), *Monuments and landscape in Atlantic Europe*, pp. 36-50. Londres: Routledge.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2002b). Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro). *Côavisão*. 4: 73-93.
- KINNES, I., GIBSON, A., AMBERS, J. e BOAST, R. (1991). Radiocarbon dating and British Beakers. *Scottish Archaeological Review*. 8: 35-68.
- KOPYTOFF, I. (1985). The cultural biography of things: commoditization as a process. In A. Appadurai (ed.) *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOPES, T.C. (1986). Análise do material ósseo das estações da Vinha Soutilha (Mairos) e da Pastoria (Chaves). In S.O. Jorge (ed.), *Povoados da Pré-história recente da Região de Chaves – V.º P.º de Aguiar*, pp. 1099-1123. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MELO, M.F. e GONÇALVES, C. (1986). Estudos de caracterização mineralógica e microestrutural de cerâmicas pré-históricas de estações da área de Telões – Chaves. In S.O. Jorge (ed.), *Povoados da Pré-história recente da Região de Chaves – V.º P.º de Aguiar*, pp. 1057-1083. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MÉNDEZ FERNÁNDEZ, F. (1994). La domesticación del paisaje durante la Edad del Bronce Gallego. *Trabajos de Prehistoria*. 51(1): 77-94.
- NUNES, J.C. (1951). Escavação no dólmen da Barrosa (Âncora). *Revista de Guimarães*. 61: 196-204.
- PAÇO, A. e PENTO, E. (1961). Vasos campaniformes da mamoa de Guilhabreu, *Boletim Cultural da C. M. de Vila do Conde*. 2: 9-24.
- PASQUA, H. (1997). *Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PATRIK, L.E. (2000). Is there a archaeological record? In J. Thomas (ed.) *Interpretive Archaeology: a reader*, pp. 118-144. Londres: Leicester University Press.
- PRIETO MARTÍNEZ, M.P. (1999). Caracterización del estilo cerámico de la Edad del Bronce en Galicia: cerámica campaniforme y cerámica no decorada. *Complutum*. 10: 71-90.
- PRIETO MARTÍNEZ, M.P. (2001). *La cultura material cerámica en la Prehistoria Reciente de Galicia: yacimientos al aire libre*. *Trabalhos en Arqueología da Paisaje*. 20.
- REBUGE, J.R.P. (2003). Uma proposta para reconceptualizar a materialidade arqueológica: o Campaniforme no Norte de Portugal e regiões fronteiras. Relatório de Seminário de Licenciatura em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Departamento de Ciências e Técnicas do Património (policopiado).
- SAHLINS, M. e SERVICE, E. (1960). *Evolution and culture*. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press.
- SALANOVA, L. (2000a). *La question du campaniforme en France et dans les Îles Anglo-Normandes. Productions, chronologie et les rôles d'un standard céramique*. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques e Société Préhistorique Française.
- SALANOVA, L. (2000b). Mecanismos de difusão dos vasos campaniformes: os laços franco-portugueses. In V.O. Jorge (coord.), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular – vol. 4 – Pré-História Recente da Península Ibérica*, pp. 399-409. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular.
- SALANOVA, L. (2001). Technological, ideological or economic European union? The variability of Bell Beaker decoration. In F. Nicolis (ed.) *Bell Beakers today: pottery, people, culture*,

- symbols in Prehistoric Europe* (1), pp. 91-102. Trento: Provincia Autonoma di Trento – Servizio Beni Culturali – Ufficio Beni Archeologici.
- SANCHES, M.J. (1997a). *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- SANCHES, M.J. (1997b). O Crasto de Palheiros – Murça: notícia preliminar das escavações de 1995 e de 1996. In R. Balbín Behrmann e P. Bueno Ramírez (eds.), *II Congreso de Arqueología Peninsular: Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce*, pp. 389-399. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- SANCHES, M.J. (2000/2001). O Crasto de Palheiros (Murça): do Calcolítico à Idade do Ferro. *Portugália*, Nova Série. 21-22: 5-39.
- SANGMEISTER, E. (1963). La civilisation du vase campaniforme. In *Actes du Premier Colloque Atlantique: les civilisations atlantiques du néolithique à l'Age du Fer*, pp. 25-56. Rennes.
- SAVORY, H.N. (1968). *Spain and Portugal: the Prehistory of the Iberian Peninsula*. Londres: Thames and Hudson.
- SCHNITZLER, A. (2003). *A história de um sonho*. Porto: Público.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1993). Duas contribuições arqueométricas para o estudo do Bronze Antigo/Médio do Centro e Noroeste de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 1: 77-91.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994). Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2: 173-200.
- SHERRATT, A.G. (1981). Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution. In I. Hodder, G. Isaac e N. Hammonds (eds.), *Pattern of the past: studies in honour of David Clarke*, pp. 261-305. Cambridge: Cambridge University Press.
- SHERRATT, A.G. (1987). Cups that cheered. In W.H. Waldren e R.C. Kennard (eds.), *Bell Beakers of the western Mediterranean: definition, interpretation, theory and new site data*, pp. 81-114. British Archaeological Reports, International Series. 331(i).
- SILVA, E.J.L. (1988). A Mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 28 (1-2): 127-132.
- SILVA, E.J.L. (1989). Escavação da Mamoa de Aspra. Vila Praia de Âncora (Caminha). *Revista de Ciências Históricas*. 4: 13-38.
- SILVA, E.J.L. e MARQUES, J.A.T.M. (1986). Escavação da mamoa de Chafé – Viana do Castelo (notícia preliminar). *Arqueologia*. 13: 207-208.
- STUIVER, M., REIMER, P., BARD, E., BECK, J., BURR, G., HUGHEN, K., KROMER, B., McCORMAC, F., PLICH, J. e SPURK, M. (1998). Intcal 98 radiocarbon age calibration 24 000 – 0 cal BP. *Radiocarbon*. 40: 1041-1083.
- SUÁREZ OTERO, J. (1997a). Um vaso campaniforme con decoracion cordada em Galicia: A Fontenla (Moaña, Pontevedra). *Boletín Avriense*. 25: 9-36.
- SUÁREZ OTERO, J. (1997b). Cerámica campaniforme con decoración cordada en la Península Ibérica. Acotaciones en torno e una problemática. *Boletín Avriense*. 26: 27-46.
- TILLEY, C. (1996). The power of rocks: topography and monument construction on Bodmin Moor. *World Archaeology*. 28(2): 161-176.
- THOMAS, J. (1987). Relations of production and social change in the Neolithic of North-West Europe. *Man*. 22(3): 405-430.
- THOMAS, J. (1999). *Time, Culture and Identity: an interpretive archaeology*. Londres: Routledge.
- THOMAS, J. (2001). Archaeologies of place and landscape. In I. Hodder (ed.) *Archaeology Theory Today*, 165-186. Cambridge: Polity Press.
- TRIGGER, B.G. (1992). *Historia del pensamiento arqueológico*. Barcelona: Editorial Crítica.

- VALERA, A.C.N. (1995/1996). A génese da Idade do Bronze no Mondego Interior análise de alguns aspectos das suas construções arqueográficas e historiográficas. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 3-4: 215-251.
- VALERA, A.C.N. (1997a). *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da Bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- VALERA, A.C.N. (1997b). Fraga da Pena (Sobral Pichorro, Fornos de Algodres): uma primeira caracterização no contexto da rede local de povoamento. *Estudos Pré-Históricos*. 5: 55-84.
- VALERA, A.C.N. (1999a). O habitat pré-histórico de Linhares (Santa Comba Dão – Viseu). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 5: 51-62.
- VALERA, A.C.N. (1999b). The re-creation of territorialities and identities in the III millennium BC: research problems in Central Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. 1: 119-126.
- VALERA, A.C.N. (2000). O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. In V.O. Jorge (coord.), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular – vol. 4 – Pré-História Recente da Península Ibérica*, pp. 269-290. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular.
- VALERA, A.C.N. *no prelo*. Teoria da Acção e passado histórico: algumas perspectivas ibéricas. *Era Arqueologia*. 6.
- VATTIMO, G. (1998). *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VÁZQUEZ VARELA, J.M. (1997). Aspectos sociales de la transición del Calcolítico a la Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica. In R. Balbín Behrmann e P. Bueno Ramírez (eds.), *II Congreso de Arqueología Peninsular: Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce*, pp. 565-567. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- YOURCENAR, M. (1998). *Memórias de Adriano*. Editora Ulisseia.

ANEXO 1

Inventário das estações em que se documentaram a presença de cerâmicas campaniformes no Norte de Portugal

1. Chã de Arcas (Arcos de Valdevez)

Contexto: Mamoa, da qual se desconhece a estrutura interna (Jorge 1986: 855-856).

Cerâmicas Campaniformes: Estão documentados dois fragmentos decorados com motivos do *estilo marítimo*, possivelmente da *variante linear* (Jorge 1986: 856).

Bibliografia: Jorge 1986; Cruz 1991; Jorge 2002.

2. Mamoa 1 da Portela do Pau (Melgaço)

Contexto: Mamoa com cerca de 14,5 a 15 m de diâmetro, actualmente com uma altura de 1,28 m (Jorge et alii 1997: 15). A estrutura dolménica no seu interior não apresenta corredor, sendo a câmara composta na actualidade por 7 esteios (*idem*: 15). Este monumento integra-se no núcleo megalítico do *Alto da Portela do Pau* (*idem*: 7).

Cerâmicas Campaniformes: Estão documentados diversos fragmentos cerâmicos, que permitiram colagens, que poderão corresponder a três vasos campaniformes: dois com decoração *estilo pontilhado geométrico*; o terceiro, apenas representado por um pequeno fragmento, corresponderia a um vaso com decoração *estilo marítimo, variante linear* (Jorge et alii 1997: 17).

Bibliografia: Jorge et alii 1997; Jorge 2002.

Mamoa 2 e 3 da Portela do Pau (Melgaço)

Contexto: O monumento megalítico designado por mamoa 2 do *Alto da Portela do Pau*, caracteriza-se por um *tumulus* com cerca de 21 – 22 m de diâmetro e cerca de 2,5 m de altura máxima (Jorge et alii 1997: 41). A câmara megalítica aberta, de planta poligonal, registada no interior deste *tumulus* é composta por sete esteios com alturas entre 2,35 e 2,40 m (Jorge et alii 1997: 41-52). A mamoa 3 do *Alto da Portela do Pau* corresponde a um monumento com um *tumulus* com cerca de 13 m de diâmetro e 1 m de altura máxima (Jorge et alii 1997: 85). No que concerne a estruturas pétreas este monumento seria composto por um anel pétreo periférico, e um outro central, este último com uma planta ovóide, de 2 m de comprimento máximo, por 1 metro de largura máxima (*idem*: 85).

Cerâmicas Campaniformes: Encontram-se documentados dois fragmentos cerâmicos com decoração *estilo pontilhado geométrico*: um deles encontrado em prospecção no topo da mamoa (Jorge et alii 1997: 86); o segundo encontrado num monturo de terras no sector sul do monumento (*idem*: 86), não se sabendo se no seu contexto original teria sido depositado na mamoa 2 ou 3 deste núcleo megalítico (*idem*: 119).

Bibliografia: Jorge et alii 1997; Jorge 2002.

3. Castelo de Fraião (Valença)

Contexto: Trata-se de um achado ocasional que poderá estar relacionado com um povoado, foi possível observarem-se fossas abertas no saibro, mas terras daí retiradas não se recolheu qualquer material arqueológico (Almeida et alii 1995: 318-319).

Cerâmicas Campaniformes: Trata-se de um único fragmento cerâmico com decoração *estilo marítimo, variante linear* (Almeida et alii 1995: 319; Jorge 2002: 36).

Bibliografia: Almeida et alii 1995; Jorge 2002.

4. Dólmen da Barrosa (Caminha)

Contexto: Monumento megalítico, de câmara poligonal alongada de nove esteios, possui um corredor que não se diferencia em planta, constituído por seis esteios de ambos os lados (Cruz 1991: 108).

Cerâmicas Campaniformes: Encontram-se documentados dois fragmentos cerâmicos decorados com o *estilo pontilhado geométrico* (Cruz 1991: 110).

Bibliografia: Nunes 1951; Cardozo 1951; Jorge 1986; Cruz 1991; Guimarães 1987/1988; Jorge 2002.

5. Mamoa de *Aspra* (Caminha)

Contexto: Mamoa de grandes dimensões, com uma altura de 3,40 m (Silva 1989: 15), e um diâmetro entre os 22 e 23 metros (Cruz 1991: 110)

Cerâmicas Campaniformes: Estão registados três fragmentos cerâmicos campaniforme: um decorado segundo o *estilo marítimo, variante internacional*; um segundo fragmento cerâmico decorado segundo o *estilo pontilhado geométrico*; e o terceiro fragmento, um fundo de vaso, que apresenta um *omphalus* e tem como decoração duas linhas pontilhadas (Silva 1989: 18-19 e 30-31). Na descrição do segundo fragmento segue-se a opinião de Susana O. Jorge (2002: 36), segundo a qual a decoração presente se trata o *estilo pontilhado geométrico* e não do *estilo marítimo, variante internacional*, como é opinião de outros autores (Silva 1989: 18-19; Cruz 1991: 111).

Bibliografia: Silva 1989; Cruz 1991; Jorge 2002.

6. Mamoa de *Eireira* (Viana do Castelo)

Contexto: Mamoa, com cerca de 28 m de diâmetro (Silva 1988: 128), possuindo uma estrutura dolménica composta por dezasseis esteios, com corredor indiferenciado, já que os ortostatos deste não se diferenciam em altura dos da câmara (*idem*: 129). A descrição de Domingos J. Cruz (1991: 111), difere no número de esteios, seriam originalmente dezoito, restando quinze *in situ*, com cerca de 2 m.

Cerâmicas Campaniformes: Foi recuperado um fragmento cerâmico decorado, com grande probabilidade, segundo o *estilo marítimo, variante internacional* (Cruz 1991: 112).

Bibliografia: Silva 1988; Cruz 1991; Jorge 2002.

7. Mamoa de *Chafé* (Viana do Castelo)

Contexto: Mamoa, possuindo ainda cinco esteios *in situ* (Silva 1986: 208).

Cerâmicas Campaniformes: Em nenhuma das publicações sobre esta estação se especificam o número de fragmentos recuperados durante a escavação, pode-se apenas registrar um número indeterminado de fragmentos, pertencentes a formas acampanuladas e a uma taça, sendo a decoração segundo o *estilo marítimo, variante internacional* (Silva 1986: 207; Jorge 1986: 853; Cruz 1991: 112).

Outros Materiais: Será de destacar a hipótese de associação das cerâmicas campaniformes com um braçal de arqueiro e com um rebite e uma "sovela" (Silva 1986: 207), note-se o revolvimento existente na câmara do monumento (Cruz 1991: 112).

Bibliografia: Silva 1986; Jorge 1986; Cruz 1991; Jorge 2002.

8. Lugar do *Vargo* (Fafe)

Contexto: A autora do achado, Ana M. S. Bettencourt (1991/1992: 234), coloca de parte a existência de um povoado por se tratar de um achado isolado, coloca contudo a hipótese de se ter tratado de um contexto sepulcral entretanto destruído.

Cerâmicas Campaniformes: Neste caso documenta-se um vaso inteiro, de forma acampanulada, com decoração *estilo pontilhado geométrico*, esta decoração seria preenchida por pasta branca (Bettencourt 1991/1992: 234), e com um *omphalus* pouco acentuado.

Bibliografia: Bettencourt 1991/1992; Jorge 2002.

9. Mamoa de *Guilhabreu* (Vila do Conde)

Contexto: Mamoa de grande tamanho, com cerca de 2 m de altura (Paço e Pinto 1961: 12), os autores da escavação não fazem qualquer menção de uma estrutura dolménica no interior deste monumento (*idem*: 13).

Cerâmicas Campaniformes: Um primeiro conjunto de cinco fragmentos que permitiram colagens, pertencendo por isso ao mesmo vaso de forma acampanulada, com decoração *estilo marítimo, variante linear* (Cruz 1991: 117). Documentou-se ainda mais um fragmento, de uma forma acampanulada, com decoração semelhante aos anteriormente mencionados, mas que não pertenceria ao mesmo vaso (*ibidem*). Foram ainda recuperados dois fragmentos cerâmicos que possibilitaram colagem, reconstituindo-se um fundo de vaso com *omphalus* (*ibidem*), a decoração é no *estilo*

pontilhado geométrico. Por fim, um fragmento cerâmico decorado segundo o *estilo marítimo* (*ibidem*).

Bibliografia: Paço e Pinto 1961; Jorge 1986; Cruz 1991; Jorge 2002.

10. Dólmen 1 de *Chã de Parada* (Baião)

Contexto: Mamoa de grandes dimensões 22 a 24 m de eixo maior, no sentido Oeste-Este e de 18 m no eixo Norte-Sul (Cruz 1991: 120). No seu interior foi documentada uma câmara poligonal composta por nove esteios, que rodam os 3 m de altura, que mede 4,40 m de eixo maior e 2,90 de eixo menor (*ibidem*). Este monumento possui um corredor com cerca de 3,80 m (*ibidem*).

Cerâmicas Campaniformes: A colagem de três fragmentos cerâmicos permitiu a reconstrução de um fundo de vaso com *omphalus*, que pertenceria a um vaso campaniforme, mas nenhum dos fragmentos apresenta decoração (Jorge e Bettencourt 1988: 105, 107 e 111; Cruz 1991: 120). Um outro fragmento cerâmico apresenta decoração *estilo pontilhado geométrico* (Jorge e Bettencourt 1988: 111; Cruz 1991: 120). Documentou-se ainda dois fragmentos que não colando poderão pertencer ao mesmo vaso, um deles um fragmento de bordo, que apresentam decoração *estilo marítimo, variante linear*, os autores da escavação colocam a hipótese da decoração ter sido obtida com uma matriz de concha – *Chlamis opercularis* (Jorge e Bettencourt 1988: 107-108 e 111).

Bibliografia: Jorge e Bettencourt 1988; Cruz 1991; Jorge 2002.

11. Mamoa 2 de *Outeiro de Ante* (Baião)

Contexto: Mamoa ou *tumulus* medindo cerca de 10 m no seu eixo maior, Norte-Sul, e cerca de 8 m no eixo Este-Oeste, e com cerca de 0,85 de altura (Cruz 1991: 120). No interior deste *tumulus* existe uma estrutura dolménica composto por uma câmara poligonal alongada, sub-elíptica (Gonçalves 1984: 34), constituída, originalmente, por onze esteios (Gonçalves 1984: 34; Cruz 1991: 121).

Cerâmicas Campaniformes: Foram recuperados quatro fragmentos cerâmicos que pertenceram todos ao mesmo vaso, mas apenas três permitem colagem, estes fragmentos apresentam decoração *estilo pontilhado geométrico* (Gonçalves 1984: 35-37; Cruz 1991: 121). Durante a escavação foram recuperados mais dois fragmentos cerâmicos, que permitiram colagem entre si, que pela sua similitude poderão pertencer ao mesmo vaso que os fragmentos anteriores (Cruz 1991: 121). Conclui-se referindo a existência de um outro fragmento com decoração similar aos anteriores (Gonçalves 1984: 35-37; Cruz 1991: 121).

Bibliografia: Gonçalves 1984; Jorge 1986; Cruz 1991; Jorge 2002.

12. *Tapado da Caldeira* (Baião)

Contexto: Esta estação poderá ter três fases de ocupação, esta ilação retira-se dos diferentes materiais aí encontrados: uma primeira fase corresponderia a um povoado calcolítico “pré-campaniforme” (Jorge 1986: 854); numa segunda fase estará documentado um povoado que corresponderia a uma fase mais tardia do calcolítico, em que as cerâmicas campaniformes já estariam presentes – apenas se documentaram estas cerâmicas nos estratos um 1A e 1B (Jorge 1980: 30); a última fase corresponde a uma necrópole do Bronze Final, com quatro sepulturas – com esta poderiam estar relacionada uma lareira, uma fossa e um “solo” (*idem*: 31). Esta necrópole provocou o remeximento dos estratos em que se encontravam os vestígios das ocupações anteriores. Consequentemente os materiais campaniformes recuperados nesta estação, apesar de recolhidos em escavação não fornecem um contexto preservado, contudo a sua maior concentração situava-se no sector Sul da estação (*idem*: 30).

Cerâmicas Campaniformes: São oito a totalidade dos fragmentos cerâmicos campaniformes recuperados na estação arqueológica do *Tapado da Caldeira*. Com decoração incisa registou-se um fragmento cerâmico, que a autora remete para o *estilo inciso tipo Ciempozuelos* (Jorge 1980: 48, Jorge 2002: 37) – com este vaso poderão estar relacionados outros dois fragmentos cerâmicos com a mesma técnica decorativa (Jorge 1980: 35; Cruz 1991: 123-124; Jorge 2002: 37). O *estilo pontilhado geométrico* encontra-se representado por quatro fragmentos, três dos quais pertencem ao mesmo vaso: o primeiro fragmento associa a técnica pontilhada ao puncionamento – um fragmento

de bordo; os três fragmentos do mesmo vaso apresentam como técnica decorativa o puncionamento – um destes corresponde a um fragmento de bordo (Jorge 1980: 48-49; Cruz 1991: 123-124; Jorge 2002: 37). Por último foram ainda registados três fragmentos cerâmicos que correspondem ao *estilo marítimo, variante linear*, um destes fragmentos trata-se de um bordo, e é também este o mais hipotético pois apenas se pode observar uma linha pontilhada – nos outros dois fragmentos as linhas pontilhadas parecem organizar-se em bandas (Cruz 1991: 123-124; Jorge 2002: 37), todos estes fragmentos correspondem a vasos acampanulados (Cruz 1991: 123-124).

Bibliografia: Jorge 1980; Jorge 1986; Cruz 1991; Jorge 2002.

13. Mamoa 1 de *Chã de Carvalhal* (Baião)

Contexto: *Tumulus* medindo cerca de 13 m de diâmetro e aproximadamente 1,30 m de altura máxima, existindo uma câmara de forma cistóide de planta sub-retangular no seu interior, composta por seis esteios, que não ultrapassavam 1,5 m de altura (Cruz 1991: 125).

Cerâmicas Campaniformes: São numerosos os fragmentos cerâmicos campaniformes recuperados nesta estação. Assim, quatorze fragmentos, um deles de bordo cerâmicos pertencentes possivelmente ao mesmo vaso, de forma acampanulada, com decoração de *estilo marítimo, variante internacional* (Cruz 1991: 36-37). A uma *taça tipo Palmela* pertencem onze fragmentos, três deles de bordo, a decoração associa o *estilo pontilhado geométrico* à incisão (*idem*: 37 e 40). Um outro vaso também decorado com *estilo pontilhado geométrico*, associado a puncionamento, encontra-se representado por dez fragmentos (*ibidem*). Com decoração incisa encontram-se registados dois vasos: de um deles foram recuperados vinte fragmentos; um segundo vaso de que foram recuperados dois fragmentos associa a já mencionada técnica decorativa ao puncionamento (Cruz 1991: 37 e 40). Com excepção de três fragmentos da *taça tipo Palmela* decorada, que foram recuperados das terras de enchimento da câmara, todos os outros provêm das terras superficiais da mamoa, pressupondo-se que terão sido terras resultantes da violação da câmara do monumento (*idem*: 33). Domingos J. Cruz coloca também a hipótese de alguns desses vasos terem sido colocados no exterior da câmara de maneira propositada (*ibidem*).

Outros materiais: Deste monumento foram também recuperadas cerâmicas sem decoração que podem de algum estar associadas aos materiais campaniformes. Será o caso de uma *taça tipo Palmela*, de que foram recuperados vinte e três fragmentos (Cruz 1991: 29), que o autor considera como um tipo cerâmico campaniforme liso (*idem*: 146). Outro exemplo é de uma *taça de pé alto*, “tipo fruteira”, de que se recuperaram cinco fragmentos, quatro dos quais permitiram colagem (*ibidem*). Foi encontrado também um fragmento de fundo de vaso com *omphalus* (*ibidem*). Estão documentados também dois fragmentos cerâmicos carenados de dois vasos diferentes, sendo um destes se trata de um bordo (*ibidem*). O contexto estratigráfico é o mesmo das cerâmicas campaniformes, com a excepção já referida dos três fragmentos da *taça tipo Palmela* decorada (*idem*: 33).

Foram também recuperados, mas com contexto estratigráfico bem definido, dois conjuntos de artefactos metálicos: um conjunto de cinco pontas de lança *tipo Palmela*; e outro conjunto de dois punhais de lingueta – estes dois conjuntos, em cobre arsenical, encontravam-se no mesmo nível estratigráfico e na mesma quadrícula (E 6), mas distanciados e 92 cm (Cruz 1991: 41-42). A deposição destes materiais terá sido realizada antes da conclusão do monumento, sendo assim coevos da construção do monumento (*idem*: 42).

Bibliografia: Cruz 1983; Jorge 1986; Cruz 1991; Cruz 1992; Jorge 2002.

14. Mamoa de *Monte Maninho* (Baião)

Contexto: Mamoa que mede cerca de 10 m no eixo Norte-Sul e 9 m no eixo Este-Oeste, com uma altura máxima de 0,80 m (Cruz 1991: 125). Tendo existido uma câmara funerária só foi possível documentar um único esteio (*ibidem*).

Cerâmicas Campaniformes: A escavação deste monumento permitiu a recuperação de seis fragmentos cerâmicos, pertencendo, com toda a probabilidade ao mesmo vaso segundo o *estilo pontilhado geométrico* (Cruz 1991: 125).

Bibliografia: Cruz 1987; Cruz 1991; Jorge 2002.

15. Mamoa de 1 Vale de Juros (Baião)

Contexto: Mamoa que não foi alvo de escavação, mas de que existe uma pequena notícia, na qual se documenta a existência de dois ou três de uma possível câmara megalítica (Carneiro *et alii* 1987: 159).

Cerâmicas Campaniformes: Na visita a este monumento foram recuperados dois fragmentos cerâmicos de uma forma acampanulada, que permitiram colagem, decorados segundo o *estilo pontilhado geométrico*, associado a incisão (Carneiro *et alii* 1987: 159; Cruz 1991: 126).

Bibliografia: Carneiro *et alii*. 1987; Cruz 1991; Jorge 2002.

16. Mamoa 2 de Carvalhelhos (Baião)

Contexto: Mamoa escavada em 1952 por J. Santos Júnior, não estando documentada qualquer estrutura pétreo no interior deste monumento (Cruz 1991: 133).

Cerâmicas Campaniformes: Foi recuperado um fragmento cerâmico decorado por incisão (Jorge 1986: 855; Cruz 1991: 133; Jorge 2002: 37).

Bibliografia: Jorge 1986; Cruz 1991; Jorge 2002.

17. Pastoria (Chaves)

Contexto: Povoado aberto, com duas ocupações calcolítica: a primeira das quais “pré-campaniforme”, esta ocupação teria decorrido, entre 2200-2100 a.C.; a segunda ocupação que corresponde já a uma ocupação em que se documenta a existência de cerâmicas campaniformes, bem como de artefactos metálicos teria decorrido de 2000-1900 a.C. – estes dois intervalos temporais para as ocupações foram estabelecidos através de cronologia relativa (Jorge 1986: 559-560). A estação encontra-se dividida por um estradão: a norte deste estradão foram intervencionados os locais 1, 2 e 4 – a ocupação neste sector, e especialmente nos locais 2 e 4, corresponde à camada 2 e apenas foram recuperadas cerâmicas campaniformes; o local 3, que se situa a sul do estradão, registava uma estratigrafia mais complexa, no entanto foi apenas na camada 3, sub-níveis a e b (Jorge 1986: 409-572).

Cerâmicas Campaniformes: A quase totalidade dos materiais foi recolhida do local 3 desta estação. Na camada 3 sub-níveis a e b foram recolhidos: um vaso acampanulado, com carena baixa, que associa o pontilhado ao puncionamento, segundo o *estilo pontilhado geométrico* – representado por vários fragmentos; um outro conjunto de fragmentos permitiu reconstituir um vaso acampanulado de carena média e fundo plano—côncavo, que apresenta decoração *estilo marítimo, variante linear*; três fragmentos que permitiram colagem, que associavam a técnica pontilhada com a incisão; outros dois fragmentos cerâmicos que permitiram colagem, foram também recolhidos, com características decorativas em tudo idênticas aos anteriores (Cruz 1991: 131). No sub-nível b, da camada 3 foram recuperados: três fragmentos, que permitiram reconstituir uma forma acampanulada, com carena baixa, sem decoração; um fragmento cerâmico que associa o pontilhado e a impressão; uma associação de incisão e pontilhado foi registada num fragmento cerâmico; por fim resta mencionar uma outra associação de pontilhado com incisão, num outro fragmento (*idem*: 131-132).

A escavação do sector norte no local 4, camada 2, permitiu a recolha de uma caçoila *tipo Acebuchal*, decorada não com um estilo campaniforme, mas com um “estilo local”, a *incisão penteada* (Jorge 1986: 855; Cruz 1991: 132).

O estudo realizado às pastas e à tecnologia de produção das cerâmicas campaniformes permitiu concluir que se tratava de uma produção local (Jorge 1986: 939; Melo e Gonçalves: 1061).

Outros materiais: No local 3, no sector sul, foram recolhidos os seguintes artefactos metálicos, todos eles em cobre arsenical: um cinzel, um punção e uma possível “faca curva” (Jorge 1986: 855; Cruz 1991: 132). Ainda nesta estação, no local 4, mas produto de uma escavação clandestina, foi recuperado um punhal, também em cobre arsenical (Cruz 1991: 132).

Nesta estação arqueológica a cerâmica campaniforme surge associada em contexto doméstico ao universo de “cerâmicas decoradas calcolíticas do Alto Tâmega” (Jorge 1986: 855).

As análises dos restos faunísticos permitiu ainda detectar a presença de espécies domésticas como

ovinos, caprinos, suínos e canídeos – *ovis*, *capra*, *sus* e *canis* (Lopes 1986: 1108-1116 e 1119), na camada de ocupação onde se registraram as cerâmicas campaniformes, e os materiais a elas associados, já referidos.

Bibliografia: Jorge 1986; Cruz 1991; Jorge 2002.

18. *Mamoá I de Madorras (Sabrosa)*

Contexto: Mamoá de grandes dimensões, que contém no seu interior uma câmara de planta poligonal constituída por onze esteios – medindo 4,60m de comprimento, 4,80 de largura e 3,40 de altura (Cruz 1991: 134). Este monumento tem corredor diferenciado tanto em planta como em alçado, com cerca de 2,70 m de comprimento e com uma largura que oscila entre os 2 m junto à câmara terminando em cerca de 1,5 m à entrada (*ibidem*).

Cerâmicas Campaniformes: Foram recuperados dois fragmentos que permitiram colagem, um dos quais se trata de um fragmento de bordo, em que se associam pontilhado e incisão (Cruz 1991: 135). Neste mesmo monumento foram também recuperados três outros fragmentos cerâmicos que permitiram colagem e que poderão pertencer ao mesmo vaso dos fragmentos atrás descritos, pois as suas características são bastante semelhantes, contudo estes apresentam impressão com matriz de concha (*ibidem*). Registrou-se ainda a presença de dois fragmentos de um vaso com carena acentuada, decorados com três linhas paralelas de impressões feitas a matriz (Gonçalves e Cruz 1994: 205). Para finalizar, refira-se um fragmento de bordo decorado com uma matriz de concha (*idem*: 206). Domingos Cruz e Gonçalves (*idem*: 205) integram as decorações presentes nestas cerâmicas “nos grupos pontilhado geométrico e pontilhado de bandas”.

Bibliografia: Jorge 1986; Cruz 1991; Gonçalves e Cruz 1994; Cruz e Gonçalves 1995; Jorge 2002.

19. *Crasto de Palheiros (Murça)*

Contexto: Este povoado-monumento, conceito proposto por Maria de Jesus Sanches (2000/2001: 8), ocupa aproximadamente 2,5 h de um monte, com algum destaque na paisagem (Barbosa 1999: 25). A ocupação deste espaço é definida por três etapas gerais: *Crasto I*, *Crasto II* e *Crasto III* (Barbosa 1999: 34-35). Assim, num primeiro momento entre 3000 a 2800 a.C. terá existido uma ocupação anterior à monumentalização que originará o *Crasto II* (Barbosa 1999: 34; Sanches 2000/2001: 23-24). Este período é marcado pela já mencionada monumentalização, esta terá sido realizada entre 2800 a 2400 a.C., que se poderá estender até cerca de 2000 a.C. (Sanches 2000/2001: 23-24). O *Crasto de Palheiros* é marcado por uma ocupação da Idade do Ferro que se localiza no intervalo do século IV a.C. até ao século II d.C., podendo-se dividir em diversas fases (*idem*: 24-25).

Tomando em atenção o tema deste estudo interessa salientar a ocupação, ou ocupações, denominada por *Crasto II*, pois foi nesta fase que se registou a existência de cerâmicas campaniformes (Barbosa 1999: 96). O monte que corresponde a esta estação, através da monumentalização realizada com o *Crasto II*, encontra-se definido no seu limite sudoeste por um afloramento rochoso que forma uma falésia, assim a construção de taludes irá ocorrer na face oposta a esta. Serão duas as linhas de taludes que partindo do afloramento a noroeste vão rodear o monte e cercá-lo encontrado de novo o afloramento rochoso a sudeste. Formam-se assim duas plataformas, uma superior e outra inferior, a primeira denominada por *Unidade Interna* e a segunda por *Unidade Externa*. A cerâmica campaniforme surge exclusivamente na camada I da *Unidade Interna* (*ibidem*).

Existem duas datações absolutas para a camada I da *Unidade Interna*: CSIC 1280 4087±34 BP, que a calibração a dois sigmas fará corresponder ao intervalo 2860-2496 a.C.; a segunda datação CSIC 1216 3727±39 BP que a calibração a dois sigmas fará corresponder ao intervalo 2277-1981 a.C. (Sanches 2000/2001: 21). Estas datações não se recobrem estatisticamente, mas o contexto da amostra que permitiu a obtenção da primeira datação, aqui referida, merece maior confiança por parte de Maria de Jesus Sanches (*idem*: 23).

Cerâmicas Campaniformes: Foi registado um total de sessenta fragmentos cerâmicos campaniformes, permitindo a reconstituição gráfica de quatorze formas, podendo assumir-se que na totalidade seriam no mínimo dezoito vasos campaniformes, esta conclusão advém da análise das organizações decorativas presentes nesta amostra cerâmica (Barbosa 1999: 96). Esta amostra cerâmica foi classificada em três tipos de formas 9, 10 e 11 – o tipo 10 apresenta as variantes A e B (*idem*: 43).

Na classificação tipológica dos fundos o tipo 2, com as suas variantes A (fundo plano recto) e B (*omphalus*) corresponde a vasos campaniformes. As organizações decorativas XX e XXV a XXVII, correspondem a organizações decorativas classificadas como campaniformes (*idem*: 51-53).

No Crasto de Palheiros estão representados os estilos: *marítimo*, *variante linear* e *variante internacional*; *pontilhado geométrico*; e *inciso*, representado apenas por um único fragmento (*idem*: 98). O cálculo de capacidade dos diferentes recipientes campaniformes identificados e que permitiram reconstituição gráfica permitiu concluir que as capacidades destes recipientes se encontra entre os 0,9411 e os 5,7521 (Barbosa 1999: 181).

Outros Materiais: Os campaniformes surgem associado a vasos carenados – tipo 8 – que surgem pela primeira vez no *Crasto de Palheiros* na camada I da *Unidade Interna* (Barbosa 1999: 97). A cerâmica campaniforme surge também associada a outros tipos cerâmicos, assim: na área selada surge associada aos tipos cerâmicos 1 – ovóides, 2 – ovóides, 3 – esféricos altos, 4 – taças, 5 – perfil sinuoso, 12 – subcilíndricos troncocónico, 13 – forma fechada e 14 – forma fechada (*idem*: 65-70); na área aberta associam-se-lhe os tipos morfo-tipológicos 1, 2, 3, 4, 5 e 12 (*idem*: 73-78).

Bibliografia: Sanches 1997b; Barrosa 1999; Sanches 2000/2001.

20. *Castanheiro do Vento* (Vila Nova de Foz Côa)

Contexto: Trata-se de um *recinto murado*, no qual se iniciaram as escavações em 1998, de grande dimensões (Jorge *et alii* 2002a: 39), a cronologia, preliminar, deste *monumento* (Jorge 2002: 39), situa-o entre o 3º milénio e a primeira metade do 2º milénio a.C. (Jorge *et alii* 2002b: 75).

Cerâmicas Campaniformes: É referido por Susana O. Jorge¹ a existência de campaniforme *estilo marítimo*, *variante linear* (Jorge 1990: 209, Jorge 2002: 37), contudo estes materiais ainda não se encontram publicados.

Bibliografia: Jorge 1990; Jorge *et alii* 2002a, Jorge *et alii* 2002b; Jorge 2002.

21. *Castelo Velho* (Vila Nova de Foz Côa)

Contexto: A estação arqueológica de *Castelo Velho* foi alvo de doze campanhas de escavação desde 1989, dirigidas pela Professora Doutora Susana O. Jorge (2002: 27). Esta investigadora com base no estudo desta estação criou uma nova categoria de sítios arqueológicos, em substituição da denominação de povoado fortificado, essa denominação surge sobre três formas: *monumento* (*idem*: 37-38), *lugar monumentalizado* (Jorge 1998) ou *recinto murado*. *Castelo Velho* situa-se num esporão a cerca de 681 m de altitude absoluta (Jorge 2002: 28). As diferentes ocupações de *Castelo Velho* encontram-se repartidas por três camadas: a camada 4, que corresponde a uma primeira fase construtiva, esta terá sido realizada cerca de 3000 a.C.; a camada 3, na qual foi recolhido o fragmento cerâmico que corresponde a um campaniforme *estilo cordado*, corresponde ao momento de monumentalização da estação, e que se mantém em utilização de 2900/2800 a 1900/1800 a.C.; a camada 2, corresponde a uma alteração construtiva, mas que não invalidou a manutenção das características arquitectónicas pré existentes – esta ocupação decorrerá desde inícios do 2º milénio a.C. até cerca de 1300 a.C.; um último momento deste *monumento* corresponderá a uma petrificação de toda a área e que cobriu a camada 2, que terá acontecido cerca de 1300/1200 a.C. (*idem*: 28 e 30).

Cerâmicas Campaniformes: Foi documentado um fragmento de campaniforme segundo o *estilo cordado*, AOC (Jorge 2002: 37), na camada 3 da quadrícula L'15 (*idem*: 32).

Outros Materiais: Os materiais registados na camada 3 de *Castelo Velho*, ou seja, possivelmente associado à cerâmica campaniforme são: recipientes cerâmicos (esféricos, taças hemisféricas, calo-

¹ Esta investigadora refere também a existência de campaniforme *estilo marítimo*, *variante linear*, ou com temáticas locais, para uma outra estação deste concelho com o mesmo topónimo de *Castelo Velho* (Jorge 1990: 209), mas que se distingue pelo seu segundo topónimo, *Castro de Tambores* (Coixão 2000: 89).

tes de esfera, ovóides e tronco-cónicos), pesos de tear em argila, contas de colar de cor verde, artefactos de pedra polida, moinhos manuais e material lítico talhado, essencialmente em xisto e quartzo (Jorge 1993: 187-188). No conjunto de materiais registados na camada 3 desta estação destaca-se a presença de um machado plano e de um cinzel em cobre (*idem*: 188).

Bibliografia: Jorge 1993, Jorge 1998, Jorge 1999, Jorge 2002.

22. *Buraco da Pala* (Mirandela)

Contexto: A estação arqueológica do *Buraco da Pala* trata-se de um abrigo (Sanches 1997a: 19) com uma longa ocupação que se pode dividir em quatro momentos distintos: a ocupação registada no nível IV prolonga-se desde a primeira metade do V milénio a.C. até ao terceiro quartel do IV milénio a.C.; o nível III corresponde a uma ocupação do último quartel do IV milénio/princípios do III milénio a.C.; o intervalo cronológico entre 2800 e 2500 a.C. compreendeu duas ocupações os níveis II e I (Sanches 1997a: 138).

O nível I desta estação marca a introdução na cultura material de um novo tipo morfo-tipológico, o tipo 6, que integra as variantes A, B e C (Sanches 1997a: 127). As variantes deste tipo assemelham-se, a nível formal, com tipos cerâmicos campaniformes (*idem*: 127 e 139).

Este nível de ocupação é identificado com tendo uma função primordial, a armazenagem, pois foram registados restos de cereais (trigo e cevada), leguminosas (fava) e bolota – esta área apenas não ocupava cerca de 10m² da área útil do abrigo (Sanches 1997a: 102 e 126).

Cerâmicas Campaniformes: Registaram-se vinte e dois recipientes pertencentes ao tipo 6 (com três variantes A, B e C), o que corresponde a 5,53% dos recipientes do nível I (Sanches 1997a: 105 – anexo IV). A totalidade destes recipientes são decorados, dezanove dos quais com incisão “penteada”, dois com incisão e apenas um com impressão (*ibidem*).

A variante C deste tipo é paralelizável com recipientes campaniformes tipo *Acebuchal* – perfil anguloso e levemente fechado com carena baixa (Sanches 1997a: 127).

Outros materiais: A transição do nível II para o nível I é marcada por uma continuidade da cultura material, mantendo-se todos os tipos cerâmicos do nível II, sendo acrescentado para além do tipo 6, a variante A do tipo 7 (Sanches 1997a: 126-127). Como caso pontual surge ainda um recipiente cerâmico onde se encontra presente a dita decoração “simbólica” (*idem*: 130).

A incisão “penteada” representa 77% dos diferentes tipos de técnicas decorativas registadas no nível I do *Buraco da Pala* (Sanches 1997a: 139).

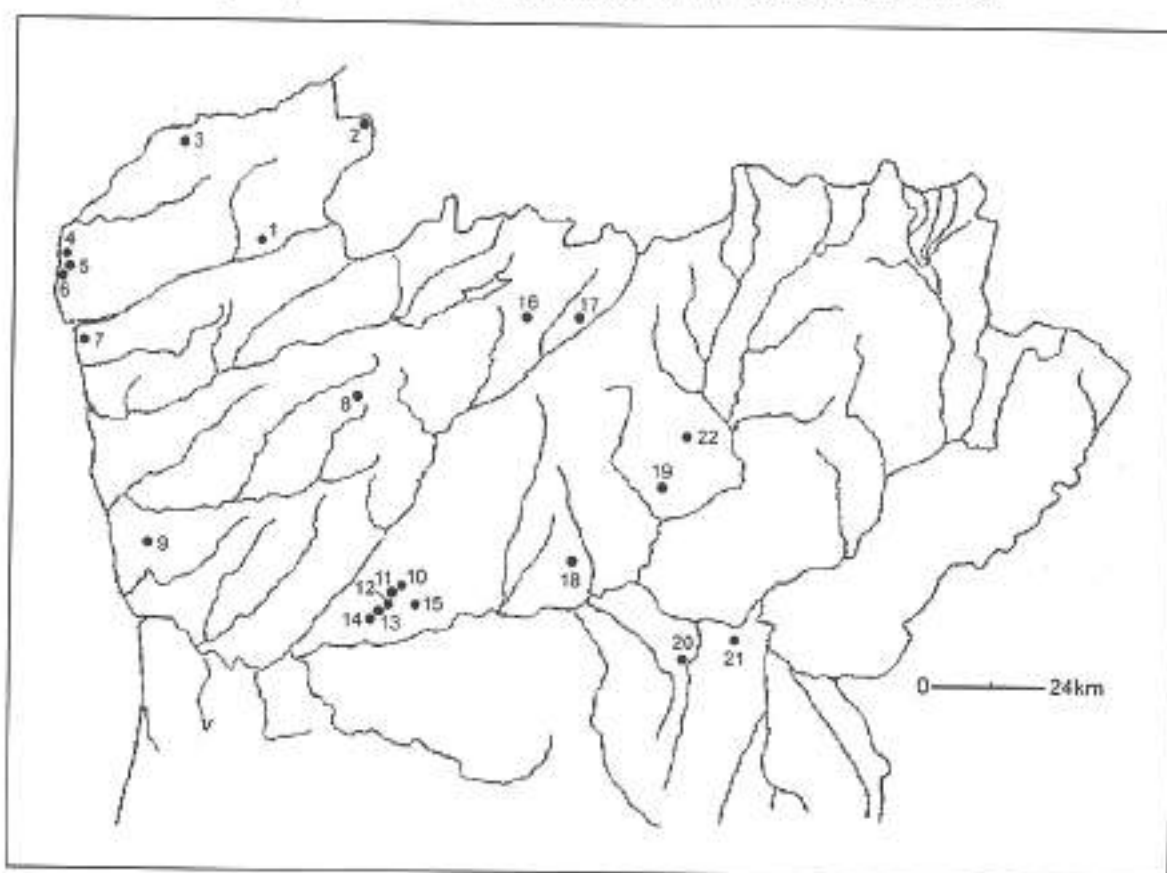
No nível I do *Buraco da Pala* registou-se a ocorrência de elevado número de objectos de adorno, num total de 65 contas de variscite/metavariscite, e um bloco desta matéria-prima (Sanches 1997a: 104). Neste mesmo nível foi ainda possível recolher seis contas em ouro e uma pequena placa no mesmo material, coloca-se a possibilidade da produção ser local (*idem*: 131). Saliente-se ainda a existência no nível I desta estação de um machado em cobre arsenical, talvez também produzido localmente (*ibidem*).

Relativamente à pedra polida foi possível recuperar neste nível um machado e três enxós (Sanches 1997a: 73 – anexo II). No que concerne a pedra talhada detectaram-se vários tipos de artefactos produzidos a partir de diferentes tipos de matéria-prima (*idem*: 40 e 43 – anexo I).

Bibliografia: Sanches 1997a.

ANEXO 2

Mapa de localização das estações arqueológicas do Norte de Portugal nas quais se documentou a presença de cerâmicas campaniformes (adaptado de Jorge 2002: 38).



1. Chã de Arcas; 2. Mamoa 1, 2 e 3 da Portela do Pau; 3. Castelo de Fruião; 4. Dólmen da Barrosa; 5. Mamoa de Aspra; 6. Mamoa de Elreira; 7. Mamoa de Chafê; 8. Lugar de Vargo; 9. Mamoa de Guilhabreu; 10. Dólmen 1 de Chã de Parada; 11. Mamoa 2 de Outeiro de Ante; 12. Tapado da Caldeira; 13. Mamoa 1 de Chã de Carvalhal; 14. Mamoa de Monte Maninho; 15. Mamoa de Vale de Juros; 16. Mamoa 2 de Carvalhelhos; 17. Pastoria; 18. Mamoa 1 de Madorras; 19. Crasto de Palheiros; 20. Castanheiro do Vento; 21. Castelo Velho; 22. Buraco da Pala.

ANEXO 3
Relação contextos/estilos decorativos/número de recipientes campaniformes identificados no Norte de Portugal

N.º Inv.	Estação arqueológica	Tipo de contexto	Mar., inf.	Mar., linear	Pont. Geo.	Estilo Inciso	Liso	Inc. pintada	Matriz de concha	Pont. + incisão	Post. + punt.	Punc.	Pont. Gen. + Inc.	Pont. + Imp.	AOC	Inc.	Imp.	Total
1	Chã de Arcos	Mansoa		2														2
2	Pevelo do Pam 1	Dólmen simples		1	2													3
2	Portela da Paz 2 e 3	Dólmen simples			2													2
3	Castelo de Freixo	Achado ocasional		1														1
4	Barrosa	Dólmen de corredor			1													1
5	Arcos	Mansoa	1	1	1													3
6	Ereira	Dólmen de corredor	1															1
7	Chafé	Dólmen simples	1															1
8	Lugar do Vargo	Achado ocasional			1													4
9	Gaifanhos	Mansoa	1	2	1				1									2
10	Chã de Parada 1	Dólmen de corredor			1													2
11	Queiro de Aze 2	Dólmen simples			2													2
12	Tanado do Colóviro	Povoado		3	2	1				1	1							6
13	Chã de Carnalhal 1	Ciça megalítica	1		2	2	1						1					1
14	Monte Moimbo	Dólmen simples			1													1
15	Vale de Jars 1	Dólmen simples			1													1
16	Corvinhinhos 2	Mansoa				1												1
17	Postoiva	Povoado		1			1	1		4	1			1				9
18	Madeiras 1	Dólmen de corredor		1					1	1								3
19	Crasto de Pólvora	Povoado-monumento	?	?	1	1												18*
20	Castanheiro do Vento	Monumento		1											1			1
21	Coelho Velho	Monumento						19								2	1	22
22	Borvo da Pala	Abriço/ área de armazenamento																1
	Totais		57	137	157	5	2	20	2	5	3	1	1	1	1	2	1	c. 94

* Não foi possível fazer a quantificação por estilos ou técnicas decorativas, com a exceção daquele que se encontra expresso. Contado o número total de recipientes presentes nesta estação não ultrapassará os dezoito vasos campaniformes (Barbosa 1999: 96), contudo existe uma contradição com o número mínimo de 19 recipientes avançado por Maria de Jesus Sanches (2000/2001: 13), citando o estudo realizado por Sandra Barbosa (1999). O número de recipientes campaniformes nesta estação será já mais elevado pois Maria de Jesus Sanches refere que numa sondagem realizada em 1999 foram recolhidas mais cerâmicas campaniformes (Sanches 2000/2001: 13), mas que no entanto não foram estudadas por Sandra Barbosa (1999).